

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA GERAL E ROMÂNICA



AS LÍNGUAS DE CABO VERDE
UMA RADIOGRAFIA SOCIOLINGUÍSTICA

Anexo 13: Temas para Análise das Entrevistas

Tese orientada pela Prof. Doutora Maria Antónia Coelho da Mota

Amália Maria Vera-Cruz de Melo Lopes

DOUTORAMENTO EM LINGUÍSTICA
(Sociolinguística)

2011

TEMAS PARA ANÁLISE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

EXEMPLOS ILUSTRATIVOS

1. Redes Sociais

2. Perfil Linguístico

2.1. Aquisição e/ou aprendizagem das línguas cabo-verdiana e portuguesa (ordem, idade, local, contexto e grau de contacto com a LP e/ou LCV)

(i) Aquisição LCV como LM/Grau de contacto com a LP

i) Baixo contacto com a LP

INF8: *não -- só através disso [leituras esporádicas feitas pelo pai] -- porque naquela altura não havia esses contactos que há hoje -- designadamente através da rádio - da televisão - etc. lá no meio onde nós vivíamos - etc. português raramente se ouvia - sobretudo sendo criança -- a não ser quando fosse para a missa ouvir o padre a dizer as coisas em português e em latim que era na altura... , L 10-14*

INF16: *claro! também! a comunicação social também - o meu pai tinha um rádio... um receptor em casa - e também frequentava a igreja - nos Órgãos - antigamente - praticamente todo o mundo era religioso na altura - então a missa na altura era dada - por assim dizer - em língua portuguesa - os padres falavam sempre na língua portuguesa -- daí que foi mais ou menos isso que me despertou pela língua portuguesa//, L 19-24*

ii) Contacto médio com a LP

INF 10: *“Não aprendi o português e o crioulo em casa, simultaneamente. Convivi com o português, desde cedo, através do meu pai. Ele tinha por hábito falar connosco, os filhos, em português, em duas situações: quando nos admoestava (mas não em todas as situações desse tipo) e quando nos explicava algo ligado a uma área qualquer do conhecimento.”(extracto depoimento escrito)*

INF19: *aprendi a falar primeiramente o crioulo - enquanto minha língua materna -- mas também aprendi a falar o português - em casa pouquíssimas vezes - mas na escola comecei a aprender português -- em casa tive algum... algum contacto com a língua portuguesa uma vez que os meus pais viveram em Angola e já tinham um certo hábito de falar português - por isso...*

iii) Contacto nulo com a LP

INF9: *[...] portanto em sessenta - não havia -- não havia rádio - não havia nada - não se ouvia [...], L 21-22*

INF23: *não - não ouvia -- porque nós éramos... vivíamos... nós éramos... muito pobres - não tínhamos aquele... os instrumentos que agora temos -- o meu pai tinha uma rádio - que ouvia o seu relato - era só isso mais ou menos que nós... L 12-14*

(ii) Aquisição simultânea das duas línguas (LCV e LP como LM)

INF7: [...] posso dizer que - no meu caso - a aprendizagem do crioulo e do português foi simultâneo -- porque - no caso do português - dá-se a circunstância de que eu sou filho de pai português - e minha mãe falava também comigo o português - e claro que também o meu pai falava -- mas eu tinha o contacto das pessoas de casa - como o contacto desde criança - na rua - a gente convive sempre - de modo - eu posso dizer que aprendi as duas línguas ao mesmo tempo//, L 7-13
INF24: sim - sim - de vez em quando [já falava LP antes de entrar para a escola]- com o meu pai - com os meus irmãos..., L 24

(iii) Aquisição LP como LM

INF4: eu sou mais bilingue que muitos cabo-verdianos -- vivi em Angola - portanto - eu me lembro... havia o crioulo dentro de casa - mas eu expressava-me fundamentalmente em português//, L 6-8
INF20: falava português - porque eu vivi em Angola - com a minha mãe - os meus familiares até os oito anos - que eu estive aqui em Cabo Verde..., L 4-5

2.2. Proficiência nas línguas cabo-verdiana e portuguesa (grau de domínio, domínio comparado por capacidades, facilidade de expressão e segurança/insegurança no uso)

2.2.1. Proficiência na LCV

(i) Falar de LCV da sua ilha

INF3: eu falo o badiu - eu falo Santiago [...], L 140 – 1
INF5: eu falo o crioulo de São Vicente [...], 156 – 7
INF20: sim -- só de Santiago//, L 55
INF23: não - não falo [variantes de outras ilhas]- mas entendo muito bem -- não tenho problemas em entender - desde sempre//

(ii) Falar de LCV da sua ilha + variedade da região diferente dessa ilha

i) Falar de LCV da sua ilha + falar de Santiago

INF10: [...] considero que tenho alguma facilidade com as variantes - e eu tento responder - eu tenho utilizado quer o crioulo de Santiago - quer o de São Vicente - quer a minha variante - digamos da minha ilha materna - digamos assim - vou dizer assim - quer a de Santiago [...]116-119
INF21: eu... Maio... eu falo de Maio -- com gente de Maio falo Maio - mas aqui na Praia falo sempre em badiu -- às vezes até quando eu falo badiu - dizem que eu não sou de Maio - porque eu falo mais badiu do que Maio//, L 47-49

ii) Falar de LCV da sua ilha + variedade de barlavento

INF15: pouco -- eu falo o crioulo de São Vicente mas só para me fazer entender - não é rotina//, L 62-63
INF25: doutras ilhas - portanto - Santo Antão que é mais difícil -- mas de são Vicente eu consigo usar - portanto - consigo falar com mais facilidade -- do Fogo também - o sotaque..., L 86-88

iii) Uma mistura de falares da LCV, em função do percurso

INF1: *repare -- eu sou da ilha do Sal - o meu pai é de S. Vicente - a minha mãe é da Boa Vista - vivi durante três anos em S. Vicente e vivo há muitos anos em Santiago -- de modo que eu não sei muito bem definir qual é o crioulo... não sei se se pode falar em crioulo de que ilha [...] algo misto destas três ilhas//, 134-137, 139-140*

INF22: *agora - eu misturo os crioulos -- às vezes tenho uma certa dificuldade -- misturo o crioulo de Santo Antão - de São Vicente - de Santiago//, L 72-73*

2.2.2. Domínio comparado das duas línguas

(i) Melhor domínio da LP na escrita (ler e escrever) e da LCV na oralidade

INF1: *eu acho que... considero a minha proficiência em português boa -- porque ... é a minha língua de trabalho - é a língua que eu utilizo para para a para a minha produção - portanto para... para todos os meus escritos... para a minha comunicação formal... [...], L 61 a 64*

INF1: *[...] não leio em crioulo [...], L 108*

INF1: *não -- eu só escrevo em português -- eu não tenho nenhuma experiência de escrita em crioulo[...], L 100-101*

INF3: *[...] o meu domínio do crioulo é sobretudo oral [...], L 102*

INF3: *[...] toda a minha vida - em 49 anos - sempre escrevi em português -- e escrever em crioulo exigia um grande esforço de tradução - de tradução do que eu estou a escrever do português para o crioulo -- por isso não tenho o hábito de escrever em crioulo - não tenho o hábito de ler em crioulo -- só leio poemas ou textos de uma página - duas páginas - pequenos textos[...], L 366-371*

INF21: *quando eu estou a falar - em crioulo eu expresso melhor -- mas quando eu estou a escrever - eu expresso melhor em... em... em português//, L 61-62*

INF26: *falar o crioulo sim -- mas ler já há alguma dificuldade - mais que ler o português - porque tenho mais o hábito de ler em português - escrever em português - - o crioulo é mais na oralidade//, L 42-44*

(ii) Domínio equivalente das duas línguas na oralidade e na escrita

INF9: *na escrita... eu costumo dizer é uma questão de opção -- se optar por escrever ou falar em português - falo e escrevo em português -- se optar pelo crioulo - também falo e escrevo em crioulo [...], L 45-46*

INF17: *não tenho problema nenhum [falar, ler e escrever em LCV e LP] - em princípio não tenho problema nenhum//*

(iii) Melhor domínio da LP, mesmo na oralidade

INF4: *eu tenho uma grande dificuldade para ler o crioulo até hoje -- eu não consigo ler em crioulo -- a minha leitura em português é muito mais natural do que em crioulo -- em crioulo exige-me um esforço mental que acaba por funcionar como uma espécie de ruído na comunicação que eu procuro através da leitura//, L 68 - 71*

INF20: *eu acho que eu tenho domínio bom a nível da língua portuguesa - bom - e do crioulo acho que é suficiente - eu não sei se é o facto de ter os primeiros anos contacto primeiro com a língua portuguesa -- segundo alguns amigos e familiares costumam dizer que... eu não sei falar o crioulo - porque há palavras que eu não digo correctamente//, L 38-42*

(iv) Algum domínio da escrita da LCV

INF10: *ah! eu acho que neste momento - não digo que escrevo o crioulo com a:: digamos... com a ligeireza e com a tecnicidade do português - mas considero que posso comunicar com facilidade com o crioulo -- servindo-me do que eu chamo um remendo do do ALUPEC [...], L 53-56*

INF10: *leio - mas não leio em crioulo... longe... não como eu leio em português [...], L 64*

2.2.3. Capacidade de expressão nas duas línguas

(i) Igual capacidade de expressão nas duas línguas

INF3: *por mim é indiferente -- a:: talvez se falarmos na época da minha infância - nos primeiros dez anos - eu exprimia melhor em crioulo -- mas nesse momento para mim agora é indiferente -- como uso regularmente o português - para mim já não a::, L, 64 - 167*

INF17: *nunca tive necessidade de procurar uma das línguas em especial para exprimir qualquer coisa - eu consigo sempre dizer aquilo que eu pretendo - quer em português quer em crioulo//, L 75-77*

(ii) Capacidade de expressão dependente do assunto e da circunstância

INF12: *[...] mas eu exprimo-me melhor em termos de sentimentos é em crioulo - é o afecto - a emoção -- quando passa pelo intelecto pela razão é o português [...], L 427-429*

INF12: *eh:: por causa da instrução toda feita em língua portuguesa - eu exprimo... quando tenho algum assunto para tratar - mais científico - expressar coisas que eu considero mais do fórum intelectual - é essencialmente em português//, L 51 - 53*

INF13: *[...] eu acho que... eu consigo ordenar as minhas ideias em português - esforço-me também... tal como as ordeno em crioulo e... eventualmente... eu não sei - não sei se ousaria dizer isso -- que em português - digamos - eu me obrigo... e aí já é um bocadinho de esforço consciente - a um raciocínio lógico - muito mais seguro do que em crioulo - talvez porque quando falo português - é em determinadas circunstâncias como esta em que estou agora - e que quero expressar conteúdos que estão para além do quotidiano imediato em termos de conteúdo [...], L 246-253*

INF28: *estou mais habituada a falar em crioulo -- eu exprimo melhor -- mas se for para explicar uma coisa a uma certa pessoa - então eu exprimo melhor em português do que em crioulo//, L 58-60*

INF29: *a:: para certos casos... não que sejam ideias que requerem uma maior elaboração - eu utilizo o crioulo - acho que o crioulo é melhor -- mas para certos casos - casos em que há maior elaboração mental - eu uso o português//, L 67-69*

(iii) Melhor capacidade de expressão na LCV

INF11: *não -- não -- em crioulo -- em crioulo//, L 133*

INF25: *ah! creio que em crioulo - acabo por expressar muito mais em crioulo//, L 68*

(iv) Melhor capacidade de expressão na LP

INF4: *eu - por causa da minha trajetória - eu considero que me expresso melhor em português//, l 27 - 28*

INF4: *em qualquer circunstância -- normalmente eu me expresso melhor em português [...], L 32 - 34*

INF7: *sim - posso dizer-lhe que de longe - não é? exprimo-me muito melhor em português do que me exprimo em crioulo [...], L 59-60*

2.2.4. Segurança/insegurança no uso das duas línguas

(i) Igualmente à vontade nas duas línguas

INF2: *sim -- penso que é isso -- igualmente à vontade//, L 98*

INF25: *sinto-me à vontade//[na LP], L 72*

INF25: *sinto à vontade também [na LCV], -- não - não há problemas//, L 82*

(ii) Mais à vontade na LCV

INF10: *não - com à vontade -- naturalmente... quer dizer... há uma... há uma questão que é... que é... que é evidente -- quando se fala... nós quando falamos português - eu e qualquer outra pessoa em Cabo Verde - há sempre um aspecto que é a a aferição [...] portando eu diria que mesmo estando à vontade - eu sinto que falo à vontade - eu tenho... digo que tenho esse distanciamento em relação a mim mesmo -- sei sim que há momentos que eu estou a usar estratégias para evitar ter de dar as tais barracas em português - por exemplo questão de conjuntivo - etc. -- sei - sinto que tenho essa estratégia - não tenho essa preocupação em crioulo -- portanto - por mais à vontade - e eu tenho muita - acho que tenho muita à vontade a falar português - mas digamos que é um comunicar mais vigiado - ou auto vigiado - do que quando falo em crioulo -- é - eu acho que há issoll, l 126-139*

INF11: *crioulo eu falo naturalmente -- falo crioulo -- falo naturalmente -- não faço... hoje faço vigilância e recomendo que se faça porque também temos de dar um pouco de atenção ao crioulo -- senão ele vai descarrilar completamente - não é? e perder a sua própria alma a sua própria alma - - mas o português não consigo falar sem fazer uma certa vigilância - uma certa vigilância um pouco apertada até - não é? enquanto que o crioulo falo naturalmente -- não há nenhuma comparação -- com o português - costume dizer que se falar muito dói-me a cabeça//, L 124-130*

INF19: *é claro que me sinto mais à vontade quando falo em crioulo -- por ser a minha língua materna - a língua com a qual eu convivo diariamente... em todas as circunstâncias - sinto-me mais à vontade -- mas não... em situações que tenha que usar também o português não me sinto inibida//, L 63-66*

(iii) Mais à vontade na LP

INF7: *ah - é o português! a língua que me sinto mais à vontade é o português//, L 53*

2.3. Uso das línguas nas diferentes capacidades

2.3.1. Frequência e duração de uso por modalidades

(i) Frequência e duração no modo oral

i) LCV, falada com mais frequência e duração

INF1: *crioulo necessariamente//, L 312*

INF28: *é sempre em crioulo - crioulo mais do que português -- português eu uso - na maioria de vezes - é sempre na escola e no trabalho//, L 281-282*

INF25: *a:: também crioulo//, L 263*

ii) LP, falada com mais frequência e duração

INF4: *eu sou o que se pode dizer talvez um bilingue natural porque ... **expresso-me em português boa parte do tempo** - e como também sou casado com uma brasileira - em casa geralmente a gente fala em português -- mas com amigos colegas de trabalho eu me expesso em crioulo//, l 20 - 21*

INF7: *com certeza - com certeza [falar LP com mais frequência e duração]//, L 186*

iii) LP e LCV faladas com igual frequência e duração

INF3: *eu ponho em média - cinquenta por cento //, L308*

INF8: *[...] eu acho que indiferentemente [...], L 201*

(ii) Frequência e duração da leitura na LCV

i) Alguma leitura

INF4: *eu tenho uma grande dificuldade para ler o crioulo até hoje -- eu não consigo ler em crioulo -- a minha leitura em português é muito mais natural do que em crioulo -- em crioulo exige-me um esforço mental que acaba por funcionar como uma espécie de ruído na comunicação que eu procuro através da leitura//, L 68-71*

INF10: *[...] no fundo é quase que se eu não tivesse opção - é quase que uma imposição externa -- porque o que eu leio - o que eu procuro - o que eu tenho que ler como prazer ou como... por exemplo se eu tenho de ler obras relacionadas com a minha actividade parlamentar - vou os encontrar no mínimo em português ou em outra língua - não os vou encontrar em crioulo - portanto é uma imposição -- aqui é quase que uma determinação//, L 81-86*

INF3: *muito raro - muito raro -- e **quando está em ALUPEC - pior ainda**//, L 112*

INF7: *[...] eu tenho uma **relativa má vontade na leitura** do crioulo que eu actualmente... actualmente vejo - com o... o... , L 215-17*

INF7: *com o ALUPEC - por exemplo **com o ALUPEC** [...], L 219*

INF18: *eu não sou muito bom em ler crioulo -- confesso que ler eu tento - leio até algumas vezes porque gosto de estar em... eu adoro o crioulo//, L 35-36*

ii) Ausência de leitura

INF1: *[...] não leio em crioulo -- portanto - não é comum - não é corrente eu ler em crioulo [...], L 105 -106*

INF15: *não - só se tiver alguma coisa escrita - assim um anúncio ou... mas procurar um livro em crioulo para ler - não//, L 56-57*

(iii) Escrita na LCV

(1) Operacionalização da escrita

i) Recurso ao ALUPEC

INF2: *primeiro tive que me familiarizar com o alfabeto - e tomei como instrumento o ALUPEC [...], L, 314-15*

INF2: *acho que nesta parte do discurso - também não tenho tido problemas - porque consigo ordenar - organizar as ideias - não...enfim - **vou arrumando o texto com os parágrafos consoante - consoante a lógica e o encadeamento... como se faz em português - ao fim e ao cabo**//, L 334 - 337*

INF2: *deixa ver -- procuro evitar que nas duas línguas haja **interferência abusiva** numa na outra... L 339 - 340*

INF9: *não - não - o ALUPEC [...], L 415*

INF9: *não - não -- **ái é uma outra coisa [aspectos mais discursivos]**-- eu penso que é um trabalho que ainda não se fez - mas vocês - linguistas (?) deverão pensar nisso - dar uma contribuição na questão da **estruturação da escrita** -- nomeadamente na questão dos parágrafos - dos sinais de pontuação nomeadamente a vírgula - ponto e virgula - dois pontos e essa coisa toda - porque eu noto que na utilização desse sinal de pontuação - eu suponho que **a minha influência vem sobretudo do português**//, L 448 - 453*

INF23: *o APLUPEC - utilizando o ALUPEC//, L 311*

INF28: *o ALUPEC//, L 344*

ii) Escrita etimológica

INF5: *[...] eu escrevo aquele crioulo inventando que a gente sempre escreveu - etimológico [...], 106 - 107*

INF8: *[...] e mesmo hoje quando escrevo em crioulo - ainda escrevo utilizando o alfabeto antigo - o alfabeto... o alfabeto normal -- quer dizer - não... ainda não sei utilizar - porque não me dediquei -- a culpa portanto é minha -- não sei dizer que seja difícil ou fácil - o ALUPEC [...], L 77-80*

INF13: *quando escrevo em crioulo - eu acompanho o som -- por exemplo - eu... quando... fonético - por exemplo... não é o ALUPEC [...], L 142-43*

INF13: *sim - eu sigo o alfabeto português//, L 202*

INF17: *etimológica -- regra geral eu utilizo mais a escrita etimológica quando eu escrevo e-mail - quando eu faço e-mail -- o ALUPEC não é conhecido lá fora - a não ser por umas pessoas muito específicas - e mesmo em Cabo Verde não tem assim - não tem... o ALUPEC não tem assim ainda uma divulgação porque... como ainda não está oficializado - e vários alfabetos..., L 469-473*

iii) Recurso aos conhecimentos obtidos na formação

INF21: *eu - quando eu comecei a escrever em crioulo ainda nem... não tinha vindo para o ISE -- escrevia assim - aquele crioulo... tipo um crioulo aporuguesado - não é? mas... agora não -- agora quando eu escrevo crioulo é sempre crioulo..., L 374-377*

INF22: *escrever em crioulo não -- só um pouquinho -- aprendi quando estava no curso -- aprendia alguma coisa com o professor Manuel Veiga//, L 39-40*

(2) Tipos de escrito

i) Expressivos e expressivo-referenciais

INF12: *[...] mas na Internet... MSN... eu falo... [...] eu uso muito pouco muito pouco a escrita em crioulo - é mais para situações pontuais - e curto!, L 361, 366-67*

INF19: *[...] quando comunico-me através de uma carta com os meus irmãos - tinha por hábito escrever sempre em português -- mas a partir de um determinado momento passamos a escrever as cartas em crioulo//, L 497-499*

INF23: *há dias eu deixei um recado à minha filha -- e ela diz porque não escrevo em português - deixei uma folha de caderno em crioulo - e ela brigou comigo//, L 291-92*

ii) Textos literários

INF9: *ah! quando são coisas minhas - poemas - ou comunicação por exemplo - para apresentar em fórum dos cabo-verdianos - normalmente eu faço sempre em crioulo [...], L 309- 310*

INF29: *mais poemas - é mais poemas -- já tentei escrever um artigo de fôlego - uma crónica - ou qualquer coisa em crioulo - mas é mais difícil - acho//, L 382-383*

iii) Informativo-referenciais

INF11: *só não escrevo em crioulo um requerimento que sou obrigado a fazer em português -- o resto - cartas a:: as minhas notas - de uma forma geral [...] a organização do meu trabalho - os meus relatórios pessoais - faço faço em crioulo -- eu costumo dizer que o crioulo é a minha língua oficial//, L 233-34, 237-238*

INF24: *[...] eu escrevi quando andávamos a estudar - portanto - no bacharelato - na licenciatura//, 401-402*

iv) Traduções

INF5: *já --já tentei... mas... [...] eu escrevi o texto em português primeiro - depois eu passei para crioulo [...]]// L, 132*

INF7: *eu já traduzi quatro poesias do Fernando Pessoa para o crioulo - eu já traduzi [...] uma belíssima poesia que serviu de letra a um fado que a Amália canta - era Fado Peniche [...]L 205-206, 207-208*

v) Persuasivo-argumentativos

INF10: *durante algum tempo redigi **programas radiofónicos** em crioulo -- programas políticos em crioulo -- directamente em crioulo -- então ganhei alguma técnica de escrever rapidamente, L 59-61*

(3) Dificuldades

i) Nenhuma

INF9: *não -- poderei ter dificuldades em saber o que eu quero dizer mas não propriamente instrumento -- **eu não tenho dificuldade nenhum** [...], L 430-31*

ii) Não domínio do alfabeto e/ou da escrita

INF19: *muitas -- por exemplo - eu ainda... é uma dificuldade que eu frequentemente tento interiorizar -- é na hora de escrever o 'q' ou o 'k' - por exemplo -- é uma das dificuldades -- dois 's' ou um 's' - por exemplo -- nessas horas eu tenho que parar um pouco para raciocinar e relembrar as coisas que aprendi e decidir como escrever//, L 374-378*

INF25: *dificuldades... é assim - aquela parte fonética - sentir o som - tenho que ver a grafia - "será que é assim?"- depois eu tenho que consultar [o ALUPEC] para não trocar o fónico com outra consoante - é isso - mas já... , L 346-348*

iii) Pontuação

INF9: *acho que vem naturalmente[a influência da LP] porque foi o português que eu estudei -- eu não estudei a escrita do crioulo - porque nunca se ensinou -- ainda não se me ensinou convenientemente -- mas eu pelo menos nunca ninguém me ensinou a escrever em crioulo -- então eu penso que mesmo em crioulo há uma prosódia que talvez exija uma revisão uma adequação - melhor - desses **sinais de pontuação** a:: para respeitar a prosódia -- eu suponho - mas eu claro - como não sou linguista nem tenho pretensão de o ser... eu coiso... mas eu acho que teríamos algo a ganhar - e:: se tomássemos em conta a prosódia - para a partir daí verificar se não haveria uma adequação maior dando uma volta em... ou adequando melhor a escrita a esta prosódia -- suponho que seria uma contribuição muito boa -- porque eu vou ao francês - eu noto que... mesmo comparando com o português... eu noto que... talvez por causa da prosódia... mas eu noto que os sinais de pontuação que... eu utilizaria outros em português para coiso... acho que isso é que me chamou a atenção -- também em crioulo devemos fazer caminhar no sentido uma experimentação para ver em que dá// , L 455 – 468*

INF16: *tenho problemas - tenho problemas de 'n' - temos problemas de... entonar... [...], L 447*

iv) Transposição de letras para o fonológico

INF18: *a escrita - a escrita do crioulo... há muita... como é que eu diria? as palavras que... os sons que usam... como é que se diz? por exemplo o 'dj' - o 'tchau' - o... , L 367-368*

INF28: *às vezes sinto dificuldades por exemplo no som de algumas letras//, L 347*

v) Carência de uma norma padrão e/ou de regras de escrita

INF5: *o que eu sinto - quando estou a escrever em crioulo - é que falta mesmo uma **norma** -- há muita necessidade disto, 147 – 8*

INF19: *poucas vezes - poucas vezes - uma hora ou outra -- quando começo a escrever sinto muita dificuldade -- confesso que ainda para começar a escrever em crioulo eu tenho que ter um longo período de treino - de assimilação principalmente do alfabeto -- e ainda temos essa discórdia do alfabeto - essa... qual vai ser a variante que deverá ser adoptada para a escrita ou não -- e penso que essa confusão ainda também... isso acaba também por gerar uma certa confusão -- é claro que ao escrever - claro - eu vou escrever na variante que eu falo -- opto por escrever na variante que eu falo -- mas mesmo escrevendo na variante que eu falo - eu sinto uma certa dificuldade -- e acredito que outros que não tiveram por exemplo uma formação como eu tive - por exemplo em língua cabo-verdiana - linguística cabo-verdiana... já tenho algum conhecimento que me permite ter uma noção da escrita -- como escrever em língua cabo-verdiana - mas outros que não tiveram - se calhar terão maiores dificuldades do que eu//L 306-372*

vi) Acentuação

INF10: *acentuação -- com o ALUPEC é a **acentuação** [...] e então acho que os erros que eu cometo mais são erros mais... menos de ortografia e mais de acentuação [...] , L 346; 348-349*

INF18: *o 'nho' - N-H-O- só -- há outros que dizem [escrevem] nhô fechado - nhô//, L 376*

vii) Cognitivas

INF12: *não... crioulo eu não... de uma maneira geral não uso -- eu tenho dificuldades em pensar em português - porque tenho influencia - e depois escrever isso em crioulo 8...], L 381-383*

INF21: *só que às vezes - há expressões que não sei como é que eu vou colocar -- às vezes - se eu estou a pensar em português - encontro uma expressão - quero colocar essa expressão em crioulo - eu não encontro essa expressão em crioulo//, L 393-385*

viii) Uso da apóstrofe

INF20: *[...] agora escrever eu acho que é difícil porque há aquele problema - tem que usar o 'c' tem que usar o 'k' - onde é que é apóstrofe -- eu acho que ao nível da escrita do crioulo eu acho que é difícil para mim//, L 69-71*

ix) Uso do hífen

INF10: *[...] embora tenha algumas dúvidas com as conjugações pronominais - como é que a gente... tenho alguma dúvida - **o traço** - tenho alguma dúvida //, L 350 – 351*

x) Inerentes à tradução

INF7: *[...] e também porque me parece que a maior parte dos indivíduos que eu leio - e que também fazem traduções - não sabem traduzir poesia - não têm a noção de que... determinadas palavras - determinados conceitos - determinadas imagens - etc. ... porque há uma relação entre a ideia e a palavra - não é passá-la do português - por exemplo - para o crioulo - simplesmente utilizando o mesmo étimo - e o assunto está resolvido [...], L 219-25*

2.3.2. Distribuição do uso das línguas por domínios sociais

(1) Domínio íntimo

i) Uso exclusivo da LCV

INF11: *exclusivamente o crioulo//, L 49*

INF28: *normalmente em casa é sempre crioulo//, L 23*

ii) Algum uso da LP (predomínio da LCV, com extensão da LP)

INF12: *eu acho que eu estou numa fase de bilinguismo - com a minha mulher... portanto com a minha actual família - mulher e filha que são portuguesas - e os familiares - eu falo português --- com os meus filhos do primeiro casamento que são cabo-verdianos - eu falo o cabo-verdiano [...], L 26 - 28*

INF22: *tenho um tio que fala português e com ele eu falo português -- ele já fala português desde... não sei... desde o início porque o pai dele - que era o meu avô - era professor e falava português em casa com os seus filhos -- então - com esse meu tio eu falo português//, L 24-27*

INF15: *bom - em princípio falamos português quando é para explicar - digamos assim - como meio de... eu diria até de convencer qualquer coisa - quando se discute qualquer coisa//, L 30-32*

INF29: *em casa - eu... usamos mais o crioulo - não é? mas às vezes - tenho de falar o português com a minha filha que está a estudar para poder também... para poder apreender - mas - grosso modo - nós falamos o crioulo//*

INF10: *[...] já me lembro de falar com as minhas filhas em português... mas muito raras vezes - que já nem tenho memória de como é que isso acontece//, L 26-27*

INF5: *habitualmente o crioulo -- de vez em quando eu:: falo em português evidentemente -- até as minhas filhas costumam dizer uma para a outra - "cuidado que mamã já começou a falar português"-- quer dizer que o assunto é sério - ela já está quase zangada//, 66 - 69*

INF26: *((risos)) namorar - se calhar às vezes pode vir uma ou outra palavra em português - se calhar para exhibir - mas normalmente em crioulo//, L 302-303*

iii) Uso quase exclusivo da LP

INF7: *não - normalmente eu uso é a língua portuguesa [...], L22*

(2) Domínio informal

i) Predominância da LCV

INF1: *[...] na minha relação com... com... mercado entendido de uma forma geral -- nas lojas - quando faço compras - enfim - na minha conversa com os amigos mais próximos - do dia a dia... [...] é tudo em crioulo, L 336-338, 339*

INF1: *[...] mas tenho também algum... um circuito de amigos - onde utilizo o português // L 45- 46*

INF1: *[...] cabo-verdianos que tenham vivido muito tempo em Portugal e que se expressam melhor - ou pelo menos estão mais habituados a se expressarem em português do que em crioulo// L 49 a 51*

INF29: *com os meus amigos e os meus colegas mais próximos uso o crioulo - normalmente -- de quando em vez - o português - quando os amigos também falam português - muitos não são de cá - falam normalmente português//, L 23-26*

ii) Uso da LCV e da LP

INF8: *[...] nas minhas relações sociais com os amigos - falo indiferentemente em português ou em crioulo consoante for o interlocutor -- e às vezes falámos em português e em crioulo - quer dizer - passamos de uma frase para outra em português e em crioulo - como de facto um verdadeiro bilingue[...], L 21-25*

INF16: *quando estamos num meio - não é? que temos... não há problema em falar a língua portuguesa -- quer dizer há como se fosse uma marginalização -- quando o meio é favorável - quando estou reunido com os meus amigos - não é? na minha casa - por exemplo - quando sabemos que estamos a falar a língua portuguesa - que ninguém interfere - falamos a língua portuguesa -- mas quando sentimos que podemos ter interferências de outras pessoas - aí então falamos a língua crioula - usamos a língua crioula -- também quando estamos mesmo a:: quando vamos a um restaurante por assim dizer - falamos a língua crioula//, L 251-59*

(3) Domínio formal

(i) Distribuição do uso

i) Uso da LP com extensão da LCV

INF1: *[...] o crioulo é uma língua que eu - que eu uso muito na minha comunicação oral com as pessoas que trabalham comigo [...], L 65 a 66*

INF1: *[...] o português é utilizado só nas circunstâncias um pouco mais formais não é? seja a nível do trabalho - seja a nível de reuniões formais [...] nas circunstâncias oficiais em que efectivamente [...] ou onde não há só apenas nacionais [...], L 300 – 303*

INF17: *nas repartições públicas sim - mas nem todos - nem com toda a gente -- com as pessoas que eu tenho amizade - liberdade - contacto - a gente arranca a conversa com o crioulo e acabou-se a história - não e? [...], L 280-282*

ii) Uso da LP (exclusivamente)

INF7: *na na generalidade - por exemplo - os amigos de convivência normal - etc. - nós falamos em português - eu falo em português e essas pessoas também falam em português -- por vezes pode... com pessoas [...]que são de um estrato social que normalmente se considerará que seja - por exemplo - inferior ao meu - e que não tenham o português no seu uso quotidiano - eu posso me dirigir assim - falar assim em crioulo - mas a quase generalidade da minha conversa - quer seja eu o receptor - quer seja eu a pessoa que se dirige - é o português//, L 169 – 171, 173-176*

INF7: *era proibido [usar a LCV nas repartições públicas] -- mas repare - são proibições que se... se... são para não ser cumpridas - ser cumpridas -- verificava-se esta tendência nas pessoas - falar - não é? a vossa geração é que me parece... a vossa geração é que começou a dar um certo prestígio de utilização - quer dizer - ao crioulo - nas repartições - etc. - porque a minha... eu no meu tempo - mesmo no liceu - entre nós alunos - falávamos em português//, L 454-459*

INF19: *predominantemente falo em crioulo -- mas em contextos bastante formais é que costumo usar o português//, L 34-35*

(ii) Contextos de extensão da LCV para o domínio formal

i) Locais de culto e rezar/orar

INF14: *[...] agora - na igreja - também utiliza-se muito muito o crioulo - porque - por exemplo - os padres fazem... habitualmente nas missas fazem as orações em português - mas quando fazem a homilia - é em crioulo -- a maior parte dos padres cabo-verdianos usam ... fazem as homilias em crioulo//, L 352-355*

INF20: *misturam as duas línguas -- há pessoas que falam em português mas a maioria fala em crioulo - mesmo os dirigentes...[religiosos], L 330-31*

INF5: *quase sempre crioulo [...] ou posso também falar - rezar em português -- normalmente as minhas orações são informais porque não sou católica - não tenho orações padronizadas -- portanto as minhas - as minhas conversas com Deus são muito minhas//, L 289 – 294*

INF14: *utilizo muito a língua... o crioulo [para rezar]//, L 285*

INF22: *conforme - às vezes... para rezar por exemplo - rezo em português -- só de vez em quando é que rezo em crioulo//, L 215-216*

ii) Repartições públicas e outros espaços oficiais

INF3: *ouço o português ou o crioulo -- porque agora em Cabo Verde virou moda falar o português ou o crioulo em espaços oficiais -- ouço o português ou o crioulo nos espaços oficiais - se não é uma reunião muito formal - em que se usou desde a partida o português como língua de trabalho -- mesmo que - digamos - que o conferencista ou que a reunião esteja a ser dirigida em português - ao lado haverá sempre gente a falar crioulo//, L 322 – 327*

INF26: *às vezes eu começo por fazer uma introdução em português - mas se a pessoa responder em crioulo - vamos falar em crioulo -- se me responder em português então falamos português//, L 251-252*

iii) Reuniões de trabalho

INF4: *tanto numa língua como outra [nas reuniões de trabalho]// L 130*

INF10: *[...] varias reuniões do parlamento... no grupo parlamentar - por exemplo - falamos ora português - ora crioulo [...], L 29 - 30*

INF24: *bom - nas reuniões profissionais - algumas vezes abordamos [usamos] a língua portuguesa//, L 273-274*

(iv) Áreas de actividade

i) Política

INF4: *o crioulo - desculpe -- raro é o político que vai num comício de três quatro mil pessoas que se vai exprimir em português -- geralmente - normalmente - ele faz isso em crioulo porque **sabe que se... exprimindo-se em crioulo tem mais possibilidades de fazer passar a sua mensagem**//, L 499 – 502*

INF4: *[...] por exemplo eu costumo ter outro outro exemplo de Onésimo Silveira -- ele é dos poucos políticos em Cabo Verde que faz comícios em português [...] portanto está a ver... portanto - o Onésimo - pela sua trajectória - ele chegou a um determinado patamar numa ilha com as características de São Vicente e então a percepção a percepção que eu tenho é que ele ao usar o português para comunicar-se com os seus potenciais eleitores - ele no fundo está a mostrar a essas pessoas que está valorizando essas pessoas utilizando o português e não o crioulo -- esta a ver?, L 507 – 509, 511- 516*

INF8: *[...] depende -- há situações em que eu uso português porque muitas vezes... eu também sou político... [...] eu sei o que a pessoa quer falar - sente-se melhor... não porque está mais à vontade a falar - mas sente-se melhor e mais valorizado em falar o português - eu falo português indiferentemente -- **porque eu tenho que perceber qual é a lógica das pessoas -- as pessoas... portanto - se eu for falar crioulo com ele - por causa deste complexo que existe e desta mentalidade - muitas vezes pode pensar que estou a desvalorizá-lo -- então - falo português//, L 113- 114, 121 - 126***

INF10: *sim - sim -- há contextos onde eu só... por exemplo - eu nunca me lembro de ter feito nenhuma reunião - nenhuma reunião política na base - em português -- quando digo na base - não só em Santiago - mesmo em São Vicente - onde eu faço todas as campanhas ou grande parte - não me lembro de nenhuma reunião em português //, L230-234*

INF10: [...] também já utilizei o crioulo em mensagens relativamente a::: quando se trata quando se trata de (?) reuniões no meu círculo eleitoral - por questão mesmo de afectividade - não é um calculismo político -- senti que dizendo em crioulo estaria dizendo melhor - com mais afectividade - é nestes casos//, L 120-123

INF14: [...] também é em crioulo porque habitualmente as próprias reuniões partidárias são feitas - a maior parte das vezes em crioulo - a não ser que seja a apresentação de algum tema - aí vai-se para a língua portuguesa -- mas há pessoas que mesmo a apresentar temas - têm aquilo em português - fazem a projecção - mas vão utilizando o crioulo - aí varia - depende das pessoas - mas se for a apresentação de algum tema - vai-se para a língua portuguesa// L 63-68

INF14: bom - no terreno é essencialmente crioulo -- se a gente for fazer alguma visita a algum bairro - aqui na Praia ou Santa Catarina - ou outro sítio qualquer é em crioulo -- mas também por exemplo - eu já fui [—]- tive de fazer alguns contactos - já na qualidade de ¹Y - e aí - quando são contactos - por exemplo com militantes ou com pessoas do partido - também é em crioulo porque habitualmente as próprias reuniões partidárias são feitas - a maior parte das vezes em crioulo [...], 59-64

INF14: [...] por exemplo na assembleia - geralmente não utilizo o crioulo - uso mais o português -- há pessoas no parlamento que - por exemplo - nas sessões - umas falam mais em crioulo outras mais em português - mas no parlamento geralmente utilizo a língua portuguesa - crioulo se calhar tenho utilizado muito - muito pouco - muito poucas vezes// , L 79-83

ii) Comunicação social

INF3: [...] quando faço as minhas intervenções na rádio e na televisão geralmente faço em português -- há casos em que faço em crioulo - quando é necessário - porque normalmente eu participo em temas relacionados com o ambiente e cultura - são áreas com que eu trabalho - se for ambiente e cultura... cultura muitas vezes faço programas em crioulo -- programas de ambiente regra geral faço em português - e quando eu faço análise de notícias internacionais faço em português//, L 41-47

INF3: [...] se estou num debate na rádio - na televisão - em que estamos a discutir problemas internacionais eu falo em português - porque regra geral estes programas são em português -- salvo se for um programa... por exemplo - for um tema do quotidiano cabo-verdiano - e que o jornalista começa em crioulo - eu nesse caso também respondo em crioulo//, L 80-85

INF4: uma ou outra palavra posso pôr [escrever] em crioulo -- mas normalmente em português//, L 185-186

INF4: por exemplo em acções de trabalho - geralmente -- sobretudo com individualidades políticas - onde a formalidade impera - acaba por ser em crioulo - em português -- mas se for um contacto com uma pessoa que - de certa forma - faz parte das minhas relações - nós tendemos a falar em crioulo também//, L 162 - 165

INF26: mas na televisão - estamos habituados a ouvir de tudo - mas se calhar há um predomínio do português//, L 385-386

INF19: acho que na comunicação social também há predominância da língua portuguesa - ainda -- no telejornal há predominância da língua portuguesa - embora - por exemplo nas rádios - nas estações radiofónicas já haja uma... mais abertura para a divulgação da língua cabo-verdiana -- mas ainda na televisão essa divulgação está quase que nula//, 326-330

¹ Indicação de um alto cargo político.

iii) Justiça

INF8: *"Normalmente (e falo dos processos em que intervenho), o diálogo entre os Magistrados (Juizes e representantes do Ministério Público), entre os Magistrados e os Advogados, e entre estes, faz-se em língua portuguesa. Mas os interrogatórios e as audições das partes (autores, réus e assistentes) e das testemunhas ou mesmo dos peritos, faz-se indiferentemente em "crioulo" (língua cabo-verdiana) ou em "português", consoante os mesmos se sintam mais à vontade numa ou noutra língua. Já não há necessidade (nem sequer nos passa pela cabeça!) de ter intérpretes [funcionários nomeados e previstos nos quadros dos Tribunais antes da independência] para nos fazermos entender, pois, se for necessário, é o próprio Magistrado ou Advogado a intervir na língua (cabo-verdiana ou portuguesa) em que o interlocutor (parte, testemunha, perito, etc.) se sente mais à vontade e se exprime melhor."* (Extracto depoimento escrito)

INF13: *"No tribunal, no diálogo para apuramento dos factos, com os arguidos, testemunhas e declarantes, uso o crioulo, a menos que perceba que a pessoa em causa, prefere usar o português. Com o juiz, nas alegações e outros diálogos orais, uso o português. O mesmo acontece em tudo o que seja escrito. Entretanto importa frisar que nas relações processuais não públicas com os juizes, os mais maduros e seguros de si falam descontraidamente o crioulo com os advogados enquanto os mais inseguros técnica e humanamente parecem refugiar-se no português, como uma espécie de distanciamento ou de "respeito imposto". Nas sessões públicas, o crioulo é mais raro na relação com os juizes, mas a lógica é semelhante. No diálogo com os clientes, no escritório, uso o crioulo a menos que a pessoa em causa se me dirija em português e perceba que ele prefere o português."* (Extracto depoimento escrito)

iv) Medicina

INF15: *normalmente crioulo - mas quando vem um paciente - portanto estrangeiro sobretudo quando é um brasileiro - ou alemão - ou... aí usamos o português//, L 68-69*

INF15: *às vezes - os cabo-verdianos - quando são técnicos superiores gostam... depende da introdução - se o paciente começar a consulta em português - a gente fala português -- quando é técnico superior ou quadro - às vezes sim - usam o português na consulta//, L 82-85*

INF15: *mesmo com os pacientes falamos o português - introduzimos o tema - e depois deixamos as pessoas à vontade -- a grande maioria prefere colocar as questões em crioulo -- e aí somos quase que obrigados a fazer a tradução e desenvolver o tema em crioulo - portanto - passamos da apresentação - para a discussão em crioulo -- muitas das vezes - no final - as recomendações vêm de novo em português - porque as pessoas vão encontrar - ou vão ouvir os spots e os lemas todos em português -- temos... quase que somos obrigados a pensar em - crioulo portanto - mas na comunidade - portanto académico - a gente prefere o português - as discussões a nível dos médicos - sobretudo de trabalho - é tudo em português//, L 263-270*

(v) Educação

(1) Interação professor/ alunos na sala de aula

(i) Por iniciativa dos professores

i) Não usam a LCV

INF27: *não - nunca -- mesmo que os alunos tenham dificuldades em compreender português - eu nunca falo crioulo com eles - nem para tentar explicar alguma coisa -- eu faço questão sempre de falar em português - se é alguma matéria que é complicada - se eles não entenderem - eu procuro explicar de uma forma mais simples - para ver se eles chegam àquilo que eu pretendo// , L 227-231*

INF29: *com os meus alunos - eu falo - por uma questão profissional - eu falo apenas língua portuguesa// , L 119-120*

ii) Uso deliberado

a) Técnica de ensino

INF11: *[...] quando fui professor no liceu - fui professor no liceu e dava aulas nas duas línguas e recorria às duas para..., L 301 - 302*

INF11: *usava o crioulo nas aulas para os miúdos poderem entender o conteúdo para... para entenderem aquilo que estava a explicar//, L 304-305*

INF24: *naturalmente que sim -- quer dizer - quando o aluno tem alguma dificuldade - manifesta dificuldades na compreensão - digamos - dos conteúdos em língua portuguesa - lá vamos nós - quer dizer - tentar dissipar a dificuldade - usando esse meio//, L 323-326*

b) Instrumento de aprendizagem da LP (uma função de apoio)

• Desbloquear a expressão/ levar o aluno a agir verbalmente em L2

INF16: *e::: eu costumo utilizar crioulo -- em que circunstância? normalmente há alunos que não gostam de falar a língua portuguesa -- quando um aluno fala a língua crioula - na sala de aula - há alunos que fazem troça - (?) por assim dizer -- eu costumo utilizar a mesma linguagem do aluno que fala a língua crioula para fazer a tradução na língua portuguesa -- normalmente utilizo o mesmo aluno - quando um aluno fala crioulo comigo - tudo bem - às vezes fica marginalizado perante a turma -- então eu utilizo mais um aluno para traduzir a mesma frase na língua portuguesa - normalmente é assim -- mas quando estou a falar dentro da sala de aula - normalmente não uso a língua portuguesa - não uso a língua crioula - somente a língua portuguesa - eu acho... , L 386-395*

INF18: *por exemplo em aulas -- por exemplo em aulas -- eu muitas vezes nas minhas aulas - quando por exemplo... eu - no ano passado - tive um aluno... uma aluna - que vinha totalmente bloqueada - não conseguia exprimir nada em português -- eu quando descobri isso comecei - portanto - comecei a investigar a aluna - a criar motivos para conversarmos -- mas vi que de nenhuma maneira ela se desbloqueava -- então - eu tive que pedir à aluna que falasse em crioulo -- mas mesmo assim ela não... eu tive que falar crioulo com ela - para ver se ela arrancava - não é? e ela lá conseguiu dizer alguma coisa e os colegas até disseram-me assim -- "não professor - ela não costuma falar português e não tem... tem vergonha de falar português - é por isso é que ela não fala" -- então eu usei - tive que usar o crioulo - para depois fazer com que a própria - portanto - dissesse a mesma coisa em - português -- bom - não foi fácil -- não foi fácil -- portanto - eu normalmente não costumo usar o crioulo nas aulas -- agora..., L 253-264*

- **Recontextualização de conhecimentos de fora de sala de aula e seu uso para aprendizagem de L2**

INF5: *quando nós temos situações específicas -- por exemplo - eu tive uma vez um aluno de Santo Antão que não conseguia... não conseguia expressar-se em português correcto -- então o o miúdo... eu percebia que ele era esperto - que ele era habilidoso mas eu não conseguia fazê-lo expressar-se... então com esse menino - eu cheguei a falar crioulo várias vezes nas aulas -- cheguei até a inventar aulas de matérias que nem tinham nada a ver com curriculum mas apenas para incluir esse garoto -- por exemplo ensinar a fazer um esteirado - não é? esse tipo de coisas... ensinar a fazer uma funda - daquelas que se atiram pedras aos corvos -- foi uma das coisas que eu dei uma aula inteira disso -- porque aquele menino sabia muito bem essas coisas e ele poderia naquele naquela aula liderar a aula ensinando os seus colegas uma coisa que eles nunca tinham visto -- que eram meninos de São Vicente não sabem o que é atirar pedras aos corvos com funda -- então nessas aulas a gente falava muito crioulo -- porque o assunto puxava mesmo para isso -- era nesse contexto//, L 50-63*

- **Como meio de ensino (análise contrastiva)**

INF25: *[...] mesmo para explicar situações - quando há situações de interferência - construção de frase em que o aluno escreve - o aluno transfere aquela estrutura do crioulo para português - fica tal e qual crioulo - não é? então há necessidade de dar uma explicação ao aluno [...], L 237-240*

c) Tradução

INF18: *só quando... quando há por exemplo - às vezes há uma palavra que... estamos a discutir um texto - por exemplo - surge uma palavra em que - às vezes - a gente explica - explica - explica mas o aluno não entende -- aí eu utilizo a expressão correspondente em crioulo -- "ólha - em crioulo diz-se assim - é o que se diz em crioulo assim - é isso - em português quer dizer isto"//, L 267-271*

INF25: *a:: usando como recurso - digamos assim -- porque trabalhando uma obra literária por exemplo - pode haver situações em que uma palavra - por exemplo - o aluno não entenda aquilo - temos que dar um exemplo - "em crioulo diz-se assim" [...] mesmo para fazer... quando digo recurso - estou a falar numa palavra que é dita em crioulo - que aparece numa obra em crioulo - muitas vezes dizemos em português como é que se diz - ou então vice versa, L 234- 236, 237- 240*

d) Travar a indisciplina

INF21: *[...] ou há uma situação engraçada na sala de aula - ou uma indisciplina - então - para o professor não perder tempo - então... assim um comentário - assim tipo uma anedota em crioulo só para os alunos... para a situação de indisciplina não passar despercebida ou contagiar a turma -- então uma anedota - uma expressão em crioulo - assim... meio interessante//, L 183-187*

iii) Uso involuntário

INF17: *já me aconteceu algumas vezes - estar embalado na conversa informal com os meus alunos - porque eu não considero - eu nunca fiz a sala de aula um espaço formal - algo formal exclusivo - porque eu penso que a::: o aluno para poder sentir-se à vontade no uso de qualquer língua - ele tem que ser capaz de se sentir descontraído - então às vezes a gente fica numa descontração pa::: só para... e por duas vezes deixei escapar uma ou outra frase em crioulo - mas eu agarro-as imediatamente - quer dizer - deixando-as fluir eu estaria a ir contra a intenção real que eu pretendo na sala de aula - de fazer da sala de aula um espaço de expressão da língua portuguesa - porque o aluno não tem outro espaço onde de facto exprime em português//, L 332-341*

(ii) Uso da LCV por iniciativa dos alunos

INF20: *desde o início eu crio regras - e uma das regras é falar em língua portuguesa - então quando estão a tentar falar em crioulo - eu digo - "eu não estou a ver - eu não percebo" -- mas há aquele aqueles momentos que eu acho que é difícil para eles expressar-se... expressar em português - é quando estão zangados - quando um colega faz algo e querem contar - então se o professor quer que eles parem de falar é só dizer "a língua portuguesa" - então quando há pequenas rixas entre colegas começam em língua portuguesa - mas no meio já eu digo - "mas vai falar o quê - português ou o crioulo?" - e voltam de novo a... [...], L 309-316*

INF21: *há alunos que... alunos que até agora... dirigem-se a mim em português -- mas há alunos que descaradamente só crioulo - só crioulo//, L 194-195*

INF21: *é que eu costume... eu fiz uma metodologia - que é marcar mais ou menos na caderneta -- então no final do trimestre eu digo -- "dou mais um valor quem fala português" -- às vezes tem alunos que têm dificuldades em falar português - não é? têm muita dificuldade - então - fazem esforço quando falam português comigo - inclusive os colegas ficam a troçar - a rir do seu português -- eu digo "não -- por isso ele vai ter mais um valor na OEA - porque ele pelo menos tenta - não fala - mas tenta falar" -- então os outros acompanham - "eu também falo português" - então vão..., L 199-206*

INF22: *sim - com muita frequência [os alunos dirigem-se a ele em LCV]-- tenho que dizer para falar português porque estão numa aula//, L 209-210*

INF22: *para traduzir alguma coisa - para fazer uma queixa dum colega -- mesmo - às vezes - para responder - mesmo para responder qualquer coisa que o professor pergunta -- eu é que tenho que ficar a controlar - dizer..., L 205-207*

INF24: *não - isso acontece várias vezes - até com os níveis mais baixos - quer dizer - no sétimo ano particularmente - isso acontece muito - não é? no primeiro ano do liceu//, l 332-334*

INF24: *em todos os casos -- fazem isso em todos os casos - quer dizer - às vezes espontaneamente - às vezes para formularem perguntas - outras vezes para responder as questões colocadas pelos professores - portanto isso acontece em qualquer circunstância//, L 345-348*

INF26: *[...] mas há alunos que são rebeldes! são teimosos! falam crioulo na mesma! mesmo comigo - mas eu exijo sempre - digo sempre que na sala de aula o nosso diálogo deve ser sempre em português - porque o crioulo - já sabem o crioulo - já dominam o crioulo - estão na escola para aprender - mesmo que for um bocadinho - de português[...], L 170-174*

(2) Interacção professor/ alunos fora da sala de aula

INF17: *na rua com os meus alunos a comunicação é sempre em português - porque devido ao facto de eu ter... de eu procurar criar na sala de aula um espaço de expressão da língua portuguesa - os meus alunos não sentem à vontade em falar crioulo comigo normalmente - então aí - troca de opiniões em português [...], L 41-45*

INF18: *[...] mesmo quando me encontram fora da escola falam comigo - dirigem-se para mim em português//, L 88-93*

INF19: *com os meus alunos basicamente em português -- nos intervalos também procuro falar com eles em português - mas também em crioulo//, L 223-224*

INF28: *na sala de aula e mesmo fora da sala de aula -- algumas vezes falo com eles na rua o crioulo - mas normalmente tenho hábito de falar com os meus alunos sempre em português//, L 1818-183*

(3) Interação com outros intervenientes

(i) Interação com colegas

INF16: *em casa... normalmente eu moro... recentemente é que adquiri família - mas morava sozinho - nós... discutimos - não é? eu morava sozinho e tenho vários amigos - de acordo com o nível - há alguns que exigem mesmo falar português - para que possamos treinar mesmo a língua - porque convivo dentro de um meio de professores - amigos - principalmente de professores - que normalmente sentem essa necessidade de aperfeiçoar a língua portuguesa - e nós - falamos sobre isso - é mesmo de propósito - para que possamos treinar a língua//, L 29-35*

INF16: *com os meus colegas - professores - normalmente - falamos português - falamos crioulo -- há uns que não gostam//, 180-181*

INF20: *por exemplo - na cantina - nós temos a cantina ... a cantina é dos alunos - estou ali com uma colega - estamos a falar o crioulo - mas quando chega um aluno - passo logo para a língua portuguesa - porque eu falo com os alunos - quer dentro da sala - quer fora da sala - eu uso sempre o português [...], L 213-216*

INF21: *[...] no liceu... no trabalho - quando eu estou a falar com um professor de inglês eu falo inglês - para tentar treinar - com o professor de francês eu falo francês -- curiosamente com os professores de português eu falo crioulo//, L 12-15*

INF29: *aqui há professores novos - e há professores com uma certa idade - estão cá há muito tempo -- normalmente - por uma questão até de tradição - não é? nós falamos o português - normalmente com esses professores mais adultos - não é? que inclusivamente já foram professores nossos - entre nós ou então na camada em que há professores mais novos - não é? ouve-se mais o crioulo do que o português//, L 93-98*

(ii) Interação com superiores hierárquicos (coordenadores e directores)

INF16: *não - quando estamos [o entrevistado e a directora da escola] a fazer um trabalho - um trabalho que tem a ver... um trabalho de escola por assim dizer - nós fazemos o trabalho na língua portuguesa - inclusive na coordenação - com a minha coordenadora - temos hábito de falar a língua portuguesa [...], L 224-227*

INF20: *[...] no gabinete com o director - ou com a subdirectora pedagógica - ou com um outro membro da direcção - eu uso sempre o crioulo -- geralmente eles já começam a dirigir-se em crioulo passamos logo para o crioulo [...], L 216-219*

INF23: *[...] eu falo português [...] também se eu for falar com o chefe - nesse caso com a chefe -- se estiver alguém - falamos em português - mas se não estiver - eu falo crioulo//, 127, 129-131*

INF23: *[...] a directora da minha escola fala mais o português que o crioulo - então - com ela eu sinto... eu acho que devo falar o português - acho [...], L 341-342*

INF29: *o português é uma língua de respeito - não é? é uma língua de respeito -- eu sinto que a mesma ordem [aos contínuos] dada em português - a mesma ordem dada em crioulo - não é? pode não surtir o mesmo efeito//, L 111-113*

(iii) Interação professores/pais e/ou encarregados de educação

INF16: *sim - com pais... há pais que nós sentimos obrigados a falar a língua portuguesa -- por exemplo nós - no primeiro contacto perguntamos à pessoa qual é a língua que a pessoa pretende falar - nesse primeiro contacto -- se a pessoa pretende falar português connosco então aceito normal falar a língua portuguesa com a pessoa -- mas normalmente eu tento... tenho de fazer um*

diagnóstico nas primeiras palavras... tenho que saber se na verdade o pai exige em português ou o pai exige em crioulo//, L 203-209

INF25: [...] como convivo com os alunos - com os pais dos alunos - quando eles vão à escola - então nós sentimos... sentimos isso - não há o uso da língua portuguesa - não há hábito mesmo de falar português//, L 680-683

INF27: por exemplo - se eu estiver com pessoas - suponhamos em reuniões com encarregados de educação - eu prefiro falar português//, L 74-75

(4) Interações nas reuniões de coordenação e outras

INF25: falo crioulo - falo crioulo [com colegas, funcionários, director] a não ser em reuniões - quando temos conselhos pedagógicos - ou encontros com os coordenadores - aí falamos a língua portuguesa//, L 253, 254-256

INF26: nas reuniões de coordenação falamos o português - e de vez em quando - há aquele hábito - aquele vício de falar o crioulo//, L 396-397

INF21: não -- até porque - mais propriamente nas coordenações - às vezes nós brigamos porque nós que somos professores de português nós tratamos assuntos de português sempre em crioulo//, L 420-422

INF22: nas reuniões de coordenação - falamos também em crioulo -- só que de vez em quando - dizemos umas coisinhas em português - mas mais é em crioulo//, L 193-194

INF27: não - parte falamos em crioulo - parte falamos em português -- quando estamos a definir os objectivos - por exemplo - fazemos sempre em português -- na oralidade e na escrita -- mas se estamos ainda - por exemplo - a escolher os conteúdos - a escolher um texto - falamos em crioulo -- mas quando vamos para a preparação mesmo - discutimos em português//, L 410-414

2.3.3. Factores condicionantes da escolha de línguas por domínios (domínio de língua e/ou estatuto sócio-cultural das pessoas, valorização social dos assuntos e dos lugares e circunstâncias e das intenções comunicativas)

(i) Escolha em função do ALOC

INF1: [...] eu prefiro - na medida do possível - adaptar-me à língua melhor... que é melhor utilizada pelo meu interlocutor[...], L 284

*INF1: [...] mesmo que seja com autoridades - com superiores hierárquicos -- se é uma pessoa com quem tenho **uma relação mínima** eu eu falo o crioulo[...], L 228-230*

INF7: [...] quando me dirijo para um determinado tipo de pessoas - que eu vejo que a língua que normalmente falam é o crioulo - eu naturalmente falo crioulo[...], L 25-26

*INF7: por exemplo - eu se... se estou aqui... estou na rua - e me vou dirigir a a uma pessoa - para lhe fazer uma pergunta ou... sim - chego a ter uma certa noção do indivíduo - o tipo do indivíduo com que estou a falar - **e se eu vejo que é...** vamos empregar as palavras com elas são - **de uma determinada classe** - eu dirijo-me em crioulo porque **sei que ele percebe bem o que eu digo - e é a língua que ele fala** -- é nessas circunstâncias//, L 45 -50*

INF13: [...] e especialmente nessas situações em que - de alguma forma - vão [directores gerais, ministros] ter de decidir sobre uma questão que é pessoal - para obter distanciamento - eu sinto que nestas circunstâncias as pessoas falam... preferem português -- e eu mesmo - para não dar impressão que eu quero qualquer aproximação - e quando o meu problema é pessoal em relação a essa identidade ou em relação ao estado - ou algo pessoal - eu falo português// L 59-64

INF14: *excepcionalmente um ou outro - se for uma pessoa que habitualmente não fala crioulo - portanto em Cabo Verde o número dessas pessoas já é muito reduzido - com essas pessoas em português - mas é um número muito limitado//, L 29-31*

INF18: *do conhecimento que tem da língua - do hábito que tem da utilização do português - ou não -- quando é assim - se se trata de pessoas que estão por dentro da língua e que têm conhecimento da língua... [usa a LP], L 140-144*

INF18: *por exemplo - eu costumo encontrar-me com o secretário de estado de educação que é... portanto - somos - relativamente amigos... e por vezes falamos crioulo -- encontramos e começamos aí... mas - se o assunto for algo... algo que tem a ver com o trabalho - com a educação - com ensino - com aquilo que diz respeito à nossa profissão - e dependendo da forma como ele se dirige também - depende -- por isso que eu digo - depende da escolha que se fizer no momento e - se calhar até do objectivo da conversa//, L 191-197*

INF22: *sim -- às vezes sim -- muitas vezes respondo tendo em conta... como vou dizer... o cargo... portanto... que ocupa -- às vezes o cargo que ocupa leva-nos a falar em português//, L 156-158*

INF24: *sim - naturalmente - quando é... o que nós dissemos no início -- quando vamos falar com o nosso interlocutor - e saibamos que ele de facto - não tem - digamos - conhecimento da língua - o uso dessa língua - não vamos forçá-lo por exemplo - sabendo de antemão que ele não vai poder responder - mas se eu vou falar com uma pessoa - que eu já sei de antemão que essa pessoa domina - a língua - falo em português - mas..., L 628-633*

INF24: *sim - os superiores hierárquicos - se não tenho nenhuma familiaridade - lá vou eu a falar a língua portuguesa -- bom também dependendo da forma como a pessoa se dirigir a mim//, L 100-201*

(ii) Escolha em função do assunto

i) Independe do assunto

INF9: *[...] e isso [escolha de língua] independentemente do assunto - aliás eu cheguei à conclusão que:: não tenho língua para assuntos -- para mim... tenho a mesma língua para todos os assuntos -- depende da pessoa com quem falo - do meu interlocutor//, L 202-204*

INF28: *normalmente como falo crioulo - qualquer assunto eu prefiro sempre falar em crioulo//, L 261-262*

ii) Carência de terminologia

INF5: *às vezes... às vezes é o uso de uma palavra ou de um conceito que eu tenho dificuldade em exprimir em crioulo -- se eu for exprimir em crioulo - vai sair um crioulo muito postiço que eu não gosto -- eu prefiro falar português do que falar crioulo postiço [...] L, 379 – 382*

INF12: *faz - faz -- quando é um assunto mais elaborado - científico - que é mais académico -- digamos assim - eu falo português em vez de crioulo - **porque senão o meu crioulo fica um bocado tradução de ... daquilo que penso em português//, L 184-186***

INF12: *eu acho que é o nível da escolaridade também - a prática também -- não é... não é que os mesmos conceitos não possam ser passados em crioulo - em crioulo -- eu tenho mais facilidade e não tenho feito esse esforço porque a pessoa com quem vou falar esse assunto percebe -- então como já sei que há um entendimento - eu não faço nenhum esforço - mas se eu tiver de falar com as pessoas que têm outro nível - eu baixo o nível -- então já não uso esta linguagem e já não há necessidade de usar o português//, L 188-195*

iii) Formalidade do assunto

INF16: *sim mais crioulo - porque há assuntos... há assuntos de conversa - já são assuntos mais divertidos - quando assuntos são divertidos eu prefiro falar crioulo - para contar anedotas - não é? coisas do género - quando estamos... num meio assim de divertimento - prefiro falar a língua crioula - agora - sempre quando o assunto é sério - normalmente eu gosto de falar a língua portuguesa//, L 332-336*

INF27: *sempre - sim -- e principalmente se eu estiver a tratar de algum assunto assim - oficial - que exige falar português//, 192-193*

(iii) Escolha em função do contexto

i) Formalidade do contexto

INF8: *falo normalmente e indiferentemente o português e o crioulo -- e isto advém de uma certa vivência - e também de uma certa prática -- isto é - como sempre o português foi adoptado como língua oficial - sempre que a pessoa se sente numa posição formal tem tendência para ir para o português [...], L 97-100*

INF17: *[...] para mim o crioulo e o português são duas línguas que têm o seu espaço - quando eu estiver no espaço específico de um eu o utilizo - quando eu estiver no espaço do outro - eu utilizo o outro - quando eu estou num espaço aonde eu posso utilizar qualquer um deles - vai depender do meu interlocutor - outras vezes do meu estado de espírito - mais nada//, L 502-507*

ii) Expectativa de bom atendimento nas repartições públicas

INF16: *eu não sei... o nível de atendimento varia - se nós falarmos um crioulo - lá do interior - muito fundo - com ar de gente que vem lá de longe - muitas vezes sentimos que as atenções divergem -- quando falamos a língua portuguesa - entramos num lugar falamos a língua portuguesa - normalmente a pessoa com quem vamos falar... tenta... assim..., L 266-270*

INF28: *às vezes depende do lugar onde nos encontramos ou às vezes também do assunto -- eu também tenho hábito de falar português às vezes quando vou tratar algum assunto numa repartição -- para melhor ser atendida - eu dirijo-me às pessoas em português -- às vezes - a pessoa é atendida com mais facilidade//, L 215-218*

iii) Regras socialmente estabelecidas

INF3: *na sala de aula - e quando o ambiente o exige [escolha da LP] -- na sala de aula - evidentemente//, L 72-73*

INF3: *em função de normas - de regras de comportamento social [uso da LP em determinados ambientes] que não foram impostas legalmente mas tradicionalmente [...], L 75-76*

iv) Tudo

INF5: *depende também de tudo isso -- depende das pessoas -- depende das das situações -- situações mais formais normalmente eu resolvo-as em português -- as menos formais eu resolvo-as em crioulo -- aquelas situações do nosso dia-a-dia afectivo - eu faço em crioulo -- mas se for alguma coisa administrativa já naturalmente me sai em português -- eu acho que isso acontece com toda a gente//, 93 - 96*

2.3.4. A alternância: os factores de redefinição da escolha

(i) Redefinição em função do ALOC

i) Língua dominada pela pessoa que chega

INF2: *penso sempre no meu interlocutor-- e encontro alguns que por mais que a gente coisa... eles não saem do português -- bom - ali neste caso - eu evito sequer apresentar o crioulo -- se vejo que o meu interlocutor só fala em português - ou só quer exprimir-se em português - ali eu adapto-me e entendemo-nos//, L 360-363*

INF25: *acho que também dependente da pessoa com quem falo -- se estou a falar com... com uma pessoa - portanto - digamos assim - a conversa foi iniciada em português - portanto estando... estando a conversar com esta pessoa em português - e chegando mais uma ou outra que também fala - ou sente à vontade no assunto - também será melhor expressada - digamos assim - em português - eu prefiro continuar -- mas se for uma pessoa que não entende - eu mudo para a língua crioula - para fazer com que essa pessoa entenda - mesmo que eu esteja a mudar ((risos)) de uma língua para outra - mas desde que haja compreensão - sim//, L 376-383*

ii) Língua usada pela pessoa que chega

INF7: *e eu naturalmente também falo português -- em regra - quando falo com essas pessoas - eu - se inicio a conversa - é normalmente em português é que inicio -- mas noto que as pessoas - tenho notado por vezes - aproximar-me dum grupo de pessoas em que se está a falar... em que estão todos a falar em crioulo - em que eu entro também a falar em crioulo - e sinto que a conversa deriva para o português -- não sei - não sei explicar - mas parece-me que as pessoas não me consideram um individuo cuja língua materna - como agora se diz - seja o crioulo//, L 110-116*

INF7: *não - o que me leva a mudar é - por exemplo - acabar por ver - que as pessoas estão com a tendência sempre de falar o crioulo - deve ser isso é que me leva... como eu acho que domino perfeitamente o crioulo - falo também o crioulo - mas que haverá a tendência para o regresso ao:::, L 128-131*

INF7: *ao português - é inegável -- não vou fugir a isto - coisas dessas não se (?), L 133*

INF24: *sim - por uma questão de princípio - de respeito de ética -- quer dizer se nós estamos habituados a falar com aquela pessoa [superior hierárquico ou autoridade] - e aquela pessoa intervir de facto na conversa - temos de o fazer//, L 420-422*

iii) Posição social da pessoa que chega

INF13: *não - se estão duas pessoas a conversar... estou a conversar com uma pessoa e depois chega alguém que é uma autoridade - qual é...? eventualmente de forma instintiva a:: gente dirige-se para esta autoridade em português porque não é momento de discutir - se... se... se... vai aceitar português ou crioulo -- instintivamente quase que sem pensar "ah:: senhor ministro... o...a...!" mas hoje em dia é cada vez mais recuado - quer dizer - tem que estar muito lá em cima - para acontecer isso - já com o director geral - digamos - a partir de determinados níveis para cima - praticamente -- ou então... quando há pessoas... há pessoas que em si têm um ar mesmo de... digamos... querem dar um ar de rigor e de... e às vezes conseguem ligar isso a um rigor no seu trabalho - e quando falam só português... e aí naturalmente - e instintivamente também - a gente está na mesma onda de rigor -- mas é essa ideia de rigor - talvez rigor porque o português é ligado a regras conhecidas - regras... também há isso... eu acho que há isso [...]. É por isso que muitas vezes quando... se entra uma entidade - e quando se passa para uma situação mais formal - passa-se para o português - porque nós ligamos também o português à ideia de norma - à ideia de regra - à ideia de rigor [...], L 675-688, 701-704*

INF22: *sim -- às vezes sim -- muitas vezes respondo tendo em conta... como vou dizer... o cargo... portanto... que ocupa -- às vezes o cargo que ocupa leva-nos a falar em português//, L 156-158*

iii) Proximidade com a pessoa que chega

INF14: *bom... eu se... por exemplo - se estivesse a falar em português - pode chegar uma pessoa com a qual habitualmente utilizo o crioulo - aí seria um pouco complicado - porque falaria com a pessoa que chegou em crioulo e não em português -- portanto a chegada da pessoa levaria a essa mudança -- o assunto talvez não - porque... a não ser que estivesse a falar com uma pessoa... mas eu habitualmente não faço muito essas mudanças a não ser que... estou a falar com uma pessoa - chega uma terceira - com essa falo crioulo - aí há tendência - porque às vezes... eu tenho reparado que com algumas pessoas não é fácil falar em português - para algumas pessoas também - algumas pessoas - **pela proximidade e pelo hábito também de sempre falarmos o crioulo -- por exemplo - se pensar em algumas pessoas com alguma relação de amizade muito estreita** - com essas pessoas já não é fácil falar em português - aí é o crioulo -- então com a chegada de alguma pessoa desse género tornaria difícil utilizar o português// , L 390-393*

INF27: *só se for uma pessoa muito familiar [mudar de LP para LCV]// L, 419*

(iii) Redefinição da escolha em função de mudança de assunto

INF6: *sim -- naturalmente -- naturalmente [alternância de língua, na mesma situação]-- naturalmente porque - como eu disse - eu sou um indivíduo que fala indiferentemente o crioulo ou o português -- de maneira que tudo depende da ocasião - do assunto e da pessoa com quem falo//, L 238-240*

INF29: *normalmente de assunto... assuntos mais académicos - digamos assim -- assuntos mais académicos - em que há... uma pessoa tem de... tem de... tem de ter um determinado vocabulário - até para expressar esse assunto -- então - ali - eu terei que mudar quase que obrigatoriamente para o português - às vezes falo com palavras - mesmo em crioulo//, L 406-410*

(iv) Factor Escrita

INF1: *[...] começamos a reunião em crioulo -- portanto - com uma ótima e fluida comunicação entre as pessoas -- mas depois passámos a analisar um documento que estava necessariamente em português -- e aí acho que houve[...] tivemos que fazer... passar a falar português - para melhor também apreciar o documento - não é?[...], L 411 - 415*

INF26: *e:: assunto nas reuniões de coordenação - podemos recordar de... alguns pequenos textos escritos em português - há necessidade de repetir o texto - então repete-se o texto em português - repete-se o texto em português - porque traduzir o texto para repetir o texto já não faz sentido// , L 468-471*

(v) Função lúdica

INF 13: *[...] e mesmo quando eu me descontraio [numa dada situação de comunicação] - eu começo a gozar - etc. - então eu passo para o crioulo - onde estou mais à vontade [...], L - 6027-6029*

(vi) Mudança de humor

INF16: *costumo mudar sim -- normalmente quando estou a falar a língua crioula com uma pessoa que eu sei que a pessoa está num nível assim... num nível de compreensão elevado - se sinto... quando sinto-me zangado com a pessoa - sinto raiva ou estou um bocadinho com raiva - eu costumo falar português automaticamente//, L 457-461*

(vii) Troca de língua

• Ser bilingue

INF5: *bem -- eu costumo às vezes dizer que eu vivo uma situação de **bilinguismo indisciplinado** porque muitas vezes eu começo uma frase numa língua e acabo noutra e volto à primeira e... enfim estou sempre nisso -- porque é uma tal deformação profissional se poderei dizer isso -- ou influência... devo dizer mais influência do que deformação... porque como eu fui sempre professora de português - então a minha tendência é expressar-me em português -- mas - na maior parte dos casos - eu entendo que estou num contexto que é melhor expressar-me em crioulo -- então - começo em crioulo depois passo para português mesmo sem dar por isso//, 31-39*

INF8: *isso - eu posso dizer que isso acontece-me muitas vezes -- por isso que eu digo que é a tal circunstância de ser bilingue -- como nós estamos a falar - se eu não estivesse por exemplo a dar a entrevista - poderíamos já ter passado sem sentir para crioulo ou para português -- às vezes é uma palavra que puxa a conversa para a coisa e vice versa -- posso estar a falar crioulo - de repente já estou em português//, L 226-230*

• Citações

INF23: *[...] mas de outra forma não via - a não ser que estaria a citar qualquer coisa de alguém - mas de outra forma não//, L 343-345*

INF26: *a não ser dentro do contexto - estou-me me a recordar... qualquer mensagem pertinente em português - eu posso repetir aquela mensagem - mas às tantas..., L 448-449*

• Preenchimento de lacuna lexical

INF5: *às vezes... às vezes é o uso de uma palavra ou de um conceito que eu tenho dificuldade em exprimir em crioulo [...], L 379-80*

INF18: *depende - depende -- depende da expressão - por exemplo - que se tiver que usar -- há coisas que às vezes... há expressões que a gente usa... às vezes é mais conveniente usar em português -- mesmo porque por vezes procuramos em crioulo a expressão - não encontramos//, L 438-441*

• Função lúdica

INF17: *se eu estou a falar crioulo -- eu faço uma citação em português com uma intenção -- ou então quando essa intenção... pode ser... geralmente é lúdica -- para gozar -- porque... , L 490-492*

INF18: *uma coisa que tenha mais graça -- sobretudo quando estamos no meio de colegas -- de amigos -- não é? ou então quando faço uma//, L 415-416*

• Especificação de um interlocutor/receptor

INF20: *sim -- por exemplo -- numa fala eu posso falar com aquela pessoa com quem estou a falar a língua portuguesa -- mas quero dirigir a uma pessoa mais pequena -- já dirijo em crioulo -- depois passo para outra pessoa -- passo de novo a falar a língua portuguesa -- acho que eu não tenho problemas -- enfim//, L 390-393*

- **Função retórica**

INF18: *expressividade -- então aí - uso o crioulo -- ou então quando faço... muitas vezes quando faço... em vez de fazer o discurso indirecto - quero dizer que alguém disse... por exemplo - há bocado eu disse que os meus alunos muitas vezes diziam assim - eu estava a falar consigo portugueses - não é?, L 422-425*

- **Estratégia de neutralidade**

INF12: *[...] há pessoas que às vezes - começamos... depende... as pessoas que normalmente têm a prática e falam português - o primeiro contacto é em português e depois passamos para o crioulo e depois eu vejo que a pessoa insiste em português e contínuo//, L 131-135*

2.3.5. Funções das línguas na comunicação: língua nacional e língua de comunicação internacional

(i) Língua e/ou falar LCV usado com falantes de LCV

i) Variedade barlavento com pessoas barlavento e variedade sotavento com pessoas sotavento

INF12: *[...] se eu for a São Vicente numa função oficial e ter de falar o crioulo - é lógico que eu vou é falar o crioulo de São Vicente - porque eu falo o crioulo de São Vicente! mas se eu sou de Santiago - eu não vou macaquear o crioulo de São Vicente - fica horrível - ridículo! eu não consigo imaginar uma pessoa - um político - devo dizer que acontece mais com essas pessoas que são de Santiago e que estão em São Vicente - para agradecer a:: São Vicente vão querer falar São Vicente - e fala mal! fala crioulo de Santiago em São Vicente ou fala crioulo de São Vicente em Santiago - nós entendemo-nos//, L 502-509*

INF21: *eu quando estou fora - estou lá... com eles - na sua ilha natal - eu tento - eu esforço-me sempre a falar o seu crioulo - para poderem me entender [...], L 34-35*

ii) Falar da sua ilha s/ adequação

INF14: *[...] mas com pessoas de barlavento posso utilizar o crioulo - mas eu nunca faço o esforço para utilizar outro crioulo - inclusive porque não sei falar outro crioulo - então eu utilizo normalmente o crioulo de Santiago//, L 266-268*

INF19: *e variante de Santiago//, L 188*

iii) Falar sua ilha com adequação ao falar do ALOC

INF1: *[...] e com as pessoas das ilhas de sotavento [...] podem sair algumas palavras ou algum sotaque no crioulo de sotavento//, L 264-267*

INF3: *eu falo o badiu - eu falo Santiago -- normalmente o que eu faço... o seguinte -- tento adaptar - ou falo mais devagar - ou uso vocábulos deles que são mais específicos dessa ilha para facilitar a comunicação[...], L 156 - 158*

INF4: *é o único crioulo que eu sei falar [da sua ilha de origem] - portanto eu não consigo falar outro -- apesar de hoje em dia - depois de estar a viver muitos anos na Praia - já há expressões idiomáticas de Santiago que eu utilizo quase que naturalmente também//, L49 -52*

INF16: [...] sinto que quando estou a falar rápido as pessoas não conseguem compreender de uma forma clara... assim... mas falo normalmente pausadamente para que essas pessoas podiam compreender//; L 242 – 244

INF26: eu penso que... normalmente são pessoas que se calhar compreendem um bocadinho de crioulo de Santiago - mas às vezes uso alguns termos do crioulo deles para poderem..., L 201-203

iv) Mistura de falares

INF17: quando eu vou para as outras ilhas normalmente eu faço uma mistura das duas línguas [duas variantes de barlavento] - não é?, L 240-241

(ii) Intercompreensão entre os falares

i) Boa

INF1: [...] acho que percebo sem qualquer dificuldade o crioulo - portanto - de Santo Antão à Brava [...] L254-255

INF3: [...] nunca tive problemas! nunca tive problema de entendimento - quer com quadros - quer com pessoas da da de rua - quer pessoas da taberna - nunca tive qualquer problema de comunicação a nível dessas ilhas - e em qualquer ilha//, L 158 – 161

INF23: não - não falo - mas entendo muito bem -- não tenho problemas em entender - desde sempre//, L 37-38

INF20: eu acho que sem alguma dificuldade -- tenho aqui colegas que são de São Vicente - já trabalhamos há muitos anos e eu falo o crioulo daqui - e eles o dialecto de S. Vicente - mas não há problemas//, L 194-196

• Esbatimento dos falares

INF3: [...] digamos entre princípios do século dezoito - princípios do século dezoito - século dezoito - e uma boa parte da primeira metade do século vinte - as ilhas ficaram muito isoladas - a probabilidade de viajar entre Santo Antão e Brava e Santiago era extremamente difícil - portanto as variantes consolidaram-se - agora estão a diluir - já estão a usar termos de todas as ilhas - sobretudo no meio urbano - no meio urbano - e as canções que são ouvidas -- Lura é um exemplo - ora canta em Santo Antão porque a mãe é de Santo Antão - o pai é de Santiago - ela expôs... é mais conhecida porque canta batuque na ilha de Santiago -- Jorge Neto é um cantor de Santo Antão que fala a variante de Santo Antão e canta sempre na ilha de Santiago [...] mas eu acredito que... a ideia de variante... eu já ouvi muita conversa... já ouvi muita coisa sobre a variante - mas a minha experiência de deslocação a várias ilhas - de facto eu - todos os anos - visito várias ilhas - não todas mas várias ilhas - faço isso anualmente - e vejo que de facto as variantes não vão durar muito tempo - antes de oficializarmos o crioulo temos saudades das variantes//, L 475-484, 489-494

INF13: [...] há intercomunicabilidade grande - digamos - nós temos aqui... a nossa... este mundo pequeno também já é muito - há uma osmose grande já - que eventualmente no futuro não se sabe onde é que vai chegar - mas há aproximação - há muita aproximação mesmo a nível lexical - eu acho que... mas o estádio actual que eu sinto é isto [...], L 849-854

INF17: quer dizer - vamos tentar situar as coisas no tempo -- quando eu vim para Santiago - nos primórdios da independência - eu tinha dificuldades em comunicar-me com as pessoas de Santiago -- bem - quando a rádio começou a emitir programas em crioulo - as pessoas de Santiago começaram a ouvir o crioulo das outras... as variantes das outras ilhas e então como as variantes ficaram-lhes no ouvido e começaram a interiorizar determinadas expressões e as entenderem - e inclusive alguns por as acharem chique - começaram a utilizar essas expressões chique - era assim -- mas depois nós estamos numa situação de... bom - podemos chamar de diglossia - não é? geral das variantes do crioulo onde hoje a maior parte das pessoas de Santiago falam e entendem -

inclusive o crioulo de Santiago... a não ser algumas palavras muito bem escolhidas - e o inverso também é verdadeiro - actualmente -- é claro que há determinadas zonas de Santiago - que se forem para Santo Antão - ou se as pessoas de Santo Antão vierem para aqui - de determinadas zonas - eles vão continuar... eles vão continuar com determinadas dificuldades - mas isso é normal - porque são pessoas que não tiveram muitos contactos - que não saíram muito - e continuaram fechados no seu espaço linguístico - mas na... regra geral há uma abertura - há um contacto - há barcos - há aviões... eu penso que nós estamos a caminharmos rapidamente para uma... um resultante dessas variantes -- é o que eu penso concretamente - mas nessas coisas - como é prematuro dizer qualquer coisa sem um trabalho sério - eu não faço afirmações - nem assumo essa posição - é uma ideia minha - muito empírica//, L 250-271

ii) Alguma dificuldade

INF5: aham -- aham -- compreendem -- é certo que de vez em quando aparece uma coisinha que não sabem e que me perguntam -- assim como eu também em relação a elas - também faço esses mesmos reparos - ou perguntas -- porque são coisas que não estão no ouvido - apenas por isso -- mas eu acho que não há problemas de entendimento//, L 176 – 180

INF14: eu penso que a compreensão é boa - porque eu também não tenho um crioulo que seja de difícil compreensão -- às vezes as pessoas até podem dizer que não compreendem uma ou outra coisa - pedem para falar mais devagar - mas penso que dá para se ter uma boa conversação//, L 270 -273

INF26: eu penso que assim como não entendo exactamente aquilo que elas dizem no momento - isto é - às vezes é necessário repetir para eu poder compreender - da mesma maneira também as pessoas têm dificuldade em entender exactamente//, L 207-209

iii) Muita dificuldade

INF6: [...] e se eu puser um indivíduo - suponhamos do Engenho - de Santa Catarina - a falar com uma pessoa de Garça - de Santo Antão - o entendimento seria difícil - ahn? -- seria difícil -- e nem sei mesmo se se entendiam//, L 125 - 128

INF6: não -- não passei até porque... eu já ouvi pessoas da... do Engenho a falar -- aquele crioulo fu::ndo que um indivíduo acaba por perceber só por causa como direi - dos substantivos -- mas aquelas... as flexões verbais é que dão cabo de tudo//, L 131-134

(iii) Língua usada com falantes de outras línguas

INF3: bom -- evidentemente falantes de outras línguas - se ele não dominar a língua - eu pergunto qual é a língua que ele fala -- posso optar entre falar em inglês - em francês ou em espanhol -- se falo a língua - bem -- pronto - em crioulo não vale a pena -- a não ser se for um china - numa loja de chinês eu falo o crioulo - porque eu sei que os chineses dominam o crioulo//, L 226-230

*INF4: por exemplo - nos contactos com as pessoas no dia-a-dia -- por exemplo - se estou diante de um **estranho** - que não conheço - se vejo que é cabo-verdiano tendo a falar crioulo -- se eu encontrar um estrangeiro - sei... não vou falar com ele em crioulo -- falo em português//, L 149 - 152*

INF16: [...] por exemplo - com os portugueses - eles gostam de falar a língua portuguesa - se a pessoa não compreende bem a língua crioula - então eu sinto obrigado a falar a língua portuguesa -- agora temos outras circunstâncias - os outros... com pessoas estrangeiras - que fala a língua francesa que fala a língua crioula - mas não falam a língua portuguesa - por exemplo - nessa circunstância eu não..., L 483-488

INF21: sempre em crioulo -- mas - inclusive quando eu falo com pessoas por exemplo - de São Tomé - de Angola - eu falo sempre português -- sei que eles entendem crioulo - às vezes querem até

falar o crioulo para poderem treinar o crioulo - mas eu falo sempre com eles em português//, L 238-242

2.4. Atitudes

2.4.1. Face às línguas enquanto tal

(i) Atitudes descritivas

i) Estruturais (ter/não ter gramática; ser fácil/ser difícil;

• Favoráveis à LCV

INF13: [...] portanto não é também nada intragável - não é um conjunto de sons sem articulação - é de facto uma língua - e que as pessoas entendem a sua dinâmica - a sua mensagem - a sua sonoridade - a sua fonética - tudo isso [...], L 914 – 917

INF23: não -- eu acho que o crioulo é uma língua que tem... com todos os seus parâmetros que tem - como qualquer língua -- e por isso eu respeito muito também o crioulo - assim como respeito o português//, L 371-373

• Desfavoráveis à LCV

INF6: [...] a gente ouve tantos erros ditos em português - que a melhor solução é de facto falar crioulo em que não há REGRAS e a gente fala como quer e ninguém vai dizer: "eh - não se diz assim!" -- e como o cabo-verdiano gosta de facilidades - o crioulo está mesmo a calhar//, L 287-290

INF28: sim - uma língua difícil de ler e escrever -- não sei se é por causa do pouco conhecimento que ainda se tem sobre o crioulo ou..., L 528-529

• Desfavoráveis à LP

INF11: [...] mas é... [a LP] é complicado - é enrolado é:: é enrolado [...], L 366-367

ii) Historicidade e autonomia

• Nobilitação da LCV

INF12: [...] comparando sobretudo com o português e tomando consciência que muito do cabo-verdiano - é o português arcaico [...], L 42-43

INF12: [...] se a língua cabo-verdiana é uma língua neolatina - nós devíamos manter - em termos da própria história da língua - a evolução da língua - manter a nossa ligação com o etimológico [...], L 79-81

INF17: o crioulo está para o português assim como o português está para o latim - se o crioulo não é língua então o português também não é - então nós estamos todos a falar latim - que por sua vez fala uma outra língua - e assim sucessivamente -- eu penso que... quer dizer... já é altura de pararmos com essa discussão de empurra - de jogo de empurra - que não nos leva a lado nenhum - e assumir as coisas como elas são -- o crioulo é uma língua - tem capacidades suficientes para se exprimir como qualquer outra língua - e também talvez devido ao seu enriquecimento de (?) ter-se... consigo exprimir em crioulo com maior facilidade do que em outras línguas -- nós vamos ter de parar de tentar subcatalogar a nossa língua - não é?, L 517-526

(2) Atitudes valorativas (estéticas)

i) Favoráveis à LCV

INF17: *é claro que a beleza da língua cabo-verdiana sobrepõe-se à língua portuguesa [...], L 716-717*

INF27: *eu acho que é uma língua – bonita [...], L 429*

ii) Favoráveis à LP

INF11: *uma língua bonita - tem a sua beleza - não é? [...], L 366*

(3) Atitudes sociais

(i) Percepção favorável dos usuários da LCV

INF1: *não acho que a utilização do crioulo seja - digamos - algum elemento de avaliação do nível de educação das pessoas [...] eu pessoalmente não utilizaria - digamos - o crioulo como um elemento de avaliação do nível de instrução ou de educação das pessoas//, L 458-59; 464-465*

INF1: *acho que são pessoas normais [...] como todo o mundo -- utilizam a língua que sabem - comunicam-se da forma que sabem//, L 603, 607- 608*

(ii) Estatuto de língua

i) LCV não é língua

INF6: *não -- foi um dialecto -- agora... AGORA aumentou de estádio -- agora passou a ser língua//, L 473-4 4*

INF6: *não -- por razões - por razões meramente políticas -- razões meramente políticas -- porque a gente compulsa textos antigos de Baltasar - da F12² - e qualquer deles fala da do crioulo como dialecto//, L 476-478*

INF22: *bom - segundo aquilo que eu estudei - o crioulo é uma língua -- mas..., L 335*

INF22: *sentimento de ser uma língua - não muito [...]/, L 338*

ii) LCV é língua e materna e/ou nacional

INF1: *acho que sim -- se serve para comunicação - não é? [...] se eu falo português e as pessoas me entendem - falo francês e as pessoas me entendem -- francês ou português são línguas -- falo crioulo - não é? e as pessoas me entendem - eu acho que é uma língua//, L 434 - 437*

INF1: *[...] o crioulo é a língua de todos -- é a língua que nos une - não é?[...], L 749-750 –*

INF2: *a língua cabo-verdiana é a língua materna -- hoje ninguém lhe chama dialecto [...], L 395-396*

INF11: *[...] o crioulo - não é? que é a língua nacional - que é a língua dos cabo-verdianos [...], L 559*

INF11: *[...] nós temos uma língua - que nós nascemos - crescemos - aprendemos nessa língua - essa língua se for trabalhada - não é? se for dada uma determinada atenção - responde cabalmente às nossas necessidades - pessoais - sociais - técnicas - científicas - responde de certeza - estou certo disso – a:: daí que... acho que este é o caminho [...], L 380-384*

INF13: *[...] como é que eu posso dizer que não é uma língua se... então eu não... eu não ando a falar todos os dias? se eu digo que noventa por cento da minha expressão é em crioulo - então não me expresso numa língua? [...], L 724-727*

² Linguista cabo-verdiana

INF19: *penso... é uma língua que... primeiramente - a nossa língua materna - que nos identifica enquanto um povo - culturalmente -- e como tal - deverá ser assumida como língua [...], L 431-433*

INF25: *pronto - o crioulo - mesmo havendo essas variantes - mas é já... é uma língua - não é? uma língua com as suas características - então o cabo-verdiano é conhecido como cabo-verdiano por causa do seu próprio crioulo - não é? da sua língua//, L 515-517*

iii) LCV tem um caminho a fazer

INF7: *e a mim parece-me o seguinte -- uma coisa é uma língua falada - a língua... não só a língua falada - mas a língua a um nível - digamos popular - e outra coisa é uma língua que se... que é uma língua já tornada literária//, L 264-266,*

INF7: *é neste caso que eu vejo extremas dificuldades nessa transição do crioulo -- e parece-me que nesta altura o crioulo está com... a ser contrariada - está a ser contrariado -- e está a ser contrariado porquê? o desenvolvimento do país - o desenvolvimento do nível escolar do país - inclusivamente as próprias... a circunstância de os meios de comunicação como a rádio - como a televisão têm... começam a ter uma projecção tão grande aqui entre nós - e por outro lado - isso é fazer um pouco de futurologia - as circunstâncias em que me parece que Cabo Verde - pela sua posição estratégica - e pelas conveniências do mundo que a União europeia terá - como os Estados Unidos terão - Cabo Verde acabou por estar numa posição não só geográfica - mas fundamentalmente estratégica - para ser uma... uma... um país em que aquilo que será uma língua de civilização - para o caso o português - começa a ter uma preponderância muito grande entre nós [...], L 267-278*

INF8: *não -- eu acho que isso é uma... para dizer a verdade - eu acho que uma leviandade -- é uma desculpa de mau pagador -- uma desculpa para não se valorizar o crioulo -- eu acho que o crioulo -- como todas as outras línguas que se formaram - desde o francês - o português... todas essas línguas existem - mas passaram por diversas fases -- eu não digo que o crioulo seja hoje uma língua perfeita - com regras pré definidas - ou completamente definidas -- porque não é -- mas isto não impede que se estabeleçam essas regras - se definam essas regras -- e se faça um estudo técnico da da língua -- da língua crioula -- eu... porque... porque é que em Coração - por exemplo - já existem... já... estas coisas e nós não temos? porque eles lá assumiram a língua -- e fizeram e trabalharam para isso -- nós não assumimos ainda -- ou pelo menos temos alguma dificuldade -- e portanto - vai se andando -- e hoje os estudiosos aqui da língua já definiram que existem caminhos técnicos para se encontrar essa solução -- portanto - eu acho que ficamos num círculo vicioso -- não se valoriza a língua porque não tem regras - não tem isto - não tem aquele outro e portanto - não se valoriza - não se oficializa -- e não se definem as regras - não se faz isso porque não é a língua oficial e só se precisa preocupar com a língua oficial -- é um círculo vicioso//, L 314-331*

INF13: *[...] acho que é uma língua - mas todas as línguas têm... digamos... vão-se tornando mais... vão melhorando no sentido de... portanto avançar para a escrita - com uma escrita regulada - clara - seja para uma variante central ou para outras variantes -- agora uma língua que me permite expressar todos os conteúdos que eu quiser verbalmente - com certeza que permite também por escrito -- que é língua é -- agora - qual é a sua projecção? eu acho que é língua - eu acho que é língua - mas não estou a falar no sentido técnico porque eu não gosto de entrar por áreas que eu não... eu estou a falar no sentido de... para mim língua é quando qualquer comunidade consegue expressar todos os conteúdos que quiser verbalmente - sempre poderá pôr por escrito - agora haverá aí a necessidade de... em termos da escrita - a necessidade de... mas já temos um alfabeto - há normas que têm de ser estudadas naturalmente e que... já tem algum estudo - há uma gramática - mas naturalmente também... [...], L 728-741*

INF16: *é uma língua - eu acho que é uma língua - porque a gente compreende - não é? a gente consegue transmitir todas as informações necessárias - é uma língua -- agora - o problema é quanto à escrita do crioulo - não é? eu acho que nós não temos - assim... uma escrita clara - uniformizada - eu acho assim [...], L 507-510*

INF29: *bom - pessoalmente eu acho que o crioulo pode... pode também ser usado - não é? com mais esforço - com mais esforço - pode ser usado em outras situações mais formais -- pode ser utilizado mesmo a nível científico - não é? etc. etc. - só que - para que isso aconteça - é preciso que invistamos mais no crioulo - não é? façamos mais estudos do crioulo - porque até esta - digamos que não tem o background - não é? que lhe permite desempenhar esse papel//, L 657-662*

(4) Atitudes funcionais

(i) Capacidade e potencialidade comunicativa (adequada para literatura/ciência e técnica, força atractiva para estrangeiros)

i) Favoráveis à LCV

INF11: *[...] o crioulo é uma língua - na minha óptica - com muitas vantagens -- porque - para além de ser um sistema de significados - também tem uma forma simplificada de dizer as coisas - de uma forma directa -- daí até corro o risco de dizer que o crioulo será uma ótima língua - ou é uma ótima língua para tratar assuntos técnicos [...] é uma língua muito... que tem essa abertura - que tem essa (?) económica -- acho que é uma língua muito flexível - capaz de adaptar às circunstâncias - inclusivamente científicas técnicas - é uma questão só de ir buscar as palavras apropriadas ou criá-las - conforme for o caso -- mas eu acho que o crioulo é uma ótima língua - como disse o ³F3 é uma língua muito moderna - na sua estrutura - não é?, L 349-353, 359-364*

INF13: *[...] e inclusive há muitos estrangeiros que acabam por...e isto é importante... a força centrípeta ou de atracção do crioulo como qualquer outra língua em qualquer meio em que se está - muitos estrangeiros chegam cá e começam a falar o crioulo em pouco tempo [...], L 911 – 914*

INF17: *[...] tem capacidades suficientes para se exprimir como qualquer outra língua [...], L 522-523*

INF18: *ah! o crioulo é uma língua fantástica [...], L 453*

ii) Desfavoráveis à LP

INF11: *[...] tem a sua beleza para a literatura - mas não para questões técnicas -- lamento dizer - mas eu não vejo o português como uma boa língua para questões - questões técnicas [...], L 367-370*

(ii) Importância objectiva das línguas face às expectativas de desenvolvimento de CV

INF1: *[...] do ponto de vista de... do desenvolvimento do país - não é? se tivermos em conta que estamos na era da informação - na era da informação e - portanto - o conhecimento hoje em dia é:: um - o factor - não é? de produção mais eficaz para a nova economia - não é? se nós considerarmos tudo isso eu acho que... quando... a língua que nos leva ao mundo e que traz o mundo até nós e traz a comunicação e a informação até nós - ainda não é o crioulo -- o crioulo é... ainda é sobretudo falado - não é escrito -- [...] acesso à informação em português é já importante - é já importante -- daí que... que... para o desenvolvimento do país a:: nessa - nesse mundo de globalização e na nova correlação económica eu não creio que o crioulo seja uma ferramenta competitiva//, L 487 – 498*

INF12: *[...] o português é que é a língua que nos pode pôr em comunicação com duzentos... incluindo os cabo-verdianos - duzentos e vinte milhões de habitantes - de falantes - vamos dizer assim - enquanto que a língua cabo-verdiana é mais interno - nosso - no sentido dos cabo-verdianos que estão cá e da diáspora [...], L 444-448*

³ Falecido professor do ensino secundário que escreveu vários artigos nos jornais sobre a LCV

INF13: [...] e que é útil - é útil -- e se nós vamos a Angola - a Moçambique - saindo de Cabo Verde - o que nós vamos ver é que o português é também um ponto de união - que esse é um outro aspecto - o português é ponto de união também [...], L 970-973

INF14: eu vejo mais até para facilitar a nossa comunicação com outras pessoas - nós não vamos fazer uma comunicação só entre cabo-verdianos - fazemos uma comunicação com outros povos e com países - pessoas que falam outras línguas - então seria uma possibilidade que temos... utilizando a língua portuguesa temos... alargamos o âmbito da das nossas relações - muito mais [...], L 619-623

INF14: [...] quem fala português é que tem que ter esse domínio de uma terceira língua ainda - ou de uma segunda neste caso - para ter maior contacto com colegas nessas reuniões ou noutros encontros -- quem fala da CEDAO fala de outros encontros internacionais onde de facto o português é menos utilizado - utiliza-se mais é inglês ou francês -- e eu penso que neste momento é muito importante - então o domínio da língua inglesa é extremamente importante - facilita bastante//, L 720-25

INF21: o português seria mais para as relações internacionais - porque nós sabemos que o crioulo em si - ninguém vai-se interessar para esforçar para aprender o crioulo para quando vier para Cabo Verde para falar o crioulo -- mas sabe-se que a língua portuguesa é língua internacional - não é? uma pessoa que fala português já a nível internacional - internacionalmente - pode ser compreendido - mas o crioulo... uma pessoa que fala crioulo jamais será compreendido [...], L 517-523

INF29: para nós tem porque - digamos que - neste momento é - digamos que é - a nossa porta de saída para o exterior -- mas não é por... em certos contextos temos de apreender outras línguas que não o português - quando - numa atmosfera a nível mundial - não se utiliza o português como língua de trabalho - o cabo-verdiano devia estar apto para apreender o francês - o inglês - outras línguas que a nível mundial se utiliza como língua de trabalho - por exemplo//, L 587-491

(iii) Falar, ler e escrever LCV

i) Favoráveis

INF13: [...] se eu pudesse escrever crioulo assim como escrevo o português - naturalmente que eu escreveria muito em crioulo porque eu tenho muitas ideias -- é evidente que... porque nem tudo o que eu escrevo é para um mercado vasto - digamos internacional -- eu escrevo para a minha comunicação também - e para as pessoas cá dentro etc, [...], L 881-885

INF16: para que eles possam ter a noção como se escreve o crioulo -- acho que sim - porque normalmente falamos uma língua e... eu acho que nós devemos também escrever a nossa língua - não é? mas..., L 706-708

• Favorável, como programa intencional

INF8: [...] nós estamos naquela situação ainda que a escrita em crioulo é só para aqueles que estão a fazer quase que estudos ou a divulgação de estudos ou a promoção do crioulo [...], L 463 – 465

INF10: aí há uma coisa que eu devo confessar... que é... acho que na literatura a gente diz que é um programa - e é mesmo um programa intencional [...], L 288-89

- **Favorável, mas mediante criação de condições**

- **Norma**

INF7: [...] *uso oral e escrito - é por conseguinte - o português literário -- ser indistinto - nas repartições -- o uso escrito do crioulo ou do português é (?) - aqui entre nós - (?) escreve em crioulo de Santo Antão - é o terceiro oficial que acompanha aqui com o crioulo do Fogo - é o crioulo da Boa Vista que é o do Ministro a despachar (?)*[...], L 524-526

INF12: *eu tentei explicar - tentei pôr as diferentes variantes... uma pessoa lá de Santo Antão recebe este despacho - com estes diferentes pareceres - de Santiago - do Fogo e de São Vicente - fica baralhado! tem outra variante -- então porque é que a gente vai complicar isto? posso... posso estar a ridicularizar - a exagerar em termos disso - a caricaturar - mas... mas é uma possibilidade -- com a mobilidade que há em temos da nossa administração pública e das pessoas - isto pode acontecer!*, L 539-45

- **Regras de escrita**

INF10: [...] *temos um problema que é a diversidade... penso que... a primeira coisa quanto a mim é a padronização da grafia -- acho que é - porque se conseguirmos padronizar a grafia - atenua... atenua os preconceitos mútuos que todos temos -- é como uma distensão [...] primeiro começando por isso - por afirmar o crioulo como língua - com uma - com uma grafia - com um alfabeto -- e para isso eu não digo que tem de ser o ALUPEC -- mas como há o ALUPEC - vamos fazer com que as pessoas conheçam o ALUPEC [...] o que é que acontece com o ALUPEC? está-se a destruir o ALUPEC sem conhecer o ALUPEC -- há uma rejeição sem conhecimento - quanto mais porque primeiro*[...], L 677-82; 685-688, 693-695

INF10: *acho que por preconceito* [...], L 697

INF18: *olhe - isto é algo que carece de um estudo muito cuidadoso e só com... com se calhar - a definição... a standardização clara de uma escrita que deve-se tomar... deve-se estudar e deve-se usar -- talvez com o estudo a gente vai... vamos chegar lá - um dia vamos acabar todos aprendendo a escrever o crioulo correctamente*//, L 383-86

- **Aprendizagem da escrita**

INF5: *não -- não -- não acho -- não concordo com este tipo de divisão -- o que eu acho é que as pessoas todas devem ter oportunidades de formação - de educação - de contacto e de acesso a tudo - para poderem escolher livremente -- neste momento falar português - naquele noutro momento falar crioulo - ou escrever -- ou qualquer outra forma de expressão*//, L 565-566

INF19: *ai é que seria necessário uma aprendizagem -- traçar uma política para o ensino da língua - para que as pessoas pudessem estar preparadas para ler e escrever em língua cabo-verdiana*//, L 567-569

ii) Desfavoráveis ao exercício da escrita pela LCV

INF6: *ao fim e ao cabo... ao fim e ao cabo - eu digo devemos falar o crioulo - porque dizer que não - era como se tentássemos impedir que o rio corresse para o mar* [...], L 460-462

INF6: *pode [ler e escrever em crioulo] -- porque seria uma maneira de enriquecer aquilo que nós chamámos durante muito tempo por dialecto -- enriquecer*//, L 470-471

INF6: *eu já fiz essa pergunta -- se - sendo o crioulo uma língua segunda - se a gente - por exemplo - pode fazer uma nota em crioulo -- em que se dizia... até fizeram chacota com isso... porque em português a gente tem aqueles carimbos - chamemos assim - carimbos -- junto se envia -- ⁴olim ta*

⁴ Tradução para o português: Envio...

enviôbe” - “alim ta mandou”-- até que ponto é que isso não provocaria um certo - uma certa chacota - na nossa língua?, L 582-587

INF22: eu estava a pensar em... no... em utilizar - portanto - o português para... para... sei lá - instituições - estas coisas -- e o crioulo para falar - como nós..., L 445-446

iii) Atitudes para com o ALUPEC

- **Favorável a um único alfabeto para as duas línguas**

INF3: [...] eu não escrevo no crioulo - se escrever - utilizava a grafia tradicional mas não tenho o hábito de escrever no crioulo//, L 103

INF3: [...] sou um anti alupéquico [...], L 37

INF3: para ser usado na escrita - evidentemente -- as pessoas irão aprender a escrita - eu continuo a insistir que que convinha usarmos um único alfabeto para o português e o crioulo -- sou contra a ideia de proliferação de alfabetos -- acho que não vamos ganhar - vai atrapalhar - vai dificultar a aprendizagem - manter um único alfabeto e usar indiferentemente na literatura - e até permitiria o desenvolvimento da da digamos da dimensão técnica - do texto técnico em crioulo - o que nós não temos hoje em dia//, L 681 - 688

- **Desfavoráveis por não dar conta das relações genéticas**

INF6: [...] nunca consegui ler em crioulo -- NUNCA -- e muitas pessoas também experimentam a mesma dificuldade -- sobretudo agora... agora tornou-se mais difícil porque criaram um alfabeto... o:::, L 87-99

INF6: o tal ALUPEC -- sim -- com umas transcrições fonéticas esquisitas - em que tentam fugir da origem das palavras...L, 91-92

INF12: [...] a escrita ainda há essa questão que na minha cabeça não está resolvida - que é a grafia de... ou segundo o sistema português etimológico ou a proposta de alfabeto ALUPEC -- nessa... eu tenho alguma resistência [...].L 66-69

INF12: sim -- primeira coisa - fica um bocado difícil... a questão das regras -- comecei por estudar o fonético-fonológico - agora... ainda não tenho consolidado a nova proposta que é a mistura das duas - e depois há a questão de EU ACHAR que - se nós temos - se a língua cabo-verdiana é uma língua neolatina - nós devíamos manter - em termos da própria história da língua - a evolução da língua - manter a nossa ligação com o etimológico -- essa de... introdução de... portanto essa visão mais do fonético-fonológico - ou agora dessa proposta - e:: eu acho que perde - essa proposta vem reconciliar um pouco... a actual - mas perde essa questão - porque eu preocupo-me com a história das palavras - querer perceber a etimologia... entender... deve ser também a deformação da formação//, L 76 – 85

(iv) Ensino formal

i) Favoráveis

- **Favoráveis, sem constrangimentos**

INF4: [...] até que ponto a introdução talvez do crioulo nas escola não viria a ajudar nesse processo de comunicação [através do MSN, por parte dos jovens] na medida em que viria talvez a estabelecer uma norma - uma grafia - para esses jovens [...], L 297 - 299

INF11: e:: eu não diria isso -- eu acho que o português devia ser ensinado numa etapa - numa etapa posterior -- os alunos deviam ir para a escola - aprender o crioulo - dominar o crioulo e depois fazia-se a introdução - com metodologia da de língua segunda - não é? como se tem hoje em

dia - de forma a que pudessem **fazer uma boa aprendizagem do português** - não é? e que ao fim - quando terminassem o liceu - tivessem condições de usar - de usar esta língua como um instrumento - não é? para a vida deles - para a vida profissional - quando forem à universidade para fazerem consultas - mesmo no liceu [...]L 733-740

INF12: *eh:: sim - para crianças sobretudo - nos primeiros anos -- eu acho que já se faz um bocado - a aproximação - se têm dificuldade passam para o crioulo -- eu não sei se começam nos primeiros anos - mas eu tive dificuldade - quando acompanhei os meus filhos nos primeiros anos de escolaridade -- falavam muito pouco na escola porque como não podiam falar ou estar à vontade em dominar o português - então preferiam não falar -- eu experimentei falar o... em casa - o português - e eu vi que não dava - eu desisti - para podermos ficar à vontade -- porque como não tem... não se fala português em casa - não se fala português na rua - **é um choque começar - não só a falar em português mas logo a aprender em português** -- se bem que hoje em dia o jardim o jardim de infância já vai ajudar ensinar nessa aprendizagem - que tem as canções - as histórias e algumas coisas - mas eu acho que sim//, 572-584*

INF17: *em se tratando do problema crioulo/português - eu penso que torna-se necessário reforçar a institucionalização do crioulo nas escolas -- porque nós assim iremos de facto **eliminar vários factores que têm contribuído para o insucesso escolar dos alunos** [...], L 761-764*

INF25: *[...] passando a ser ensinada a língua crioula nas escolas - se calhar os alunos teriam oportunidade de **ver as duas coisas [línguas] de forma mais clara** [...], L 399-401*

- **Favorável, mas quando forem criadas condições (estudos, padronização)**

INF3: *eu acho que sim - eu acho que sim -- que se deve aprender - evidentemente desde o básico -- não agora... **deveria ser estudado convenientemente** -- não terá de ser necessariamente num alfabeto diferente -- há muita gente que..., L 385 - 387*

INF3: *[...] em relação ao crioulo - acho que nesse momento - estou de acordo que o crioulo deve ser oficializado - que deve ser ensinado na escola -- **mas esse ensino passa pela padronização** - senão não vale a pena -- **não existe língua nenhuma no mundo que não tenha sido padronizada previamente** [...], L 718 - 721*

INF5: *sim -- também -- porque não? eu admito isso naturalmente - como um **processo natural** -- que é uma coisa que a gente já devia ter passado de blá blá blá e começar já a fazer alguma coisa concreta -- mas para isso há todo aquele **trabalho preparatório** de que eu falei há pouco... daquelas fases - de fabricar essas ferramentas - **fabricar tudo o que a gente vai precisar manejar para pôr isto em campo**//, L 568 - 574*

INF10: *eu acho que primeiro o crioulo deve ser **ensinado aos professores** -- primeiro - primeiro os professores [...] mas com uma formação a sério... [...] eu neste momento acho que os professores primários - por exemplo - seria importantíssimo se tivessem uma boa formação do crioulo -- uma boa formação do português - uma boa formação do crioulo -- teriam mais facilidade em lidar com os alunos na sala de aula - e teriam maior capacidade - acho - para levar os alunos a dominarem as duas línguas -- aí é que eu começaria -- e naturalmente teria que aparecer um momento onde o crioulo entraria no currículo como veículo [...] vou ser mesmo muito atrevido - não sou linguista - sociolinguista - mas a ciência é ciência - ciência não é... **eu acho que não temos tido uma demarche - acho - muito científica nesse particular -- em que sentido? temos usado muita ideologia nisso** [...] eu não acredito que em nenhum país onde há uma língua dita nobre - inglês - francês - castelhano ou português - e há línguas nacionais ou há crioulos - e que essas línguas estão valorizadas no sistemas de ensino - eu não acredito que isso... que isso tenha sido feito sem conflito - eu não acredito - houve conflito de certeza -- e nós devemos é ir aí - ver esse conflito -- com todas as partes [...], L 748-785 (com supressões).*

INF13: *sim - eu acho que sim - eu acho que sim -- eu sou defensor de se ensinar o crioulo nas escolas - é complicado dizer que... que se tem de ter calma em relação a isso - ou seja - **calma** no*

*sentido de se discutir muito esta questão -- porque a pior coisa que há é ter de imediato estar fazer imposições em relação à língua - se há uma coisa que ninguém consegue impor é em relação à língua -- a gente pode impor tudo - pode impor toda a espécie de ditadura - mas em relação à forma de a agente se expressar! na escola até se pode... por exemplo - vamos lá ver - de imediato... de imediato... de imediato pode-se começar... a questão é... de imediato - **pode se começar na escola um programa de quê? de ensino de crioulo como língua quê? como língua... como mais uma disciplina - ensinar o crioulo como mais uma disciplina - eu acho muito bem ensinar o crioulo como uma disciplina**//, L 2000-11*

INF18: *falta sobretudo a escrita e a definição de - que crioulo? qual o padrão a usar? sem isso... porque não iríamos usar... ensinar o crioulo nas suas diferentes variantes -- tem que haver um padrão*//, L 596-598

INF24: *acho que sim - mas com a seguinte condição - **que os professores - primeiramente - acima de tudo - tenham formação** nessa base - para que também possam transmitir os conhecimentos científicos sobre as matérias aos discentes - os alunos - não é? mas não é trabalho... não é tarefa fácil*//, L 445-448

- **Favorável, mas não nos primeiros anos de escolaridade**

INF7: *[...] ser obrigatório o ensino do português - por exemplo - do crioulo - no início da instrução - no início da instrução - suponho que seria altamente prejudicial - isso se não tivesse também o ensino do português - e não me parece que nós deixemos - que vamos deixar o ensino português - não me parece* //, 473-474

INF7: *por exemplo - o ensino escolar desde o início -- ou se nós misturarmos as duas coisas - ou se não ensinarmos o português - ou ensinarmos só o crioulo - parece-me que nos dois casos estamos a... é esse o aspecto*//, L 517-519

INF7: *não estou a ver uma criança de seis anos - a partir dos seis anos - está com o emprego de duas línguas que - diga-se o que se disser - se por ventura há alguma dependência - há uma dependência do crioulo com relação ao português -- com relação ao crioulo - eu não sei se... , L 595-598*

- **Favorável apenas como objecto de ensino**

INF14: *[...] de modo que eu veria muito essa utilização da língua portuguesa para ensinar outras disciplinas -- poder-se-ia ter uma disciplina de crioulo - porque não? inclusivamente lá no início a gente falava no... do desconhecimento de regras [...] veria um pouco como disciplina*//, L 623-26, 630

INF27: *eu penso que como língua de ensino não - língua de ensino não -- porque devemos pensar nos nossos alunos que vão estudar fora - embora nem sempre o país de acolhimento seja Portugal - não é? porque às vezes eles vão para França - podem ir para um país que fale inglês - mas a::: penso que se souberem - por exemplo - falar bem ou minimamente o português - eles têm menos dificuldades em continuar com a língua francesa ou a língua inglesa - não é? porque saindo para fora - para ir estudar - eles não irão encontrar crioulo em nenhuma parte do mundo - crioulo é só aqui -- agora podia aparecer como uma disciplina curricular - não como língua de ensino*// , l 452-459

ii) Desfavoráveis

INF15: *acho que o crioulo ainda - para ensino não responde*//, L 390

INF20: *eu não sei - eu acho que não*//

AML: *Acha que não, porque? Consegue dizer o porquê?*

INF20: *eu não sei - há aquela relação entre o crioulo e a língua de casa - para mim há aquela relação - há aquela relação que português é a língua da escolal//, L 522*

iii) Atitudes face à aprendizagem da escrita da LCV por parte dos líderes que não escrevem nessa língua

INF1: *gostaria de poder escrever e ler se isso tivesse sido um processo -- mas não creio que... com a experiência que tenho - com a idade que eu tenho - com o:: enfim - se calhar o tipo de de actividade que eu tenho - onde utilizo muito - muito - outras línguas - em particular o inglês - eu acho que preferir... se eu tivesse mesmo que preferir - escolher neste momento - uma língua para escrever bem - não seria o crioulo -- teria alguma dificuldade -- eu gostaria - mas eu acho que como ferramenta - como instrumento de - enfim - de trabalho//, L 124-130*

INF3: *gostaria [de aprender] -- mas primeiro - não vou fazer este investimento -- não está no meu propósito fazer esse investimento -- primeiro porque não tenho tempo - tenho mais que fazer - tenho outras prioridades//, L 378-80*

INF3: *não - não sinto necessidade -- não sinto necessidade porque... quer dizer há muita coisa a aprender e eu tenho... priorizo as coisas -- há outras prioridades// ; 382-383*

INF14: *não - à von... sem problemas -- sem problemas - desde que tivesse... às vezes é uma questão de arranjar tempo e disponibilidade para aprofundar um pouco mais e perceber -- ler e escrever - eu não teria preconceitos [...], L 441-443*

(v) Alfabetização de adultos

i) Favoráveis: vantagens

• Facilitar o processo de aprendizagem

INF2: *porque eu penso que facilitaria imensamente o o processo de aprendizagem -- assim como no ensino formal nós temos disfunções que resultam da vida decorrer em língua cabo-verdiana e do ensino formal decorrer em português limitando-se só àqueles momentos... isto cria alguma disfunção - sem dúvida - é professora - sabe isso melhor do que eu... acredito que para os alfabetizando se se alfabetiza em língua cabo-verdiana está o caminho meio andado//, L 669 – 673*

INF18: *na alfabetização de adulto eu acho que DE-VE ser utilizado o crioulo -- creio que a alfabetização tem... tem características um pouco diferentes -- e se temos que partir da realidade das pessoas - das suas necessidades - das suas vivências - então não podemos deixar o crioulo para trás -- penso que no ensino de adultos - a alfabetização - dava mais jeito - ajudava mais... conseguiríamos - se calhar... como é que eu diria? conseguir apanhar mais o interesse das pessoas e assim poder enquadrá-las melhor na aprendizagem que... portanto - o crioulo seria... digamos que seria a língua auxiliar - não é?, L 603-610*

• Favorecer a unificação da escrita

INF2: *[...] a gente teria como efeito - de facto - a tendência para a unificação da escrita [...], L 656-657*

• Psicológicas

INF2: *eu penso que sim no aspecto social [vantagens] -- porque está a ver... sobretudo se isto coincidir com... com o crescente aumento do estatuto da língua - é cómodo para as pessoas até terem o suporte psicológico - que estão a navegar numa língua que tem o reconhecimento social - que não é uma língua menor - que não é um apêndice tolerável - que não é um dialecto desprezível ou coisa que valha//, L 676 - 679*

- **Não de imediato**

INF1: *eu não tenho uma posição fechada e formatada nesta matéria -- mas a minha perspectiva é - sem pressa - é sem pressa -- alfabetização para que? qual é a utilidade da alfabetização? é fazer com que as pessoas a:: sejam mais integradas com outras pessoas - possuam - digamos - instrumentos - digamos - que lhes permitam singrar ou ter uma... na vida social e na vida económica ou particularmente na vida económica -- eu acho que nesta perspectiva sem dúvida o crioulo... o português tem mais potencialidades do que o crioulo//, L 769-775*

INF13: *na alfabetização de adultos? eu acho que sim também -- mas e::: eu na alfabetização de adultos talvez começasse a alfabetização de adultos em português - pelo seguinte - o adulto vai encontrar maior quantidade de material em português - com que possa lidar para além da escola -- se a gente que vai fazer uma alfabetização de adultos - para que as aulas bastem por si - não é preciso lá fora - o professor fica contente - o estado fica contente - porque se alfabetizou alunos em crioulo - e o aluno fica analfabeto - porque aprendeu aquele conteúdo em crioulo e cá fora não tem instrumentos... não podemos também... é como eu digo - de facto eu acho que o caminho faz-se andando - nunca é momento adequado para começar - depois daqui a uns anos é que se vem dizer parabéns por se ter começado - mas mesmo assim tem-se que pensar na hora de começar - para não começar também mal -- por exemplo - muitas vezes começa-se mal e depois de começar mal - desacredita-se o projecto e nunca mais//, L 2000-2042*

INF3: *bom - a:: isso implicaria padronização porque eu - neste momento diria que não -- diria que não porque não vejo como [...] mas eu acho de facto... não havendo padronização acho muito difícil -- quer dizer, faremos alfabetização escrevendo por exemplo ⁵katxupa com tch, com x, com thcq (?), L 703- 4, 709-711*

- **Favorável, como uma etapa para a LP**

INF6: *da alfabetização -- alfabetiza-se em crioulo - mas logo com um trampolim imediato para o português [...], L 531-532*

INF27: *numa primeira fase acho que sim -- para as pessoas ficarem mais à vontade - não é? mas depois podia-se ensinar o português//, 461-462*

ii) Desfavoráveis

INF15: *eu continuo achando que tudo o que seja ensino - o crioulo ainda não... não amadureceu - não responde - mesmo na alfabetização//, L 399*

INF24: *bom - vai depender do que nós entendemos como alfabetização de adultos -- quer dizer se estamos a preparar um adulto para que de facto ele aprenda os meandros da vida portuguesa - penso que não fará sentido fazê-la de outra forma - senão em língua portuguesa//, L 717*

(vi) Uso oficial da LCV (oficialização)

i) Favoráveis

- **Processo (criação de condições)**

INF1: *[...] que se chegue a um entendimento - e que sejam criadas as condições para que o crioulo passe a ser também uma língua escrita//, L 795-95*

⁵ Cachupa, prato nacional e tradicional cabo-verdiano.

INF2: *já acontece na comunicação oral... claro que há outros problemas que se põem -- a gente vai escrever - mas vai escrever em qual variante? este é OUTro problema... outro problema... L, 403-406*

INF4: *[...] agora é verdade que a oficialização do crioulo vai trazer grandes grandes... alguns problemas pelo menos trará -- mas enfim - quer dizer - o importante é que se decida o mais depressa possível em relação ao crioulo [...], L 266 - 267*

INF5: *[...] as pessoas estão achando que a oficialização do crioulo implica optar pelo crioulo de uma das ilhas -- mas eu acho que não é nada disso -- eu acho que não é nada disso -- nem poderia ser -- porque isso não iria acontecer -- então era criar uma lei que ninguém iria respeitar à partida [...], L 421 - 23*

INF5: *[...] eu preferia não me... não interferir -- eu preferia deixar o crioulo caminhar -- eu - se alguma coisa dependesse de mim - eu deixaria que tudo caminhasse - sem grandes interferências -- porque às vezes a interferência do homem na natureza é boa - mas raramente [...] nós devemos encarar isso com mais naturalidade -- nós encaramos isso de uma perspectiva política que é um assunto que eu sinto que é capaz até de estragar a nossa comunhão - a nossa maneira de viver - a nossa maneira de - de nos relacionarmos uns com os outros -- eu não sei - mas eu sinto que há qualquer coisa aí que possa ser mau//, L 391-95, 400-404*

INF5: *não sei -- acho que mais estudos também -- todo este caminhar lento significa também estudar a língua -- significa também produzir ferramentas -- significa também preparar pessoas - por exemplo os professores -- como é que a gente vai oficializar o crioulo se não temos uma classe docente preparada para ensinar isso? é também... há uma coisa que faz muita confusão na cabeça das pessoas -- porque a gente não está a ver em termos faseados como é que isso vai processar -- enfim ainda ninguém percebeu//, 445-451*

INF10: *[...] como processo... como processo [a oficialização da LCV] - justamente isso -- eu acho que aí... aí temos que definir um programa - definir objectivos e ter uma estratégia em relação ao crioulo -- temos... temos um problema que é a diversidade -- temos um problema que é a diversidade... penso que... a primeira coisa quanto a mim é a padronização da grafia [...] L 677-681*

INF18: *bom - primeiro teríamos que estudar o crioulo por longos anos - não é? mesmo depois de encontrar este padrão - a escrita definida - é preciso longos anos de estudo do crioulo - escrita - oralidade... até que o crioulo passe a ser também uma língua intelectual - uma língua para qualquer assunto - para qualquer momento//, L 661-664*

INF29: *[...] é padronizar o crioulo - é só padronizando o crioulo é que se deve oficializar o crioulo - aqui... não estou... quando falo da oficialização do crioulo - não falo da padronização do crioulo - está a ver? é uma coisa que deve vir antes - padronizar-se e depois oficializar-se//, L 697-700*

- **Sem constrangimentos**

INF9: *[...] eu penso que para o crioulo se tornar oficial agora falta só uma decisão política - acho que já fez uma caminhada..., L 597-98*

INF11: *[...] há gente que usa o facto de existirem variantes para combaterem a oficialização - a escrita - ou o desenvolvimento do crioulo - porque infelizmente há gente em Cabo Verde - e gente que constitui... que assumem posições ou atitudes de intelectuais - que estão contra o crioulo - infelizmente -- gente que deveriam estar na luta para a afirmação da nação cabo-verdiana - para a sobrevivência da nação cabo-verdiana no mundo - acho que estão mais preocupados com a sobrevivência da nação portuguesa - não é? da nação ou do grande império Portugal - império entre aspas - não é? - no mundo [...], L 659-667*

INF16: *[...] eu acho que a língua crioula pode ser oficializada [...], L 598-599*

• **Assumir como língua oficial**

INF8: [...] eu acho que um país que tem essa felicidade - essa graça de ter uma língua materna - essa língua materna não precisava de ser declarada como oficial -- ela devia pura e simplesmente - por natureza - ser assumida como língua [...], L 496 – 499

INF8: [...] eu acho que ficamos num círculo vicioso -- não se valoriza a língua porque não tem regras - não tem isto - não tem aquele outro e portanto - não se valoriza - não se oficializa -- e não se definem as regras - não se faz isso porque não é a língua oficial e só se precisa preocupar com a língua oficial -- é um círculo vicioso//, L 326-330

ii) Desfavoráveis

INF6: não -- isso [oficializar o crioulo] é só para... para que o nosso orgulho ficasse mais ou menos acalmado -- sim -- porque tudo o que há neste momento é que a língua crioula tenha um estatuto que a dignifique//, L 557

INF26: acho que não [oficializar o crioulo] - porque eu penso que... eu imagino um professor a trabalhar tudo - a ensinar tudo - a transmitir tudo em crioulo -- até oralmente vamos - mas quando chegar na altura de escrever - penso que isso não vai sair bem - porque..., L 506

iii) Depende do conteúdo da oficialização

INF7: tudo depende do sentido que se der a oficialização -- eu digo-lhe com franqueza - (obrigatório?)... ser oficializado **para** ser obrigatório o ensino do português - por exemplo - do crioulo - no início da instrução - no início da instrução - suponho que seria altamente prejudicial - isso se não tivesse também o ensino do português - e não me parece que nós deixemos - que vamos deixar o ensino português - não me parece //, L 472-477

INF7: ele dizia [Baltasar Lopes da Silva] - como se coarctava a capacidade de expansão das ideias que o cabo-verdiano - que é... que era tirado para fora - num país com quinhentos mil habitantes? uma língua que - por exemplo - não tem de facto projecção -- e que não tem capacidade de tradução - porque quem vai traduzir? não há tradutores de crioulo - e a haver serão os próprios cabo-verdianos -- mas o número é sempre restrito - se eu tivesse de escrever um manual de filosofia em crioulo - esse manual é lido por um número restrito - e se eu trago uma ideia nova - terei dificuldade na expansão - de modo que esse problema - do modo como Baltasar o põe - dos deveres e dos direitos - o direito à língua - é minha - mas eu tenho o dever de expandir as minhas ideias - de modo... isso é que provoca a dificuldade -- é isso que eu estou a dizer - não tem nada a ver com diminuir o crioulo - o que estou a dizer acaba por ser um direito adquirido - mas sob certos aspectos dificulta a expansão - a expansão das ideias//, L 495-506

INF7: agora - não oficializar não - digo o contrário -- agora - aquilo que o ⁶F6 acabou por propor - que era - a utilização... teria de ser do português literário - uso oral e escrito - é por conseguinte - o português literário -- ser indistinto - nas repartições -- o uso escrito do crioulo ou do português é (?) - aqui entre nós - (?) escreve em crioulo de Santo Antão - é o terceiro oficial que acompanha aqui com o crioulo do Fogo - é o crioulo da Boa Vista que é o do Ministro a despachar (?) - por isso é que eu digo - oficializar - não oficializar de qualquer maneira -- temos de lá chegar - porque é uma prioridade nossa não aceitarmos - não aceitarmos isso -- o que me parece - é o que eu lhe digo - não - eu não... ao oficializar - **não significa dar-lhe uma primazia que diminua - diminua o português//**, L521-529

INF13: [...] depende do que se entenda por ... se me falar da oficialização... em coisas concretas... a oficialização ao nível das línguas e os simpósios que se fazem - isso... são muito úteis para os linguistas - são muito úteis para... mas quem escreve no quotidiano não tem em conta isso --

⁶ Linguista cabo-verdiano

depois a gente pouco a pouco vai-se corrigindo - "ah! não - isto agora - segundo o acordo ortográfico - faz-se assim" - e a pouco e pouco as pessoas vão corrigindo isto - mas também se esses acordos ortográficos forem muito teóricos - muito fora da realidade - ninguém vai respeitar - e o acordo... depois virá um acordo a alterar o acordo -- se me disser que oficialização é publicar nos boletins oficiais em crioulo - eu diria que não estaria de acordo..., L 2090 – 2099

INF13: eu... a medida que eu vejo neste momento - que eu vejo de útil no crioulo é continuar com estudos e ensinar nas escolas -- saber exactamente como é - discutir inclusive com os alunos - para os alunos terem também a consciência do valor da língua e o que é língua - porque todos nós temos... há uma concepção errada entre nós sobre a ideia de língua - língua é aquilo que as pessoas estabeleceram lá nos simpósios etc. -- se me... se me disserem que vão oficializar o crioulo no sentido de dizer - ser ensinado nas escolas - no sentido de se dever - ou ter de falar - e ter de usar em determinadas circunstâncias necessariamente - não concordo -- em nenhuma circunstância se pode impor que se fale - porque o português... não se impôs que se falasse - português é uma imposição antiga - e não se deve... não é com duas ditaduras que se resolve uma ditadura - não -- é aquela ditadura que vai-se desfazendo - o nascimento espontâneo - o crescimento - não só espontâneo [...], L 3009 – 3024

INF13: para o ensino nas escolas - por exemplo - e para ser aceite em qualquer circunstância - para se poder falar em qualquer circunstância -- e escrever também? mas se ainda não fizemos o ensino da escrita! repare - esta parte - ser falado em qualquer circunstância - já existe - já se fala em todo e qualquer circunstância! eu - se quiser falar com o primeiro ministro em crioulo - ele de certeza que não me vai pedir para falar em português -- se eu estiver a falar com um inglês - eu falo em português ou inglês - ou o inglês possível -- escrever boletim oficial? mas isto já estamos no plano da escrita - é que quando a gente fala da língua - há língua falada e língua escrita - e a língua escrita - eu já disse que acho que se deve ensinar nas escolas - e a partir daí vamos ver! ou seja - vamos caminhar - não vamos impor... impor - porque tudo pode ser imposição - a democracia pode ser imposição - a liberdade pode ser imposição - a escrita pode ser imposição também//, 3040-3054

iv) Argumentos favoráveis à oficialização

INF1: o crioulo é a língua que nos une -- é a língua que nós utilizamos na nossa comunicação - não é? eu não... não vejo porque é que não há de ser oficializado -- eu se calhar acho até que vamos atrasados nisso//, 784-6

INF2: [...] é língua - é língua nacional -- o que é que impede que se lhe reconheça o estatuto? [...], L 687-688

INF3: [...] porque:: é a única forma do crioulo não continuar a evoluir eternamente - porque senão - se não houver oficialização - não há padronização -- porque a padronização é importante - - não há padronização e continuamos eternamente a inventar a língua [...] quer dizer - se não há padronização cada um escreve à sua maneira -- escrever à sua maneira - não há em língua nenhuma -- se entendi bem - oficialização para permitir a padronização como em todas as línguas - eu sei que a padronização traz grandes polémicas [...], L 667 – 675

INF12: eu acho que... o que tem havido em termos políticos... nós somos um país independente há mais de 30 anos -- nós usamos... nós temos duas línguas -- essa unidade com essas duas componentes - oficializamos apenas uma - e valorizamos essa - não valorizamos a outra -- para mim esta é que é a questão -- é valorizar aquela outra que não está -- mas não... não no sentido de dizer que é mais importante - porque eu acho que tem havido uma certa confusão - é dar essa ideia que o subvalorizado vai ficar sobrevalorizado - essa é que pode (?) não -- vamos elevar ao nível do outro - mas o outro[português] muito bem também//, L 615-622

INF29: *não tem - até esta data não tem - embora haja grupos de defensores do crioulo - ainda não tem o prestígio que o português tem - mesmo actualmente - isso quer dizer que - temos de fazer muitas coisas para que o crioulo atinja o estatuto - o prestígio que o português tem - não é? porque se não se investir muito a sério - não é? no estudo do crioulo - um estudo sistematizado do crioulo - não é? oficializando o crioulo no sentido da sua introdução na escola - porque na escola... eu aprendi o português na escola - não é?, L 480-486*

v) Funções a exercer pela LCV oficializada

INF1: *eu acho que deve ser oficializado como uma língua -- como uma língua -- não se pode oficializar uma língua para ler - outra para falar -- é oficializada como língua -- é evidente que neste momento o crioulo é utilizado mais na fala - não é? e que se desenvolvam... que sejam desenvolvidas... criadas as condições para que também se passe a escrever o... [...] //, L 790-94*

INF2: *e gostaria de alguma vez vê-la oficializada - no uso - na administração - como na prática já acontece na comunicação oral//, L 401-2*

INF2: *[...] ainda que fosse para que uma ou outra vez - os nossos governantes nos pronunciassem um discurso em crioulo - em momentos de grande de grande audiência nacional em virtude da importância do momento - em pé de igualdade com o português//, L 690 - 693*

INF8: *é isso que eu... é contra isso que eu... acho que se devia dar essa... só que as circunstâncias é que impoariam as regras... quer dizer - você vai a um determinado sítio... eu estou na Assembleia - numa sessão parlamentar - eu falo em português - eu falo em crioulo - **consoante for a vontade** -- eu não tenho que me sentir inibido por falar crioulo - ou valorizado por falar português -- eu tenho é duas línguas para optar -- eu falo naquela que melhor me convier -- se eu me sinto melhor em português - para poder exprimir o meu raciocínio - poder rebater - poder argumentar etc. e coiso eu não deixo para falar em crioulo só nos momentos de coiso assim - tal... que estou a mandar uma mensagem específica para o meu povo -- quando quero que a rádio - que a rádio me oiça sobre determinados assuntos - eu passo para crioulo -- no resto que é formal - que é coiso... para mostrar que eu sou importante - que nós somos os órgãos de soberania a decidir - falamos em português -- é isso o ridículo//, L 522-534*

INF23: *podíamos fazer tudo - tanto em português como... dependendo da dependendo - se calhar - do gosto de cada qual//, L 433-434*

INF27: *eu acho que sim - para estas duas situações - no trabalho - na comunicação social -- e a pessoa ficaria com liberdade de escolher - não é? usar a língua que se calhar tem mais à vontade de utilizar//, L 512-514*

2.4.2. Atitudes afectivo-emocionais e antropológicas

(i) Afectivo-emocionais

i) Favoráveis à LCV

INF2: *[...] a gente estima e traz essa língua [LCV] no peito como... qualquer coisa que **herdou com o leite materno...**, L 398 -3999*

INF5: *o crioulo é... para mim - é **um bem que a natureza me deu** - como me deu a cor da pele - a cor dos olhos -- tudo o que eu sou -- para mim ele é um dos bens [...] isso - o crioulo não saiu necessariamente das mãos de Deus - mas foi um conjunto de circunstâncias que o produziu -- e que... foi aquilo - e não podia ser outra coisa -- era aquilo mesmo que aquelas circunstâncias tinham que produzir [...], L 389-90, 397-400*

INF8: *acontece porque sabe que é onde ele exprime-se... exprime melhor os seus sentimentos -- é **aquilo que lhe vem da alma - do seu íntimo** -- e ele sabe que as pessoas o entendem melhor[...], L 429-431*

INF12: [...] *é fundamental - é como a respiração... as outras coisas... eu posso gostar mais ou menos dos pratos regionais - mas os básicos todos nós temos - e todos nós apreciamos - é mais ou menos em termos da língua//, L 519-523*

INF29: *bom - ser cabo-verdiano e utilizar o crioulo - diria que é quase imperativo - não é? portanto - o crioulo - de certa forma espelha a nossa alma - nossa alma - não é? porque há certos aspectos profundos da nossa maneira de ser - da nossa alma - que só com o crioulo vêm à tona [...], L 528-531*

- **LCV, alma**

INF9: *o português é o meu... é um instrumento -- o crioulo é minha alma - é em grande parte minha alma [...], L 539-540*

iii) Favoráveis à LP

INF2: [...] *é um património [a LP] - que a gente estima - ama e gosta de ver bem cultivada - bem conservada e bem tratada [...], L 386 - 388*

INF5: [...] *eu gosto destas duas línguas da mesma forma//, L 377*

INF13: [...] *é por isso que eu digo... que eu sinto o português e o crioulo como a... se se proibisse o português em Cabo Verde - escrever o português - isso seria impossível -- seria tão impossível como proibir o crioulo -- bom - quase tão impossível como proibir o crioulo - porque - bom - o crioulo sai espontaneamente - as pessoas falariam aqui o crioulo - continuariam a expressar-se em crioulo - à vontade -- mas no momento de... escrever uma carta - as pessoas sentiriam saudades de algumas expressões em português - sentiriam necessidade de se expressar em português se se impusesse que a expressão fosse em crioulo -- isso - portanto - para dizer que o português e o crioulo... [...], L 1071-1079*

INF23: [...] *eu gosto do português - gosto - isso eu gosto - sempre gostei [...], L 42*

iv) Ser cabo-verdiano e não gostar da LCV

INF4: [...] *aceito isso [um cabo-verdiano não gostar de LCV] com naturalidade -- acho que cada ser humano tem o direito de fazer as suas opções -- se um cabo-verdiano decide que só se deve exprimir em português - ninguém deve ser contra isso [...], L 426 - 428*

INF9: *admito que há [cabo-verdiano não gostar da LCV] //, L 798*

INF9: *isso [cabo-verdiano não gostar ou não usar a LCV] por pela nossa história... por uma questão de história nossa - de alienação - sobretudo pela sobrevalorização do português e do:: alheamento do crioulo [...], L 800-802*

INF10: *poucas pessoas não gostam do crioulo [...] não rejeitam o crioulo - hipervalorizam o português [...], L 602,608*

INF10: [...] *acho que é essa a contradição de fundo -- do crioulo ser ao mesmo tempo naturalmente amado - usado - e ao mesmo tempo não valorizado [...], L 446-448*

INF16: *eu acho que um cabo-verdiano normalmente gosta da língua crioula - gosta da língua crioula [...], L 552-553*

INF19: *acho que não -- sendo cabo-verdiano acho que em nenhuma circunstância ele diria que não gosta de usar crioulo - enquanto sua língua materna -- e uma coisa - eu tenho notado que um cabo-verdiano - a partir do momento que ele - passar a viver fora de Cabo Verde - acho que ele sente ainda mais apegado à sua língua do que estando em Cabo Verde [...], L 489-493*

(ii) Atitudes identitárias

i) LCV, símbolo da identidade

INF3: *não necessariamente -- quer dizer é um elemento - a língua crioula - nossa língua - é um elemento importante de identidade mas não é exclusiva [...], L 496 - 498*

INF4: *[...] sem dúvida - que é [o crioulo] um elemento fundamental na identificação ou na identidade do cabo-verdiano e por esta razão é é incontornável [...], L269 - 270*

INF9: *[...] mas eu -- o meu apego ao crioulo -- à língua cabo-verdiana é por... tem muitos motivos -- alguns... para já trata-se de uma criatura nossa - é uma **criatura nossa** -- o cabo-verdiano nunca inventou nada -- suponhamos - mas inventou uma língua - o crioulo é nossa criatura - nós a criamos//, L 527-531*

INF10: *[...] sem dúvida o crioulo é um traço fundamental da nossa identidade [...] eu acho que o crioulo vive um paradoxo - aliás a nossa identidade tem... vive um paradoxo[...], L 423-424, 425-426*

INF10: *[...] eu reparo o seguinte -- e isso é que eu chamo contradição -- há pessoas que usam o crioulo - que até... até eu conheço algum... algum intelectual que até... até que ele... há momentos que vê-se que ele usa o crioulo com algum sabor e com alguma reminiscência... também quase como uma tentativa de identificação com o povo - usam isso - também -- uma espécie de romantismo - mas ao mesmo tempo hipervalorizam o português -- não rejeitam o crioulo - hipervalorizam o português -- eu acho que isso demonstra que o crioulo é quase como um traço - eu diria... não chego a ponto de dizer - sem o crioulo não há cabo-verdiano - mas acho que é um traço eminentemente constitutivo do ser cabo-verdiano - a língua - eu acho que é//, L 602, -612*

INF11: *é fundamental - não é? eu acho que ser cabo-verdiano sem o crioulo - não existe esse cenário -- o a digamos assim - a:: o aspecto identitário mais forte do cabo-verdiano é a língua -- **é a coisa que... melhor coisa que ele criou nesses quinhentos anos de existência -- a:: foi a língua cabo-verdiana** [...] o cabo-verdiano seja lá onde - em Portugal - na Holanda - fala o crioulo - enquanto muitas outras nações mudam - e deixam de falar as línguas que falam - deixam de falar as próprias línguas para falar as línguas daquela nação - mas o cabo-verdiano não [...], L 596-600, 605-608*

INF13: *[...] eu - por exemplo - como estudante - quando eu vinha passar férias - eu falava crioulo como um sinal de reivindicação de independência no fundo - digamos assim - muito resumidamente - reivindicação cultural - etc. -- um estudante universitário a falar crioulo aqui em Cabo Verde - era o que acontecia na minha geração - todos nós vínhamos de férias e tal - falávamos aqui só crioulo - só um ou outro falava em português - e curiosamente era quase sempre a:: sua identificação como o estrato... com um estrato que não pretenderia a independência - essa que é a grande verdade portanto -- e é evidente que eu - como os da minha geração - nós mantemos... de alguma forma... por exemplo - não se liberta das ideias e dos sentimentos de forma tão fácil - mantemos um bocadinho isso - mantemos -- eu acho que essa ideia também isso permanece - também que é uma reivindicação da independência [...], L 920-931*

INF17: *[...] o crioulo é DE FACTO o bilhete de identidade de um cabo-verdiano -- a meu ver - o nosso bilhete de identidade é a nossa língua - não interessa que ele seja de Djô de Txica - de Serra Malagueta ou de Ponta Chicharro - não interessa - o nosso crioulo é a nossa língua [...], L 661-664*

ii) Face à LP

• LP é um património

INF10: *eu acho... eu acho que tanto o português como o crioulo são património dos cabo-verdianos -- não são... não são é património de... de... como é que pos... não é - de igual valor - até valor... não são é patrimónios igualmente valorizados e apreendidos por todos - pelas razões óbvias -- mas isso não quer dizer que - por exemplo - os poderes públicos não tenham a obrigação de fazer com que o português seja património para o mais... para o maior número possível de cabo-verdianos - idem para o crioulo [...], L 415-421*

INF12: *eu falo do crioulo em termos de identidade - da mesma forma que também falo do português - como uma questão de identidade -- sendo nós..., L 431-432*

INF12: *sendo nós... tendo nós uma **cultura compósita** de toda a influencia europeia - portuguesa e africana - e **depois elaboramos a nossa cultura e a nossa língua** - isto é nosso - tem as duas componentes [...], L 434-436*

INF13: *eu acho que é um património nosso - eu acho que é um património nosso [...] sociologicamente - eu acho que é quase... é impossível negar que o português é um património nosso [...], L 942, 946-947*

INF13: *[...] eu acho que todas expressam a identidade - **essas línguas...** o português também contribui - expressa - historicamente contribui e actualmente - sociologicamente - psicologicamente também contribui [...], L 4047-4049*

INF13: *e então nós temos essa ... eu digo... eu digo é que nós temos toda essa... essa **amalgama conjunta dentro da nossa identidade** [...], 1062-1063*

• Existe algum vínculo identitário com a LP

INF15: *em pé de igualdade [língua de identidade, tal como a LCV] - embora... embora... quer dizer - a criouldade é mais vinculativa - digamos -- portanto - você pode não falar o português - mas fala crioulo sendo cabo-verdiano//, L 358-360*

INF15: *não - eu continuo admitindo que nós herdamos... essa herança... a língua é portuguesa - herdamos - e portanto faz parte - mesmo que se desenvolva o crioulo - o português se identifica com Cabo Verde//, L 483-485*

INF24: *bom - o português - claro - já é um pouco contos de outro rosário - mas que também faz parte da nossa história - não é? já não faz da nossa cultura - faz - até que faz um pouco -- não é? acho que faz - faz parte um pouco da nossa cultura - porque nós fomos - digamos - durante muitos anos - não é? colonizados - mas penso que todo o cabo-verdiano deverá ter em conta que a língua portuguesa é a nossa segunda língua - queiramos ou não queiramos//, L 537-542*

• Vínculo utilitário (não existe vínculo identitário com a LP)

INF9: *portanto há aqueles que dominam o português ou cabo-verdianos que dominam o português -- porque há uma grande franja da população cabo-verdiana que não domina - portanto não pode ser um património que não utiliza -- de que não precisa - portanto nesse sentido -- **mas eu penso que é um instrumento de que que nós precisamos** - de que nós precisamos porque é:: um instrumento de comunicação com outros outros povos -- já não digo só com portugueses mas com todos os falantes de português que não têm que ser só os portugueses de PALOP e brasileiros mas de outras doutras nacionalidades que... acho que como instrumento... eu costumo dizer que um:: que ter o domínio de qualquer língua - seja ela qual for - é sempre uma utilidade - sempre - é sempre bom para quem fala -- mas por isso eu penso que é um um instrumento de que nós precisamos -- podemos considerar património entre aspas porque é veiculo de muita coisa que já está integrada em nós enquanto povo - enquanto cultura [...], L 516-528*

INF11: [...] a língua portuguesa não faz parte da: idiossincrasia do cabo-verdiano[...], L 672-673
INF11: [...] mas é uma língua por decreto -- o português não é língua dos cabo-verdianos[...], L 780-781

INF28: eu por exemplo não considero português como nossa língua -- eu estudei - aprendi que o português veio desde a... com a colonização - e por isso nós ficamos a utilizar... fomos colonizados - então ficamos a utilizar o português -- eu não considero português a nossa língua - mas nós aprendemos na... é a nossa língua da escola - depois nós aprendemos e continuamos a falar o português - às vezes mais do que crioulo//, L 475-481

iii) Ser cabo-verdiano e não saber/não usar LCV

INF2: eu penso que sim -- não é por aí que se define a nacionalidade de um indivíduo -- um indivíduo pode ser cabo-verdiano e por opção ou porque está mais influenciado pela... **em virtude da emigração ou por outras razões - ou até por princípio** - ele quer falar o português - por mim não é por ali que ele será menos cabo-verdiano do que os outros -- haverá as mais díspares razões - mas não creio que seja este... que seja esta uma razão fundamental e definitiva -- talvez você vá encontrar lá em Portugal - aqueles que sempre que possam - falam o crioulo - até como expressão de afirmação identitária - até em reacção contra o meio - refúgio no ambiente de trabalho - ou no círculo da família fazem questão e gala de se exprimir em crioulo - estando lá em Portugal -- por hipótese... não sei se é por aí que... para mim o cabo-verdiano que - por princípio - quer apostar no português e deixar o crioulo para outros momentos - nem por isso o julgo menos cabo-verdiano//, L 463 - 475

INF18: olhe - cabo-verdiano nato e que cresceu nessa realidade com toda essa caboverdianidade nossa - eu não acredito que nenhum cabo-verdiano não saiba falar crioulo -- agora - **existem cabo-verdianos... digo - alienados** - não é? existem - infelizmente existem - que acham menosprezo falar crioulo -- acham que seriam mais... pessoas mais consideradas - mais escutadas - mais bem tratadas - se falassem o português -- mas - acho que isso é uma... é uma... um desvio de... sei lá - de consciência - de... infelizmente existem pessoas assim -- agora menos - agora muito menos - porque eu acho que o cabo-verdiano já... já se conscientizou de que o crioulo é a nossa... não há como negar//, L 504-512

INF20: eu acho que há uma ligação íntima entre o cabo-verdiano e crioulo - é cabo-verdiano tem que saber falar o crioulo//, L 452-453

v) Ser cabo-verdiano e saber/usar (apenas) LP

INF1: [...] eu conheço muitos cabo-verdianos - são bons cabo-verdianos e que só utilizam o português porque sentem-se melhor com o português -- viveram muito tempo fora ou por uma razão... ou por em casa falar-se mais português ou apreendeu melhor o português//, L 635-639

INF2: **preconceito e formalidade** -- outras vezes isso pode não ter maldade - mas ser um mero comportamento formal -- forma de estar - talvez sem nenhum juízo de valor -- tanto que esta pessoa - no momento seguinte - é capaz de lá em casa ou comigo ou porque me conhece e talvez por saber que sou do mundo da::: automaticamente expressa-se em português -- muito bem - a gente adapta-se -- mas não acredito que a comunicação desta pessoa se passe todo o tempo em língua portuguesa - a menos que haja alguma percentagem - que mesmo sendo cabo-verdiano - lá em casa fale português -- não acredito muito nisso// L 447 - 454

INF26: [...] pessoas que foram educadas desde o... portanto - da nascença - a ouvir o português dos pais - falam português - porque há pessoas... há cabo-verdianos - **MUIto pouco** - mas que falam o português -- os pais falam com os filhos o português em casa - os filhos respondem em português - e já quando falam... e para falarem o crioulo - há uma mistura - e bem nítida - do crioulo com o português - não conseguem falar o crioulo que nós falamos - e já não falam também o português//, L 568-573

(iii) Atitudes culturais

i) LCV como língua de cultura

• LP não é língua de cultura

INF11: *acho que exprime melhor não - acho que exprime a cultura de Cabo Verde é o crioulo -- português não exprime a cultura de Cabo Verde//, L 755-756*

INF11: *nós temos uma literatura em português - tudo bem -- nós temos uma literatura em português -- acho que temos bons escritores - não é? mas são escritores que tiveram uma formação excelente - não é? foi em português - na língua portuguesa -- na altura só gente dominava a língua portuguesa - gente muito culta - não é? muito erudita - e que a partir daí conseguiu produzir uma literatura com sabor cabo-verdiano na língua portuguesa -- mas eu penso que essa mesma literatura podia ser produzida numa outra língua - não é? desde que o o:: autor dominasse bem - não é? tivesse um grande domínio dessa língua e da cultura cabo-verdiana claro -- eu penso que são dois factores - não é? essenciais para que isso aconteça -- é o domínio - conhecer ou fazer parte da cultura cabo-verdiana - e também ter um domínio - um bom domínio da outra língua - e penso aí - que aí as coisas já flúem melhor - mas quando falamos no povo - da vivência do dia a dia..., L 790-804*

• LCV é língua de cultura, sendo a LP para a literatura

INF7: *e a mim parece-me o seguinte -- uma coisa é uma língua falada - a língua... não só a língua falada - mas a língua a um nível - digamos popular - e outra coisa é uma língua que se... que é uma língua já tornada literária//, L 263-265*

INF7: *[...] uma língua que sob certos aspectos é uma língua popular e não uma língua literária - o caso concreto Cabo Verde - o caso concreto Cabo Verde [...], não penso como muitas vezes se diz - "ah! o português para chegar a língua literária - o crioulo não chegou - o português para chegar a língua literária levou tantos anos - tantos séculos" -- não é a mesma coisa -- o português levou séculos sem televisão - sem rádio - sem coisa nenhuma - sem escrita até -- pode-se dizer - não é a mesma coisa - não é a mesmíssima coisa [...], L 411-413, 416-421*

INF7: *é neste caso que eu vejo extremas dificuldades nessa transição do crioulo -- e parece-me que nesta altura o crioulo está com... a ser contrariada - está a ser contrariado [...], L 267-69*

INF12: *as duas ((risos)) não - eu brinquei -- como o homem cabo-verdiano tem essas duas componentes - quer dizer... mas de facto a cultura cabo-verdiana é expressa em língua cabo-verdiana -- eu brinquei a dizer as duas porque o português entra... mas essencialmente é isso... não consigo... para as outras pessoas poderem perceber - por exemplo - a nossa música - fez-se um esforço - e foi muito criticado na altura mas foi óptimo - a morna em português ou coisas dessas - mas é assim - é a língua cabo-verdiana - essa é que é a nossa - é nela que nós expressamos a nossa cultura - é nela que nós somos nós - portanto é isso//, L 683-690*

INF12: *literatura popular eu aceito a cabo-verdiana e eu acho que sim -- mas a culta - eu acho que... eu não verei isso -- é uma coisa que poderá vir a acontecer no futuro distante - a literatura culta - não vejo isso -- para além de que uma edição em língua cabo-verdiana terá de ser muito reduzida - para nós - a edição portuguesa já é mil exemplares - fica cada vez mais caro -- não - eu estou convencido que..., L 693-698*

INF12: *esta é uma questão - é uma questão prática -- as pessoas que poderão escrever - fazer uma literatura culta em crioulo e que poderão ler essa literatura - são as pessoas que dominam dominam... perfeitamente o português -- então essa questão prática acaba por ser importante -- por exemplo - uma tese que é defendida ... vamos ver um caso concreto - o Dr. Manuel Veiga defendeu a tese de doutoramento dele - sobre a língua cabo-verdiana - em francês - eu acho que ele*

não tem que traduzir isso para o português porque as pessoas que se interessam por isso e que queiram ler são pessoas que dominam o francês - fazer isso para o português não é para o grande público - é para um público restrito - é nesse aspecto que eu estou a dizer - acaba por ser a esse nível//, L 700-709

INF18: [...] se estamos a tratar de assunto culturais - expressamente tradicionais - digamos assim - achava melhor em crioulo - sem dúvida - não é? seria escandaloso fazer um batuque em português - por exemplo -- o cabo-verdiano não ia fazer um batuque em português -- seria escândalo -- mas - sabe bem o batuque em crioulo - não é? dá mais... tem mais... agora..., L 536-540

INF18: literatura... literatura tem o problema da escrita que eu já disse -- porque o problema da escrita ainda é... constitui um obstáculo a muita gente - e::: uma literatura em crioulo não deixa de ter o seu valor - não deixa de ter o seu... mas em termos de recepção acho que tem menos... tem menos acolhimento do que..., L 647-650

- **LCV é língua de cultura, sendo qualquer das duas línguas para a literatura**

INF5: naturalmente será o crioulo -- sem dúvida [a exprimir melhor a cultura de Cabo Verde] //, L 576

INF5: [...] todas as sociedades acabam por produzir uma cultura erudita e uma cultura popular -- [...] e então eu acho que... para mim - cada criador de cultura vai escolhendo a sua ferramenta que quer utilizar -- eu acho melhor... eu preferia ter esta liberdade [...] eu não quero este direccionismo -- eu não gosto disso [...], L 587 - 596

- **LCV é língua de cultura mesmo para a literatura**

INF1: naturalmente o crioulo -- eu pelo menos tenho preferência pelo crioulo//, L 742

INF1: eu acho que o crioulo... por isso é que eu disse há bocado que eu tenho duas perspectivas -- uma perspectiva de identidade - uma perspectiva cultural - onde naturalmente o crioulo tem o seu espaço - e o crioulo... quer dizer... e digamos que o português não tem -- é só ver na nossa cultura musical -- o português não tem espaço na nossa cultura musical -- o crioulo é que tem espaço -- eu acho que para a identidade - para a nossa identidade - para a nossa expressão cultural - naturalmente que o crioulo é a língua de todos -- é a língua que nos une - não é? eu quando falo que o português tem essas vantagens competitivas é no nosso relacionamento com o mundo - não é? na nossa integração na... portanto - no... na sociedade de informação - no mundo da informação - no mundo do conhecimento -- o português é uma ferramenta mais poderosa - que nos oferece maiores facilidades para essa integração - não é? facilidades que o crioulo ainda não oferece//, L 744 - 755

INF28: eu acho que o crioulo identifica-se melhor com... os aspectos culturais do povo cabo-verdiano -- tanto no batuque como no funaná - mesmo nas outras actividades - o crioulo identifica-se mais com o povo cabo-verdiano//, L 534-536

- ii) LCV e LP são línguas de cultura**

INF13: [...] como eu tenho essa ideia de que a nossa identidade contém ambas as coisas - eu acho que uma grande parte da expressividade a grande parte é em crioulo porque como eu disse - acho que a maior parte das pessoas aqui em Cabo Verde - noventa por cento - é de expressão em crioulo - é o que me parece - mas o português interfere mesmo nessa... no nosso crioulo - o português interfere aí - mesmo expressando em crioulo - e há determinadas áreas em que o português quer entrar mesmo (?) - um português amaneirado - etc. - mas é quase em português -- portanto eu acho que todas expressam a identidade - essas línguas... o português também contribui - expressa - historicamente contribui e actualmente - sociologicamente - psicologicamente também contribui -- o facto de nós não falarmos português no quotidiano - não significa necessariamente que nós não

tivemos estruturas e que não tivemos até um certo tipo de emoções específicas ligadas ao português//, L 4041-4052

INF23: as duas línguas -- as duas línguas - porque a nossa cultura é transmitida através do batuque e do funaná - mas também através de literatura - de poemas -- então... as duas línguas transmitem//, L 571-573

INF23: podem [os escritores e poetas] utilizar as duas línguas - eu acho que sim - há sentimentos que transmitidos em crioulo saem-se melhor - não é?, L 565-566

2.4. 3. Face ao uso (sociais)

i) Ambas as línguas são adequadas a todas as pessoas, assuntos e circunstâncias

INF8: não -- eu não faço essa distinção [adequação das línguas a pessoas, assuntos e circunstâncias] -- faço essa distinção actualmente [...] L 379

INF8: [...] o crioulo tem de subir também para ser usado na sala - na sala de visitas - nos salões -- e o português deixar de ser utilizado só em circunstâncias formais -- e utilizado só pelos... nos salões de importância e ser apreendido e utilizado pelo nosso povo [...], L 356-359

INF9: não - não -- do meu ponto de vista não há [língua mais adequada a pessoas, assuntos e circunstâncias] -- mas há pessoas que pensam que o português é mais adequado para uma situação - inclusivamente pessoas que falam em casa para a família em crioulo mas que em circunstâncias e::: de crispação - diria - já passam a usar português como a querer impor-se -- e há pessoas que... mesmo dirigentes - que podem estar a falar com subordinados em crioulo mas quando precisa dar uma ordem - essa ordem já não é dada em crioulo - é dada em português -- portanto há situações -- infelizmente há essas essas situações... existem entre nós... e eu creio... que pelo peso da nossa história alienante//, L 705-712

INF9: é uma situação a ser superada - vai a ser superada pelo..., L 715

INF9: [...] mas normalmente eu faço questão de usar sempre o crioulo -- aliás é a minha grande luta//, L 231 -233

*INF9: não - assunto não -- assunto **não mexe comigo** em questão da utilização da língua//, L 504-505*

INF10: contextos onde eu só uso o português? são... são esses contextos mais formais - estar num seminário - estar num colóquio ou numa mesa redonda -- entretanto - ENTREtanto - por vezes nalguns nalguns desses contextos ainda posso usar o crioulo - às vezes é uma espécie de provocação - já fiz isso nalguns - nalguns casos//, L 236 - 240

INF11: e::: pessoalmente - porque... digamos... digamos... eu vou chamar-lhe uma forma de resistência [usar LCV com todas as pessoas e para todos os assuntos e circunstâncias]//, L 61-62

INF11: [...] eu acho que devo ter o direito de usar - pelo menos no território cabo-verdiano - em circunstância que for - devo ter o direito - aliás - tenho o direito de usar a minha língua - não é? não pode haver situações em que um cabo-verdiano não possa - ou seja proibido de usar a língua cabo-verdiana em Cabo Verde -- isso é um absurdo -- então foi uma forma que eu encontrei [usar exclusivamente a LCV] de dizer isso às pessoas - de mostrar isso às pessoas -- e também de incentivá-las a fazer o mesmo [...], L 67-72

INF11: o português não tinha utilização -- hoje - a ideia que tenho - é que tinha uma certa... é::: o português ficava exclusivamente na escola - não é? é a ideia que tenho - é a ideia que eu tenho -- posso estar enganado [...], L 405-407

*INF11: [...] eu acho um absurdo que haja esta substituição que aconteceu nesses últimos 31 anos de independência - que **o português ganhou - ganhou espaço em Cabo Verde** - ganhou espaço nesses últimos anos - agora não sou contra esse espaço do português - é a forma como... [...], L 398-401*

INF13: [...] acho que eu às vezes falo crioulo quando... em circunstâncias em que as pessoas esperam de mim português [...], L 46-47

INF18: não - não é adequado só para esse tipo de pessoa -- o crioulo é adequado para todas as classes sociais - em Cabo Verde//, L 494-495

INF18: por exemplo - hoje em dia - eu acho que as autoridades políticas já repararam isso -- nós podemos usar - tanto em... em situações formais como informais - usar tanto o crioulo como o português[...], L 617-619

ii) LP, mais adequada contextos mais formais e/ou assuntos mais sérios

INF3: [...] agora em Cabo Verde virou moda falar o português ou o crioulo em espaços oficiais [...], L 322 – 323

INF4: por exemplo se estou a lidar-me com **alguém do povo** - digamos assim - eu **acho que é melhor falar** em crioulo do que em português//, L 38 – 39

INF14: não - em termos de **assuntos...** bom provavelmente poderia haver um ou outro assunto - mas penso que... são as tais questões que nós vemos... se calhar algum assunto... se fossemos para uma palestra - alguns temas mais específicos - vamos supor - em áreas científicas - provavelmente - - mas também podem ser feitas em crioulo - nada exclui - mas até chegamos a uma situação em que o próprio crioulo é um crioulo que tem muitos termos da língua portuguesa - é nessas situações - mas não... não excluo essa utilização//, L 676-682

INF6: hoje em dia dizer-se também que devia ser o português é... é a mesma história -- era ir contra a corrente -- é ir contra a corrente -- porque da maneira como isso está - não vai mesmo regredir - isto é - impor... ninguém ia impor que se falasse em português -- se não cairia no ridículo -- as pessoas falam aquilo que bem entenderem//, L 546-550

INF6: quando é um assunto muito sério [prefere usar LP] //, L 43

INF15: não - eu não diria isso [LCV mais adequada para pessoas sem instrução, sem educação] -- eu acho que todos podemos falar o crioulo - até porque... é só ver quando se juntam dois ou quatro crioulos - é a língua que predomina - mesmo que haja estrangeiros no meio a gente fala em crioulo - até porque lá fora a gente encontra... e o crioulo predomina [...], L 309-312

INF15: me parece que fica mais sério - o clima dá uma sensação de autoridade - sei lá - oficial -- porque exprimir completamente em crioulo... há sempre aquela tendência de banalização - eu continuo a defender isso - quando se exprime em crioulo - às vezes a gente envereda por caminhos - digamos - menos sérios do que se for em português//, L 315-319

INF15: ainda falam mal o português - horroroso -- me parece um pouco por termos essa mania ou esse hábito de falar o crioulo em tudo - e cada vez se utiliza mais o crioulo - agora se utiliza nos parlamentos - começa a se utilizar nas escolas - e então isso faz com que as pessoas falem mal o português - também a leitura - e escrevem um pouco//, L 451-455

INF21: o português é mais para as situações formais - não é? nas conferências - nas reuniões - nos aspectos de... assim... em termos internacionais - projecção de Cabo Verde - não é? o português é mais aceitável -- mas o crioulo - como eu disse - crioulo é uma língua que até ser... até ser oficializada ainda não chegou a esse patamar de... que nós podemos chamar de importante -- quando é que se deve utilizar mais...? geralmente é mais no dia-a-dia - no quotidiano que se utiliza o crioulo -- é uma forma das pessoas...enfim... estar mais à vontade//, 554-560

INF22: quem tem mais formação - portanto - está mais apto a falar português -- não é que seja... portanto... que seja adequado a ele e só ele - e não a outro... é que o outro tem talvez... o com menos nível de escolaridade - por exemplo - não está muito habituado a falar//, L 368-371

INF22: [...] porque já aprendi... já... portanto - que quando se dirige a uma... a uma entidade... sei lá - a uma pessoa que ocupa um cargo superior - portanto - deve-se dirigir em português - acho que é isso//, L 415-417

INF26: bem - o crioulo se calhar com pessoas amigas - para tratar de assuntos íntimos ou relacionadas com as actividades de diferentes grupos em que as pessoas participam - essas pessoas

participam - se calhar - mas penso que nas repartições - para falar com autoridades - superiores - eu acho que deve ser português - já que é nossa língua oficial//, L 662-666

iii) Contextos de uso de uma língua, querendo usar a outra

• Fala/falou LCV querendo usar LP

INF4: *porque... por exemplo - às vezes numa conversa de alguma complexidade eu sinto que - por defeito meu - não por defeito da língua cabo-verdiana - eu sinto que exprimiria melhor se usasse português -- é nesses momentos que eu ... acho que me sairia melhor se falasse o português//, L 201 - 204*

INF13: *há uma ou outra circunstância -- por exemplo na comunicação social eu já usei crioulo - numa circunstância em que eu achei que era preferível usar português//, L 295-297*

INF13: *porquê? bom - é extremamente complexo -- eu vivo... a sociedade em que eu vivo é a sociedade praiense - o lugar para o qual eu contribuo para o bem e para o mal - é a cidade da Praia - eu sou um cidadão da Praia - entre aspas -- mesmo que eu tenha nascido em Santo Antão - estudado em São Vicente - a verdade é que estou na Praia - há aqui tantos anos - é aqui que eu faço a minha vida - é o meu centro e há determinadas circunstâncias em que... se eu estiver a falar algo relativo à cidade da Praia - fica-me a impressão que é... pelo menos na circunstância... foi essa que eu falei no crioulo de São Vicente... e eu senti necessidade de mudar para o crioulo da Praia -- eu não mudei porque pareceria fictício - e naquela altura eu ansiei pelo português - eu não sei se seria o momento ideal para fazer a fuga para o português e não me lembro agora se eu fiz a fuga ou não -- essa é uma circunstância em que **o português me surgiu um pouco como a tábua de salvação neutral nessa circunstância//, L 299-311***

INF18: *por exemplo em aulas -- por exemplo em aulas -- eu muitas vezes nas minhas aulas - quando por exemplo... eu - no ano passado - tive um aluno... uma aluna - que vinha totalmente bloqueada - não conseguia exprimir nada em português -- eu quando descobri isso comecei - portanto - comecei a investigar a aluna - a criar motivos para conversarmos -- mas vi que de nenhuma maneira ela se desbloqueava -- então - eu tive que pedir à aluna que falasse em crioulo[...], L 252-257*

INF19: *ou a pessoa fica com outra impressão de nós -- não sei - principalmente em instituições - certas instituições - com um certo grupo de intelectuais -- ainda sinto que quando falamos em português... em crioulo - não nos dão tanta importância como quando falamos em português//, L 297-300*

INF29: *repartição pública - falei o crioulo com a pessoa - mas eu - ao mesmo tempo - eu achei que devia falar português - naquele contexto devia falar - pronto - também - às vezes o crioulo sai espontaneamente//, L 326-328*

• Fala/falou LP, querendo usar LCV

INF2: *não -- no primeiro caso não há[contextos em que fala LCV, mas gostaria de falar LP] -- no segundo caso em que eu uso o português mas gostaria de usar o crioulo... isso nem sempre depende de mim - pois você na vida social encontra uma ou outra pessoa que é habituada a exprimir-se em português - e ali - mesmo que você fale com eles em crioulo - eles acabam por responder em português -- então - para não dificultar este jogo - eu tenho que me adaptar//, L 274 - 279*

INF7: *gostaria não... de falar crioulo - gostaria de falar crioulo -- porque confesso-lhe que me parece que normalmente - sendo necessário - sendo necessário quer dizer - se o grupo que se está... ou a pessoa a quem me dirijo - está normalmente a utilizar o crioulo - eu utilizo o crioulo sem vontade nenhuma de voltar ao português - porque acho que me estou a expressar - e estou a perceber - e estou dentro do assunto exposto pelo meu interlocutor ou pelos outros//, L 192-197*

INF12: só [falou LCV, querendo falar LP ou vice-versa] em circunstâncias de eu me dirigir a uma pessoa em crioulo e ele responder-me em português//, L 263-64

INF12: aí há uma reacção -- porque... eu esperava que era um tanto quanto informal por causa do relacionamento ou proximidade - que houvesse uma retribuição do mesmo nível - e acabo por sentir que é um nível superior -- não é questão da língua - é porque o português é usado mesmo para mostrar isso - pôr distância - mostrar um domínio da superioridade - então nessa..., L 266-270

INF13: sim - circunstâncias de trabalho como advogado - e algumas outras circunstâncias - na rua e que a pessoa - em virtude de uma... uma ocorrência qualquer - ou porque estou... por exemplo - muito bem vestido - a pessoa dirige-se para mim a falar de determinado assunto - sabe também que eu sou advogado... quer dizer... cria um ambiente formal para falar comigo -- e também a própria pessoa quer mostrar que não é qualquer um - ao fim ao cabo isto ainda está no espírito das pessoas - e começa a falar português - e muitas vezes é um assunto que eu gostaria de facto de conversar com a pessoa - e então aí eu torço para chegarmos ao crioulo -- e às vezes aborrece - aborrece - mas eu compreendo porque eu também não posso dizer às pessoas - " não - fala crioulo [...], L 322-331

INF23: quer dizer ((risos)) às vezes - começa-se a falar o português com uma pessoa que se pensa que se devia falar o português - e a pessoa responde em crioulo - e às vezes - torna-se constrangedor isso//, L 334-36

2.4.4. Normativas

1. Face à LCV

(i) Verdadeiro crioulo

i) Língua como um todo

INF1: [...] aquilo que eu falo - porquê? porque:: eu tenho alguma dificuldade - à partida - em fazer a:: diferenças ou em marcar as grandes diferenças - as grandes nuances - [...] as grandes diferenças que existem - portanto - no crioulo das diferentes ilhas -- portanto - particularmente de barlavento e sotavento [...] porque não tenho dificuldades em perceber - não é? o crioulo da Brava ou o crioulo de Santo Antão - não é? e porque também nunca percebi que algum interlocutor meu - da Brava ou de Santo Antão - teve problemas em perceber-me eu acho que o meu crioulo... e o crioulo que eu utilizo - da mesma forma que eles - não é? e o que eles utilizam são... portanto - são... representa a minha autenticidade -- é o que eu sei falar//, L 587 - 598

INF3: acho que sim -- o crioulo verdadeiro é uma língua que tem variantes -- como o português [...], L 459

INF14: eu penso que há toda a evolução - que a gente não teria de falar em... num verdadeiro crioulo - mas que há uma língua - com as suas influências - provavelmente algumas pessoas por terem ... até pelo meio em que vivem - a:: pelo meio em que vivem têm todas as condições de falar um... portanto - têm mais influencia - outras têm menos - mas que... é o mesmo que se passa também com a língua portuguesa//, 461-466

INF21: isto é difícil de dizer porque até há pessoas que acham que... por exemplo... se formos ver dizem crioulo de Santiago - crioulo de São Vicente -- mas - por exemplo - o crioulo de Santiago - aquele crioulo vernáculo - aquele crioulo que chamamos crioulo puro - não é da Praia - é do interior de Santiago -- então - aqui há uma contradição - porque o verdadeiro crioulo do badiu é aquele do interior de Santiago - que nós chamamos crioulo fundo -- então - assim - acho que..., L 530- 536

INF9: [...] esse crioulo dos nossos analfabetos é que é de facto um crioulo melhor mais cois... não tem o contágio de nós que fomos escolarizados [...], L 780-782

INF11: [...] *mas isso é um trabalho dos linguistas - dos cientistas - não é? eu aqui sou leigo - mas os cientistas para fazer um estudo e dizer o que é melhor -- mas eu na minha posição de leigo - eu digo - acho que nós devemos ir à matriz - não é?, L, 698-701*

INF11: *eu acho que ela [essa matriz] deve estar com as pessoas mais velhas que não foram para a escola -- têm uma estrutura mais coerente - uma estrutura que sobreviveu durante trezentos quatrocentos ou quantos ano - não é? é uma estrutura coerente - é uma estrutura única - não é? é uma estrutura lógica que amadureceu - não é? que amadureceu - e que neste momento está-se a perder -- eu acho que esta estrutura que tem 400 anos é mais válida do que uma estrutura que tem 10 ou 15 ou 20 anos -- é o que eu penso -- eu penso que em sítio nenhum - adopta-se os as modificações que a língua sofre do dia para a noite/, L 703-710*

ii) Favoráveis ao falar de Santiago

INF6: *Bataras Lopes da Silva disse que o crioulo de Santiago é o mais rico -- e para qualquer estudo o crioulo de Santiago é que era o ideal//, L 316-317*

INF15: *é a tal história - continua a parecer que o crioulo da Praia é o crioulo - digamos - genuíno - e que daí tenha derivado os outros - mas há quem defenda também o crioulo de barlavento - por ser mais próximo do português -- às vezes - aí fica um pouco... , L 427-430*

INF15: *o crioulo de Santiago - me parece que - em todas as ilhas a gente sempre consegue encontrar algum termo que é crioulo de Santiago - com as nuances - de ilha para ilha - mas quer dizer - a construção... embora esteja a pensar agora no crioulo de Santo Antão que é completamente diferente - fica complicado realmente eger um crioulo[...], L 431-436*

INF20: *para mim é o de Santiago - foi o primeiro - foi o primeiro - e eu acho que é aquele que sofre menos - que sofreu menos transformações -- por exemplo - eu quando estou a falar com uma pessoa do Fogo - eu fico com a sensação que eles abrem muito a boca - e o crioulo de Santiago não é assim -- do Maio eu acho que tem de fechar a boca - não sei ... do barlavento - eu acho que há omissão de vogais - então para mim o crioulo que deve ser usado em Cabo Verde é o crioulo de Santiago//, L 439-445*

INF25: *como a minha... a minha língua é o crioulo de Santiago - estou mais à vontade - se calhar nesse sentido eu defendo que seja o crioulo de Santiago ((risos)), L 459-460*

iii) Remissão a um padrão

INF8: *não -- eu acho que... se eu defendo que nós estamos em criação permanente - nós somos uma criatura... , L 540-541*

INF8: *sim -- sim -- não - não -- eu acho... quer dizer - isso já eu ia entrar numa questão técnica que não domino - que não percebo - portanto não falo sobre isso -- eu já disse isso -- que eu acho que os técnicos na matéria é que devem definir isso [...], L 544-546*

INF26: *o verdadeiro crioulo eu acho que é aquele crioulo que é utilizado com aplicação - com respeito às regras do crioulo// , L 545*

INF23: *eu acho que isso é... isto é discutível - não é? porque... para dizer que algo... se eu digo que o crioulo de Santiago é o melhor - é o verdadeiro crioulo - os de Santo Antão dizem isso mesmo -- então - se calhar isso... é bom que se estude isso com muito cuidado - para poder definir... haver um... mas eu - puxando a brasa para minha sardinha - eu diria que... Santiago ((risos)) então - eu acho que isso deve ser bem estudado para não haja... para que não haja... não é confusão - mas para que não haja... , L 653-659*

iv) Desfavoráveis ao falar de Santiago

INF5: *e então cada uma delas tem que ser respeitada da mesma forma -- essa é ... há hoje em dia uma teoria que pretende... eu tenho ouvido muitas pessoas aqui em Santiago verbalizar que esta ilha é quase um continente - que esta ilha tem mais de metade da população do arquipélago - creio que... a insinuar que o crioulo desta ilha deve prevalecer -- eu não concordo - porque se isso*

acontecer eu tenho a certeza que vai haver uma pulverização de sentimentos e de atitudes que vai ser muito mau para o país -- isso sim vai beliscar a nossa identidade -- e muito//, L 496 - 503

INF10: essa... eu acho que essa é... essa é uma... essa é uma teoria identitária... é uma teoria do essencialismo -- que é dizer que a nação começou em Santiago - começou na Cidade Velha - que... e começou em Santiago - começou em Santiago com... com... sobretudo com escravos ou descendentes de escravos - praticamente sem ou quase sem misturas -- seria o núcleo duro - seria o núcleo puro - e o resto seria portanto - variações a partir portanto das origens que foram cultivadas -- portanto temos uma cultura de essência - uma teoria do essencialismo - tanto na língua como na identidade em geral - na língua que é um factor - que é digamos um vector identitário - como no resto -- eu não concordo - eu não concordo -- eu não concordo -- eu não concordo e acho que isso sim - isso seria uma visão muito hegemónica - e rapidamente podíamos cair numa visão rácica -- rapidamente//, L 555-565

INF12: eu... eu acho que esta questão... os argumentos que são apresentados em termos de argumentos linguísticos são sobretudo argumentos políticos - são extra linguísticos - "de que a maior parte - mais de metade da população reside no interior de Santiago" - "que o crioulo o crioulo do Santiago é mais próximo das línguas africanas" - isto pode ser eventualmente linguístico - mas há questão de cada um querer usar a língua que o identifica - o que nos faz... nesta diversidade o que nos faz um povo único... portanto - nesta homogeneidade da cultura e da língua cabo-verdiana - nós temos essa... nossa diversidade das variantes -- e dentro das variantes - o crioulo do interior de Santiago não é o crioulo da Praia - portanto há essas diferenças - é a mesma coisa em português -- mas eu acho que esta é uma questão que não devia ser discutida - da variante -- isto é uma coisa secundária - mas é a questão da língua em si - no todo - mas mistura-se o todo por estas partes que são a especificidade das variantes [...], L 490-502

(ii) Norma ou padrão

i) Deve ser definido intencionalmente

- **Padronização das "variedades" de barlavento e de sotavento**

INF13: [...] agora obviamente que se eu estivesse a falar crioulo - língua enquanto tal - língua enquanto tal - penso que tem de ter uma estandardização clara - mesmo que seja por variante - mas cada variante tem de ter a sua estandardização - clara e inequívoca//, L 719-722

INF16: eu acho que - fazendo justiça - devíamos oficializar crioulo sim - mas temos padrão sotavento - padrão barlavento//, L 805-806

- **Deve ser definida pelos técnicos**

INF6: ah -- isso [estabelecer um padrão] só os estudiosos na matéria é que poderiam dizer -- eu -- sinceramente - não sei//, L 281-282

INF6: [...] eu tenho para mim que que é muito difícil estabelecer um crioulo padrão [...], L 125-126

INF11: [...] mas os cientistas para fazer um estudo e dizer o que é melhor [...], L 707-708

INF18: como eu disse - eu não ousaria - neste momento eu não ousaria escolher nenhum... nenhuma variante -- eu sei que a variante do... de Santiago - está na base -- isto é certo -- agora - se deve ter a variante de Santiago como padrão - acho que os estudos... (...), L 669-672

- **Favorável ao falar de Santiago como padrão**

INF8: [...] eu acho que os técnicos na matéria é que devem definir isso -- e os técnicos da matéria - pelos menos os mais conhecidos - que já deram mais coisas até hoje sobre o assunto - que é o F1⁷-a F2⁸ e o Baltasar Lopes - todos defendem a mesma tese -- que devia-se tomar como base... aliás o F1 vai mais longe... que defende que devia haver duas bases - uma de sotavento e outra de barlavento - sendo que a de Santiago seria mais para de sotavento - e a de São Vicente mais para barlavento [...] eu acho que tecnicamente - os técnicos da língua - os cientistas da língua encontrarão forma de definir um crioulo básico - aquilo que será o crioulo formal - oficial - etc. em que se vai ensinar -- e outro é aquela língua crioula que nós falamos no quotidiano -- e nós todos nos compreendemos uns aos outros sem que saibamos escrever bem ou mal -- assim como em português todos falam português em Portugal sem que tenham que escrever bem ou mal [...], L 546-552, 563-570

INF19: aí é que está... o grande dilema -- eu sinceramente - não por ser de Santiago - eu acho que a variante que deveria ser adoptada deveria ser a de Santiago//, L 587-589

- **Considerando as “variedades” de barlavento e sotavento**

INF3: eu acho que nenhuma das variantes -- porque há uma tendência de trabalhar com duas variantes - temos a variante a partir de São Vicente - a partir de Santiago -- **portanto usar essas duas variantes - com como base do padrão - depois aproveitar os termos** - porque se eu trabalho com base de... digamos de de Santiago - portanto não poderia deixar perder termos que são usadas no Fogo e na Brava e que não são conhecidos em Santiago - mas que deviam ser repescados - porque não há grandes problemas de comunicação entre essas duas ilhas de sotavento -- porque por exemplo - qualquer rural - qualquer camponês - entende perfeitamente crioulo de Brava e Fogo - **mas há termos que são específicos - esses termos devem ser aproveitados -- devem ser aproveitados - da mesma forma que em São Vicente também não devem perder os termos de Santo Antão - até porque a base seria aí - na ilha de Santo Antão - do crioulo -- porque os linguistas - os especialistas - até dizem que São Nicolau é uma variante do sotavento e não do barlavento - mas isso não é... isso para mim não é... nem é área que me interessa fazer pesquisa - mas são aspectos que devem ser levados em conta [...]** L, 726 - 740

INF15: [...] eu continuo achando que a escrita devia ser... quer dizer o alfabeto... mas a escrita com as nuances regionais - ou de cada ilha//, l 436-437

- **Desfavoráveis ao falar de Santiago**

INF13: [...] variante de Santiago por exemplo - seria o crioulo padrão eventualmente - não sei... ou com tendência para se padronizar - porque parece que os estudos indicam que... esta variante de Santiago é aquela que tem - digamos - mais... estrutura mais sólida em termos de identidade -- mas isto já é outra questão que eu não toco nisto - não sei [...], L 3067-4000

ii) Existe um padrão subjacente

INF2: [...] tanto é que se alguém fala fora do cânone a gente corrige - ⁹“odja e ka si ki ta fladu” - quer dizer que há qualquer padrão de aferimento - mesmo numa língua de predominância oral [...], L 686 - 688

INF13: [...] portanto têm de ter uma norma subjacente que me leva ao entendimento [...], L 718

⁷ Linguista cabo-verdiano

⁸ Linguista cabo-verdiana

⁹ . Tradução para o português: “Veja, não é assim que se diz.”

iii) O padrão deve resultar de um processo natural

INF7: *de modo - o que me parece é que... ganhando - ganhando o crioulo o estatuto de língua literária - e que... por conseguinte - em que todas essas vogais que desaparecem muitas vezes no crioulo de São Vicente - e que a gente tende a substituir por apóstrofe - que isto... quer dizer - o crioulo acabaria por ser um crioulo como - por exemplo - o de São Vicente - como entre nós se verifica - isso pode acontecer [...], L 368-374*

INF10: *[...] eu não tenho uma visão normativa em termos de padrão - em termos de que crioulo vamos escrever -- eu acho que vai surgir naturalmente [...], L 684-685*

(iii) Correção (modo como os cabo-verdianos falam LCV)

i) Mistura de línguas

• **Crioulês**

INF4: *[...] a gente vê que é uma... que há uma mistura... há uma mistura de uma e outra língua -- provavelmente até é um fenómeno que vai continuar e provavelmente daqui até poderá surgir aqui uma outra língua//, L 369 - 371*

INF7: *[...] e o próprio crioulo - e os meios de comunicação até - quanto a mim contribuem para isso - o próprio crioulo passa a ser fortemente desbastado - digamos assim - pelo português -- eu vejo isso em pequenas coisas - eu estou a ver a maneira como o plural - por exemplo - está a ganhar - por exemplo - terreno aqui entre nós - que não tinha - que não tinha//, L 295-299*

INF7: *no crioulo - eu vejo mesmo na questão dos géneros [...] começo a notar entre nós - por exemplo - a questão da formação dos géneros//, L 301-305*

INF7: *que não eram... quer dizer - ao contrário do que sempre se dizia - "ah! o crioulo prejudica o português" - está-me a parecer que o português é que está a prejudicar o crioulo [...], L 307-309*

INF11: *[...] estão a introduzir palavras do português no crioulo ou aportuguesar o crioulo só para mostrarem que têm uma certa cultura - que conhecem a língua portuguesa - não é? então modificam o crioulo -- como costume brincar - dão um sotaque de Lisboa ao crioulo para poderem mostrar que têm status - que ocupam uma determinada posição na sociedade - não é? recorrem a isso -- e a explicação que eu tenho para isso deriva do prestígio - não é? desse status que o domínio ou o conhecimento da língua portuguesa infelizmente ainda confere - ainda confere aos cabo-verdianos//, L 454-461*

INF11: *[...] o que se fala na cidade hoje é uma mistura do português com crioulo - quer dizer fala-se - usa-se duas estruturas gramaticais -- mas não julgo que seja coerente -- nós devíamos adoptar uma forma de falar que tenha duas estruturas - ou que a gente venha a adoptar um sistema - não é? só porque a classe que foi para a escola - não é? não domina a outra variante -- e essa nem chega a ser variante - o que se fala hoje na Praia - acho que a Dona ¹⁰F4 chamou de crioulês - não é? é uma mistura de português e de crioulo -- eu não vou dizer que toda a gente na Praia - mas uma certa elite - mas nós temos de começar a admitir uma coisa - hoje todo o mundo acha que domina o crioulo -- não é verdade -- nós não fomos para a escola - não sentamos atrás de um livro a aprender o crioulo - portanto é normal que a gente não domine o crioulo - portanto -- e se nós vírmos entrar nesta discussão - é uma discussão perigosa - porque mesmo dentro da Praia - as pessoas não falam a mesma coisa -- não vão buscar no português as mesmas influências - não é? uns vieram de Boa Vista - outros vieram do interior de Santiago*

¹⁰ Linguista cabo-verdiana

- **Crioulo leve/fundo**

INF19: *e...é claro que - havendo renovação permanente - vamos notar que há diferenças entre o crioulo fundo e o crioulo leve -- e isso tem que ser aceite naturalmente -- aliás - são os próprios falantes que acabam por determinar essa mudança -- e temos que aceitar//, L 481-484*

INF25: *eu acho que todo o cabo-verdiano sabe - sabe falar crioulo - embora havendo - portanto aquela variedade toda - isto de o crioulo que dizemos o crioulo mais fundo - eu não... por exemplo - eu sei falar crioulo de Santiago - não domino o crioulo das outras ilhas muito bem - também mesmo aqui em Santiago não consigo falar crioulo por exemplo de Txon di tanki - portanto da Assomada - das outras localidades//, L 520-524*

- **Mistura dos falares**

INF17: *[...] eu penso que nós estamos a caminhar rapidamente para uma... um resultante dessas variantes -- é o que eu penso concretamente - mas nessas coisas - como é prematuro dizer qualquer coisa sem um trabalho sério - eu não faço afirmações - nem assumo essa posição - é uma ideia minha - muito empírica//, L 267-271*

ii) Bem

INF1: *eu acho que não falam [os cabo-verdianos] tão bem o português como falam o crioulo [...], L 812*

INF16: *os cabo-verdianos falam - crioulo - assim - acho bem - bem sim -- bem -- agora temos um problema - podemos falar crioulo bem aqui na Praia - um bom crioulo por assim dizer - mas vamos para o interior encontramos um bom lá no interior..., L 732-736*

iii) Ausência de codificação

INF10: *[...] todos os meus textos em português são textos submetidos a uma avaliação - ou como deputado ou para mandar a uma a uma hierarquia superior ou... sei lá todos os textos estão sujeitos a avaliação -- já o crioulo não está - o crioulo já pela utilização que se faz... e é por isso que eu lembro-me de ter terminado a apresentação do livro da ¹¹F2 dizendo que eu tinha cometido alguns erros mas que estava mais feliz por terem sido erros de crioulo -- não havia... quer dizer... aí - de certeza eu teria inibição - eu estaria inibido se estivesse num contexto onde o crioulo também era rigorosamente observado -- alguém ia dizer -- "não - você anda a cometer erros - você escreve mal o crioulo" -- quer dizer... aí... até dá a medida do que é o estatuto do crioulo - a gente pode fazer isso - a gente pode fazer isso - com o português não podemos//, L 355-365*

INF11: *[...] hoje faço vigilância [a falar LCV] e recomendo que se faça porque também temos de dar um pouco de atenção ao crioulo -- senão ele vai descarrilar completamente[...], L 125-126*

INF22: *sim -- também não há uma estrutura simples - uniformizada - para se saber qual é o melhor crioulo - por exemplo - a ser utilizado -- a melhor variante - melhor dizendo//, L 354-356*

INF23: *cada um fala como fala - não é? por isso eu posso dizer que uma pessoa fala mal o crioulo - e também..., L 584-585*

iv) Carência de registos mais formais e/ou elementos de polidez

INF15: *não é só a brincar - o termo que utilizam - muitas vezes... é até às vezes ofensivo - e... quando é em português - pensa-se um pouco antes de dizer os termos - quando é em crioulo - tudo é permitido - a concordância... , L 321-323*

INF28: *por exemplo - quando uma pessoa quiser dirigir-se a uma pessoa... a uma outra pessoa em crioulo - então essa pessoa já está habilitada para dirigir-se a essa pessoa em crioulo -- tem*

¹¹ Linguista cabo-verdiana

conhecimento suficiente para dirigir-se correctamente em crioulo -- porque às vezes nós não falamos o crioulo correctamente//, L 518-521

2. Face à LP

(i) Correção (como os cabo-verdianos falam LP)

i) Forma própria de falar LP

- **Português "gramatical", sem sotaque**

INF1: *eu acho que no seu esforço... aqueles que falam utilizam - portanto - o português de Portugal [...], L 828-9*

INF1: *eu acho que não falam [os cabo-verdianos] tão bem o português como falam o crioulo -- naturalmente porque utilizam na sua... no seu dia a dia o crioulo - não é? e é esta a razão -- portanto não falam tão bem o português como falam o crioulo - não é? mas acho que fazem-se entender -- podem fazer-se entender em português - não é? sem falar correctamente na maior parte dos casos -- ou sem... sem utilizar a língua em todas as suas potencialidades - fazem-se entender -- sem... sem falar correctamente//, L 812 - 7*

INF4: *[...] agora o cabo-verdiano - como o português é uma língua de sala de visita como dizia o Baltasar - conservou uma espécie de língua portuguesa que - aqui se aproxima mais do padrão lusitano//, L 377 -381*

INF10: *não tenho uma posição sobre isso -- eu... eu prefiro falar com a fala dos outros -- os portugueses[...] colegas meus - da Faculdade [...]que liam... nos anos oitenta - meados - finais dos anos oitenta - meados dos anos oitenta - que leram... leram artigos... artigos de jornalistas... na altura do jornal Voz Povo e disseram -- "você escrevem de forma muito rebuscada - a vossa escrita é muito rebuscada" -- e tenho colegas cabo-verdianos que têm esse mesmo testemunho do português -- portanto é uma ideia generalizada em Portugal - se calhar da generalidade das pessoas que têm contacto com a nossa escrita - sobretudo no domínio da escrita - dizem que escrevemos muito formalmente - muito [...], L 794-96, 797-803*

INF24: *aplicar as regras - ter uma boa dicção - falar com fluidez - não é? é dominar as regras gramáticas - quer dizer - ter sempre cuidado no emprego - não é? do... eu vejo que... uma coisa que eu estou sempre a reflectir-me sobre isso - muita gente quando utiliza o **conjuntivo** - aliás aplica o 'que' - esquece que o 'que' pede conjuntivo - modéstia à parte - encontramos isso até em pessoas que muitas vezes não esperávamos -- quer dizer - é preciso ter cuidado - isso é um dos grandes cuidados - quando aplicarmos a... também os advérbios de dúvida - devemos ter cuidado - eu entendo que quem domina minimamente a língua terá de preencher - digamos - essas lacunas//, L 738-746*

INF26: *da gramática portuguesa - da gramática portuguesa -- aplicar bem [as regras da gramática] - mesmo com aquela musicalidade do cabo-verdiano - mas é um português claro - é um português correcto//, L 781-783*

- **À sua maneira, muito marcada pelo falar da LCV de origem**

INF12: *se nós prestarmos atenção - estivermos muito atentos - o nosso o nosso português não é o português de Portugal - não é o português do Brasil//, L 650-651*

INF12: *não - não -- eu aceito - não -- é uma luta perdida no sentido de que... eu posso querer corrigir... [...] com os meus filhos eu não consegui fazer nada - porque é preciso dominar as regras [...] os meus filhos tiveram que aprender [a LP] - e como não aprenderam como deve ser - e não dominam todas as regras - não percebem se está certo se está errado - não ouvem - vamos dizer -- mesmo eu... eu tenho que estar muito consciente na escrita - na escrita - porque eu sei*

quais são as regras que atraem para antes do verbo - no meio do verbo - sobretudo se é no meio do verbo que é a questão dos futuros -- as pessoas não dominam - gente com formação superior (?)//, L 669-670, 671-72, 675-680

INF14: penso que o português que nós falamos é muito marcado pela nossa ilha de origem - pelo tipo de crioulo que falamos - nós vemos por exemplo que às vezes - em termos de utilização do i ou do e temos algumas dificuldades - a pronúncia do r é... varia muito - nós vemos que pessoas que estudaram em Portugal - acabam por ter um português um pouco diferente dos que estudaram no Brasil - as pessoas que foram estudar em países de língua inglesa ou francesa - alguns acabam por ter um português também um pouco diferente - varia um pouco - penso que neste momento a gente tem uma situação até de grande variedade//, L 787-794

INF18: acho que são coisas que não têm solução mesmo -- portanto - é uma questão... é adaptação mesmo da própria... do próprio português ao ambiente sociocultural cabo-verdiano//, L 698-700

INF28: falar o português e falar o crioulo? eu acho que não é nenhum mal -- mas só que - o crioulo às vezes dificulta a aprendizagem do português -- como estamos habituados a falar o crioulo - às vezes ao falar o português há interferências do crioulo no português -- às vezes - mesmo ao falar - sentimos dificuldades por causa do crioulo//, L 485-489

ii) Depende da qualidade/ grau de instrução

INF8: eu acho que há cabo-verdianos que falam português bem - como nós - por exemplo - a nossa... a nossa camada -- e há aqueles que falam mal porque querem imitar... há os cabo-verdianos - por exemplo - que estiveram em São Tomé - que normalmente falam mal -- porque são pessoas que não estão habituadas e foram obrigadas a ter de falar português -- e então falam português que é uma tradução directa de crioulo - por exemplo -- mas sem verbo - sem coiso - sem nada//, L 574-579

INF8: [...] se calhar... se calhar não - seguramente - nós falamos e escrevemos melhor português que muitos portugueses - que a maioria dos portugueses//, L 568-570

*INF9: [...] - agora o português que se está falando - se continuarmos nessa - os jornalistas também criam uma opinião e acabam por criar uma certa... coisa... se continuarmos com esse português assim - de tudo na boa - pode ser que venhamos a ter esse português que é um português que se aproxima do crioulo -- repare "os carros que transporta as pessoas... os carros que transporta as pessoas" - é como o **verbo** funciona em crioulo - o verbo não tem - não tem evidências - portanto para as pessoas - portanto é sempre a mesma palavra - é o sujeito é que vai dizer se estamos perante uma pessoa do singular ou do plural ou perante da segunda ou terceira pessoa - é o sujeito -- e estamos... o português que eu ouço falar pelos nossos jornalistas ou um bom número deles encaminha-se por aí - nomeadamente de não haver **concordância** às vezes é do substantivo com o adjectivo e do do verbo com o sujeito//L 898-910*

INF17: sim - há pessoas que quando falam português - criouloguês - ficam quase... quase que a gente não consegue compreender - porque nós ficamos numa situação de ambiguidade extrema - porque comem os acentos - 'mais' passou a ser advérbio e conjunção adversativa ao mesmo tempo - empregam o 'de' desnecessariamente - regra geral não há... há um problema grave de utilização das preposições e das formas verbais que acabam por tornar o discurso incoerente - quer dizer - não dá vontade - não dá muita vontade de ouvir as pessoas a falarem desta maneira - porque há aquela tendência - há aquele:: hábito profissional de corrigir e há pessoas que eu não posso - que eu não devo - e eu fico na..., L 407-415

INF25: eu acho que o português ainda não está bem falado - assim - pela maioria-- a:: é uma minoria mesmo que fala - e fala bem - portanto - pessoas - digamos - com um nível de escolaridade alto - não é? professores e nem... até depende... mesmo os professores ainda têm... não falam bem o português//, L 685-688

iii) Mal, em função da má qualidade do ensino, do pouco empenho e do hábito de falar sempre a LCV

INF5: *mal -- em princípio falamos mal o português -- falamos mal - se a gente for comparar com o modelo padrão//, L 617 – 618*

INF5: *[...] quando vem um jornalista fazer uma entrevista e me diz que prefere crioulo - eu fico sempre com uma dúvida -- esse jornalista está a preferir crioulo porquê? aquele assunto é um assunto de cultura - não estou a ver que especificidade que ela - que pode ter a língua crioula neste assunto -- pode ser dito em português ou em crioulo indiferentemente -- mas se o jornalista está a preferir crioulo é porque ele deve ter uma fragilidade no uso da ferramenta que é o português -- e quando é assim eu não gosto de de de contemporizar [...], L 360-366*

INF15: *ainda falam mal o português - horroroso -- me parece um pouco por termos essa mania ou esse hábito de falar o crioulo em tudo - e cada vez se utiliza mais o crioulo - agora se utiliza nos parlamentos - começa a se utilizar nas escolas - e então isso faz com que as pessoas falem mal o português - também a leitura - e escrevem um pouco//, L 451-455*

INF15: *não - talvez a expressão... quer dizer - no trabalho por exemplo - se as pessoas falassem mais o português no trabalho - se dirigissem umas as outras em português... , L 458-460*

INF27: *mesmo as pessoas escolarizadas - o português deixa muito a desejar//, L 590*

INF27: *eros de concordância - não é? utilização correcta de dos modos verbais..., L 592*

iii) Outras

• **Intolerância linguística**

INF10: *a fala... nós somos muito formais - e eu acho... quando eu comparo a nossa fala com a do angolano ou o do brasileiro - vejo que nós... nós - nós somos dilectos aprendizes dos portugueses nesse aspecto -- dos portugueses quer dizer - dessa - talvez de uma ideia antiga da língua -- antiga... não estou a dizer antiga como depreciativa -- antiga mesmo de... muit... de há muito tempo -- onde a língua... a língua... tem de ser falada com propriedade - com rigor absoluto e com um purismo extraordinário -- para já era essa a ideia que tínhamos na instrução primária - os nossos pais foram educados assim e nós também - nós menos - eles muito mais [...] não sei se ainda é assim - não sei se ainda é assim -- até à minha geração somos muito rigorosos com os erros de português - calinadas em português -- eu noto mesmo em mim - eu sinto isso - eu... quer dizer... é quase que a pessoa é classificada por causa de um erro de português - é quase classificada... melhor é desclassificada - não é? com um erro de português - somos muitíssimo rigorosos -- não se vê o mesmo em Angola - por exemplo -- a sensação que eu tenho é que no Brasil e em Angola são os dois casos que eu acho onde... que a língua é muito mais... muito mais... acho que em Angola e Brasil a língua é mais... como é ? mais dúctil//, L 808-815, 816-824*

INF11: *[...] medir as coisas - fazer as concordâncias - para poder exprimir razoavelmente bem ou para não cometer erros de gramática que normalmente em Cabo Verde é o que mais tentamos evitar - não é? isso devido à metodologia que aprendemos o português - não é? aquela paranóia de falar sempre correctinho [...], L 91-95*

INF13: *[...] então eu passo para o crioulo - onde estou mais à vontade -- e eu não corro o risco de dizer cabeu em vez de coube e esta história toda - porque se for em Portugal - isto acontecer - passa -- porque eles dizem isso como um erro natural já - onde isto acontece - acontece como um erro natural - e que ninguém está aqui preocupado com ele - aqui não - aqui um erro de português é grave - de maneira que eu tenho essa pressão sobre mim - portanto eu acho que o português - tal como está - tem um estatuto - relativamente até - se se quiser - acanhado neste aspecto - que é o estatuto que tem [...], L 6029-6036*

INF17: *o cabo-verdiano - por natureza - não é que não goste do português - tem medo de falar o português porque na maior parte não sabe expressar-se devidamente em português - o cabo-verdiano tem a mania do perfeccionismo [...], L 616-618*

INF20: *[...] não sei se não sabem ou que... se querem aplicar porque eu penso também que o cabo-verdiano tem medo de errar//, L 477-478*

• **Desfavoráveis ao sotaque europeu**

INF7: *[...] se o português se tornar uma língua corrente - não é actualmente - se se tornar corrente entre nós - não é um português coimbrão ((risos)) que alguns locutores ou locutoras da televisão ((risos)) que eu lhe digo com franqueza - é uma coisa que me irrita solenemente - e eu digo -- "mas porquê?" [...], L 647-650*

INF8: *bom -- para mim falar português bem - ao contrário do que muita gente pensa - não é - não é falar com sotaque eh:: como se dizia antigamente - de... sotaque metropolitano -- não -- falar português bem é falar um português compreensível - obedecendo às regras da língua portuguesa -- não tem a ver com... se não - em Cabo Verde todos falávamos português mal - tirando aqueles que têm a língua muito mais enrolada - para dizer coisas - para falar o português lisboeta -- só eles é que ficariam -- eu acho que o nosso português... é ali que eu acho que é o nosso património - é nós falarmos o português cumprindo as regras - mas à nossa maneira cabo-verdiana... como há o português do Brasil - há o português de Angola - há o português de Moçambique -- nem um é mais correcto ou não do que o outro -- quer dizer - há regras básicas do português -- há as regras básicas -- agora a pronúncia - o sotaque - depende de cada país e dentro de cada país - às vezes de cada região//, L 580-592*

INF11: *os cabo-verdianos ((risos)) isto é assim...estou a rir porque eu abro a televisão e ouço o culto do sotaque lisboeta - que até um culto que eu digo ridículo porque... não por ser lisboeta - mas porque cria ruído na comunicação -- e às vezes tenho dificuldade em entender -- o a:: "ó que ela queria dizer?" qual é a palavra - não é? porque em Cabo Verde nós aprendemos português embora falemos muito pouco - nas aulas -- acho que hoje os alunos estão mais abertos - com a televisão - com as rádios - então com as novelas brasileiras e outros programas em português - as pessoas vão ganhando fluência e capacidade de expressão em português - então os alunos já são mais desinibidos que no meu tempo//, L 847-856*

(ii) Norma (como os cabo-verdianos deviam falar LP)

i) Favoráveis a PCV

INF7: *[...] não - eu aqui neste caso - não é bem um problema de eu achar - eu estou convencido que é o que vai acontecer ((risos)) tenho plena convicção que nós falaremos um português aqui como (?)[...] estruturalmente seja o português - português europeu - mas que não deixe de... não deixe de ter as suas características próprias//, L 632-633, 636-637*

INF12: *quando eu falo num bom português eu... não falo em português padrão - pelo menos com as regras - o português gramatical - estas estruturas em termos de português que eu acho que se deve falar -- mas vai havendo tendência - que eu acho muito bom - a regionalização - há realidades que não são as realidades da língua portuguesa originária - então introduzimos isso - que isto é que expressa -- Angola faz isso - Moçambique faz isso - e nós já vamos percebendo isso//, L 638-642*

INF17: *nós temos a nossa forma própria de falar português - forma essa que foi nascendo - desenvolvendo - foi amadurecendo no seio popular e que a nossa intelectualidade tem rejeitado cada vez mais -- olhe - no dia que nós aceitarmos que há uma (posposição?) pronominal - a posição do verbo - é uma verdade do português cabo-verdiano - e outras circunstâncias que agora*

eu podia apresentar mas eu não vim preparado para isto de maneira que eu não vou... mas essa é mais frequente - nós vamos deixar de tentar imitar o português de Portugal - e tentar falar o nosso português - e aí será mais fácil nós conseguirmos corrigir as deficiências gramaticais e de pronúncia -- aplicar uma variante gramatical dentro do português que existe em Cabo Verde - é uma verdade - é um facto -- os alunos - nos trabalhos deles vêm reivindicando esta variante - eles só escrevem dentro daquela variante - eles reflectem naquela variante - ela que é verdadeira - ela que é nossa - a outra é importada -- até quando nós vamos continuar a importar? eis a questão - pode não concordar comigo - mas sabe que eu estou a dizer uma grande verdade//, L 742-756

INF24: acho que sim -- quer dizer - o angolano também fala português à sua maneira - há um português angolano como sabe - não é? de modo que o cabo-verdiano também deverá ter a sua maneira - independentemente daquela maneira universal de se falar a língua portuguesa//, L 749-752

ii) Desfavoráveis a PCV/favoráveis ao PE

INF9: é que nós não temos outro - ou se fala esse [PE] - ou não se fala -- ou inventa-se outro -- se tivéssemos outro - então poderíamos optar - mas não temos outro - temos esse português que é de Portugal que ou se fala bem - ou não se fala//, L 917-919

INF15: acho que é o português mal falado -- eu não... eu não diria que é o crioulo de Cabo Verde - - mesmo o que se diz - o português do angolano - o português do são-tomense - eu acho que português é português de Portugal - e o português do Brasil - não vejo muito essas nuances lusófonas - ou de PALOP//, L 477-480

INF22: agora já andam a dizer que... portanto... deve-se falar o português de Cabo Verde... há português de Cabo Verde - há português de Guiné - não sei quantos - mas eu acho que devia haver um português - portanto - um português normal//, L 534-537

INF25: eu defendo sempre que nós aprendemos a língua portuguesa - a oficial - a língua padrão - não é? de acordo com a norma - eu acho que nós - os cabo-verdianos devemos continuar a aprender esta - não é? e continuar a falar mesmo esta língua - a europeia//, L 706-709

2.4. 5. Sociolinguísticas

(i) Ser bilingue

INF9: [...] eu costumo dizer que um::: que ter o domínio de qualquer língua - seja ela qual for - é sempre uma utilidade - sempre - é sempre bom para quem fala [...], L 523-525

INF10: [...] ao que parece as crianças que usam várias línguas têm um desenvolvimento intelectual extraordinário [...], L21-622

(ii) Bilinguismo

INF14: eu penso que neste momento justifica-se que as pessoas saibam mais que uma língua -- isto está claro! [...], L 699-700

INF21: globalização - não é? é sempre bom saber mais -- saber mais... como se diz - saber não ocupa lugar -- quanto mais línguas - melhor -- mas... por exemplo uma pessoa pode saber falar todas as línguas - mas não saber falar inglês - não é? é como uma pessoa que tem muitos conhecimentos - mas não sabe usar computador//, L 619-623

(iii) Situação de contacto

i) Valorização como bilinguismo

INF5: [...] falar as duas línguas - não devia nunca ser considerada uma dificuldade - nem um problema -- não -- não -- isto é um **privilégio** -- nós temos que considerar isto como um privilégio -- porque se a gente considerar isto como uma dificuldade - então nós vamos viver em dificuldade sempre -- porque nós vamos ser sempre bilingues -- acho eu// L 537 – 541

INF8: [...] eu me considero **rico** nesta matéria - de ser um bilingue... para mim não deve haver luta - mas é uma **complementaridade** que nos enriquece... [...], L 119-120

INF10: bom - aí já estou a ser contaminado pelo que eu tenho lido e ouvido -- eu penso que é **muito bom** - nós estamos a explorar isso muito pouco [...]mas eu penso que aí também há armadilhas a evitar//, L 620-621, 631-32

INF15: bom... eu acho que às vezes... embora as pessoas - sobretudo **as crianças** quando aprendem - às vezes **fazem alguma uma confusão** - o facto de a gente ter essa... essas duas línguas//, L 412-414

INF15: eu acho que as pessoas distinguem -- sim [o uso das duas línguas]//, L 421

INF20: eu acho correcto -- o que eu não acho correcto é o cabo-verdiano passar a usar só a língua portuguesa - porque eu acho que deixa de ser cabo-verdiano se deixar de usar o crioulo - mas as duas línguas sim - e saber em que situação usar cada uma delas//, L 469-472

ii) Desvalorização como diglossia

INF9: [...] julgo que até ao momento continuamos ainda manietados do ponto de vista psicológico precisamente por essa não valorização suficiente da língua da nação -- porque é a língua que a nação fala - é a língua em que a nação se expressa -- ora - enquanto não se fizer isso - a mensagem que se estará passando à nação é de que ela é uma língua menor ou de que ela não tem... no fundo estamos a diminuir a nação -- estamos a dizer à nação que ela... ela não tem... não tem prestígio - que ela não sabe falar -- no fundo é dizer -- "você não fala -- a nação não fala" -- é dizer à nação que ela não fala - que ela não se comunica [...], L 624 – 632

INF9: é uma situação a ser superada - vai a ser superada pelo..., L 714

INF11: quer dizer - bom eu acho que as pessoas devem ter opção - o direito - se houver alguém que quiser falar português que fale - não é? até temos uma situação neste momento - no nosso contexto - o português também é a língua oficial - e como língua oficial - e como língua também de trabalho - as pessoas devem ter o direito de se exprimirem inclusivamente na comunicação social do estado - neste caso têm o direito de escrever - falar - é um direito que têm -- agora o que não é... o que não se pode... o que não é justo - é criar circunstâncias em que o crioulo não possa ser usado//, L 526-533

INF11: ditadura - porque há imposição de uma língua - impõe-se o português -- cada vez menos porque as pessoas vão batendo com o pé [...], L 511-512

INF18: não podemos deixar o português de fora - o inglês - o francês - pelo menos -- o espanhol que... mas - eu acho que a preocupação... a questão que se põe - a preocupação maior que temos que ter - é fazer com que o crioulo atinja aquele nível que possa ser... como é que eu diria? que deixaria de sofrer o prejuízo - digamos assim - em termos de uso - em relação ao português//, L 581-585

2.4. 6. De manutenção e mudança

(i) Reorganização da situação linguística

i) Favoráveis ao uso indiferenciado, dependendo da escolha pessoal do falante

INF3: *para mim desejável é usar as duas línguas - o português e o crioulo -- ou seja - é fazer aquilo que dizemos sempre e que não é rigorosamente - a questão do bilinguismo - a evolução de Cabo Verde para para mesmo para o bilinguismo - estou a ver este cenário - usar o português e o crioulo - indiferentemente//, L 526- 29*

INF13: *[...] eu defendo as coisas num ponto de vista - digamos - sociológico - não de... num ponto de vista meramente político - de traçar imposições - de traçar normas que... que quase sempre têm um conteúdo político - e quase sempre um interesse por detrás [...] nós estamos aqui a falar há tanto tempo em português - eu eu acho que esta entrevista foi em português - porque há algumas dificuldades em relação ao crioulo - ou seja - não há dúvida de que o português tem um estatuto que já perdeu e outro que não pode perder..., L 943-946, 947-951*

INF18: *não -- eu acho que a nossa preocupação tem que ser desenvolver o português... o crioulo nas duas vertentes - escrita e... porque nós precisamos que o crioulo ganhe mais... seja mais valorizado digamos -- ou seja - nos aspectos que ainda não atingiu aqueles patamares desejáveis - que atinja esses patamares desejáveis -- que - talvez no futuro - cheguemos àquele patamar de dizer -- "bom - nós somos bilingues - em plena... na plenitude - usamos - o português - o crioulo - quando bem entendermos - sem ter em conta as circunstâncias - ah! aqui é melhor eu usar o português ou o crioulo!" -- não - portanto - para isso - teremos que fazer ainda muito - no domínio de estudos - de pesquisas - de... sei lá - criar as estruturas que possam permitir esse uso indiferenciado - não é? mas - acho que ainda não..., L 564-573*

INF27: *eu acho que não se devia fazer separação - eu acho que não - que ficava ao critério da pessoa -- agora só que aquelas pessoas que - por exemplo - não têm instrução - teriam dificuldades em utilizar o português - e aí - se calhar seria mais fácil para este tipo de gente utilizar o crioulo - não é?, L 518 - 521*

ii) Não à valorização da LCV em detrimento da LP

INF4: *não há -- eu acho até que as duas... tanto o crioulo como o português são vítimas de uma ausência de política de línguas em Cabo Verde -- portanto não há não há não há não há essa preocupação -- quer dizer é uma tarefa de meia dúzia de pessoas - uns por um lado a pôr o crioulo nos píncaros da glória... mas com a sensação... mas fico com a sensação que é um processo feito em detrimento do português - o que eu pessoalmente não considero a via mais correcta//, L 310-315*

INF12: *sim - sim -- esse é que seria... as mesmas funções e sem qualquer carga de que uma é mais importante que a outra -- essa diferença de eu me dirigir a uma pessoa em crioulo e ele responder-me em português - por exemplo -- ou eu a dirigir em português... dirijo em português - domina o português - responde em português -- dirijo em crioulo - domina o crioulo - responde em crioulo -- sem qualquer carga ou eventualmente ideológica... portanto - que possa existir//, L 565-570*

INF17: *[...] MAS eu continuo defendendo que já chegou a altura de nós darmos ao crioulo o seu espaço sem coarctar o espaço da língua portuguesa - porque o português é a língua que nós de facto precisamos para contactos internacionais e que a língua crioulo não vai poder substituir - não vejo como - porque uma língua é mais rica - é mais valiosa consoante o número de sujeitos falantes que ela tem - bom - é isso//, L 784-789*

INF19: [...] *defendo primeiramente... o primeiro passo seria a oficialização - e da oficialização agora teríamos que percorrer um outro caminho para que haja essa transição até que alcancemos a implementação plena da língua cabo-verdiana -- e penso que os trabalhos que forem feitos nesse sentido trarão de certeza subsídios que poderão ser discutidos para que depois no futuro...que adotem melhor política... não sei... para a oficialização e implementação da língua cabo-verdiana - sem contudo colocarmos em segundo plano a língua portuguesa//, L 681-688*

iii) Processo natural de desenvolvimento/afirmação da LCV

INF1: [...] *eu defendo o status quo -- como está -- portanto utilizar o crioulo - ir desenvolvendo o crioulo até que algum dia efectivamente possa vir a ganhar alguma potencialidade - possa vir a constituir-se numa ferramenta do desenvolvimento - não é? do desenvolvimento - mas num quadro de integração - num quadro de globalização - não é? nesse momento não é - naturalmente -- não é ainda//, L 506 – 511*

INF1: [...] *porque mesmo aí [língua como instrumento para o desenvolvimento] o português que é uma língua muito falada - ainda não está de modo a trazer grandes vantagens competitivas - muito menos o crioulo portanto portanto - daí eu a... se eu tivesse - no mundo de hoje - se tivesse que ensinar alguma língua à minha filha - não seria nem o crioulo -- claro que seria o inglês -- o inglês que é uma língua que... [...], L 476 - 483*

iv) Manutenção da LCV, apenas para a oralidade ou uso restrito na escrita

INF26: *o crioulo - para mim - é falado - na oralidade -- o português tanto oralidade como a escrita//, L 659-660*

INF28: *acho que... por exemplo - sempre que uma pessoa precisar de utilizar o crioulo então - nessa circunstância - utiliza o crioulo -- às vezes há pessoas... há escritores - por exemplo - que utilizam o crioulo para escrever os seus livros -- então é nessas circunstâncias que acho que o crioulo deve ser aprendido na escola//, l 419-423*

v) LP como língua de cultura e de comunicação internacional

INF7: [...] *isso é fazer um pouco de futurologia - as circunstâncias em que me parece que Cabo Verde - pela sua posição estratégica - e pelas conveniências do mundo que a União europeia terá - como os Estados Unidos terão - Cabo Verde acabou por estar numa posição não só geográfica - mas fundamentalmente estratégica - para ser uma... uma... um país em que aquilo que será uma língua de civilização - para o caso o português - começa a ter uma preponderância muito grande entre nós - estou convencido -- e eu não sou daqueles que pensa que o crioulo pode morrer - mas também não vejo o crioulo a avan... quer dizer - a diminuir a sua... a sua identidade e - digamos - a ser absorvido pelo português - claro que cada um pensa o que quer - mas não - não vejo isso -- o que me parece - é que nós continuaremos a ter uma língua - mas que acaba por ser uma língua secundariamente considerada - e que será da nossa convivência - da casa, etc. - mas uma língua - possivelmente o português - é pouco natural que não seja... que não seja o português - que acabará por dominar - por dominar o nosso meio [...], L 272-285*

vi) LP e LCV como línguas maternas e nacionais

INF9: *a::: em termos práticos diria que a situação [mais desejável] passaria a ser de... semelhante àquela situação em que eu me encontro - de falar português só nas circunstâncias em que quase é uma exigência falar português -- e falar crioulo nas outras circunstâncias -- no caso de o português for oficializado - mesmo assim... do crioulo for oficializado - o português fica a perder um pouco*

mais -- penso que ele ficará a perder por uma razão simples - porque o crioulo é língua nacional - nossa -- o português não é -- o português é língua oficial -- estando numa situação de oficialidade idêntica ou paritária - as pessoas vão ter necessidade muito menos de recorrer ao português -- vão passar a recorrer muito mais ao crioulo - porque... bom - as duas línguas agora são iguais - eu domino esta melhor portanto falo a minha língua -- e MAIS como português não é língua nacional - é língua que é ensinada na escola - os que vão à escola apreendem - mas a língua materna não é o português - é a nossa língua -- ora - por ser língua materna - o crioulo ganhará uma força enorme - então vai se ter que fazer um esforço no sentido de se tornar a língua portuguesa também materna -- e o processo para fazer com que a língua portuguesa passe a materna será um processo longo//, L 718-733

INF9: sentido que é materno - como a nossa língua -- que é ser falada desde praticamente a nascença - desde quando se aprende a falar - falar as duas línguas//, L 735-736

vii) LP como instrumento apenas

INF11: eu... vou dizer o que eu penso -- é assim a minha posição - eu vejo o português como uma mera ferramenta - sou técnico - tenho uma chave de fendas - quando preciso chave fendas - recorro a chave -- recorro a chave de fendas para tirar dele um partido -- e é assim que eu vejo o português - eu pessoalmente uso o português - eu... e eu acho que em Cabo Verde o português devia ser um instrumento - instrumento de trabalho - instrumento para suprimir - ou para apoiar numa determinada necessidade -- e não da forma como... não na situação linguística como vivemos -- porque nós temos uma língua - que nós nascemos - crescemos - aprendemos nessa língua - essa língua se for trabalhada - não é? se for dada uma determinada atenção - responde cabalmente às nossas necessidades - pessoais - sociais - técnicas - científicas - responde de certeza - estou certo disso -- a:: daí que... acho que este é o caminho -- e as outras línguas... o português poderá continuar língua oficial se for uma necessidade - poderá continuar no ensino se é uma necessidade - mas tem de ser vista... não pode ser vista como um fim - porque em Cabo Verde neste momento a língua portuguesa é um fim - não é? é visto como um fim em si - e na minha perspectiva não é esse o caminho -- tem de ser... a língua portuguesa tem de ser - tem de entrar como um complemento - embora não acredite que seja -- neste momento há um complemento entre o português e o crioulo - porque no português eu tenho... tenho os livros - a parte escrita - tenho a informação - não é? que ainda não tenho em crioulo - eu vou buscar na língua portuguesa -- é aí a ideia da ferramenta - não é? eu tenho os livros em português - tenho domínio da língua - como também vou buscar na língua inglesa ou na língua espanhola também - para a leitura - tenho um certo domínio - logo eu vou buscar - eu uso como um instrumento - não é? mas eu não posso substituir nenhuma outra língua pela língua cabo-verdiana [...], L 372-397

viii) LP como meio de ensino e para situações muito formais

INF14: eu não excluo que se utilize a... o... vá lá... crioulo em situação de sala de aula - até pode-se utilizar - inclusivamente eu já vi e há professores que já disseram isso - que em algumas situações tiveram de utilizar o crioulo para tornar a explicação mais fácil - se bem que nós temos também de criar uma situação de domínio da língua que o aluno perceba aquilo que se está a explicar - mesmo utilizando-se a língua portuguesa -- portanto - eu - numa situação de sala de aula - veria bem... para mim seria a língua portuguesa não excluindo essa possibilidade - nem ser totalmente contra a utilização do crioulo -- mas de qualquer forma advogaria sempre que se criassem situações em que os alunos nas escolas utilizassem a língua portuguesa - inclusivamente porque nós utilizamos o português poucas vezes -- se deixarmos de utilizar na sala de aula - ainda reduzimos mais as oportunidades que os alunos teriam de utilizar a língua portuguesa - aí seria a língua portuguesa -- em algumas situações oficiais dependendo da do grau - aí também veria a

língua portuguesa - aliás - se nós repararmos bem... vamos supor - se estivéssemos algumas ... em muitas cerimónias oficiais em Cabo Verde - utiliza-se a língua portuguesa - excepcionalmente às vezes o crioulo - o crioulo - mas em situações oficiais muitas vezes é... a língua portuguesa -- portanto eu veria muito para essas situações de formalidade a língua portuguesa - mas nunca excluindo também a possibilidade de se utilizar o crioulo// , L 593-610

(ii) Estatuto oficialidade da LP

i) Co-oficialidade

INF1: eu acho que... que... não há aqui incompatibilidade - ou... quer dizer não há aqui... umh... como é que eu hei de dizer? aqui não pode haver espaço... a entrada de um não quer dizer necessariamente o afastamento do outro -- há países por exemplo que têm duas línguas oficiais -- os Camarões por exemplo têm duas línguas oficiais -- portanto - eu não vejo que a oficialização de uma língua tenha que implicar necessariamente a secundarização de uma outra -- não acho que a via seja essa//, L 804-9

INF9: por causa daquilo que eu disse há bocado -- há um espaço próprio para cada - e nós teríamos ganhos - já temos o português como oficial - porquê perder a oficialidade do português - se nos é útil? portanto acho que temos a ganhar com a manutenção do português -- inclusivamente para a comunicação... uma certa comunicação internacional... uma certa comunicação internacional -- nós falamos... nós estamos em relações praticamente intensas com Portugal - com Brasil e com os outros PALOPS - penso que teríamos muito a perder afastando o português////, L 607-613

INF16: porque acho que não podemos abrir mão da língua portuguesa - para pegarmos somente a língua crioula -- acho que podemos ter as duas línguas - com o mesmo estatuto -- por exemplo - eu acho que a língua crioula pode ser oficializada - e a língua portuguesa já é a língua oficial - não é? - não há problema - eu acho que não há problema// , L 596-600

INF29: quando chegarmos a esse patamar - o cabo-verdiano utilizará - tanto na escrita como na leitura - para qualquer situação comunicativa - o português e o crioulo - e o português - ou tem o poder de escolha - o poder de escolha - não é? o poder de escolha - utilizar tanto uma como outra língua - uma pessoa pode ter duas línguas - duas línguas//, L 610-614

ii) Processo natural

INF5: não -- não -- eu não acho isso -- eu acho que o crioulo também deve ser uma língua com estatuto igual -- mas para chegar lá - não é saltando barreiras -- não é não é aos saltos de de canguru que a gente deve chegar lá -- devemos chegar lá de uma forma natural - de uma forma que não belisque a unidade nacional [...] no meu entender devíamos preservar isso mais do que tudo// , 477 - 485

INF10: vou responder primeiro pela negativa -- eu acho que toda a tentativa - excessivamente normativa para levar isto [mudança da situação sociolinguística] para a frente vai-se gorar - vai-se gorar -- e vai... e se fizermos isso vamos... vamos ter muitos amargos de boca [...]eu acho que temos que começar é por aí - começar pela base - começar por a... começar por naturalizar isso//, L 634-661, 674-75

INF10: [...] não é possível termos a pretensão - acho que é isso - termos a pretensão de... igualar as duas línguas -- acho que tratamento igual não é igual a igualar [...] 641-642

iii) LP, língua oficial transitoriamente

INF11: [...] *o português poderá continuar língua oficial se for uma necessidade - poderá continuar no ensino se é uma necessidade [...], L 384-397*

INF11: *deixaria [de ser necessário] - se as pessoas... se o crioulo passar a preencher essa... esse lado de... que é complementar - não é? com o português - e se as pessoas perderem o interesse pela língua portuguesa por exemplo - nós vamos ter uma língua fantasma que as pessoas não usam..., L 545-548*

INF13: *vou pedir desculpas - de não poder responder - ou ter de fugir a esta questão - porque eu ainda não tenho o conteúdo - quer dizer - o conteúdo concreto - do que se quereria para uma oficialização do crioulo - porque para a oficialização do português... o português está oficializado independentemente do que esteja escrito -- o português ocupa um espaço oficial - e agora qual é o espaço oficial que se quer que o Cabo Verde que o crioulo ocupe? o espaço oficial sociológico..., L 3030-37*

(iii) Manutenção da LP e para ler e escrever

i) Uso indiferenciado, dependendo da opção do falante

INF2: [...] *e que o uso de uma ou de outra seja opcional -- eu sabendo que se quiser redigir uma nota em português ou fazer um artigo para o jornal em... redigir uma nota em crioulo ou mandar um artigo para o jornal em crioulo ou expressar-me nos ambientes académicos de comunicação - que o possa fazer em pé de igualdade com a língua portuguesa - num verdadeiro exercício de bilinguismo//, L 701 - 705*

INF23: *podíamos fazer tudo - tanto em português como... dependendo da dependendo - se calhar - do gosto de cada qual//, L 433-434*

• LP, língua de comunicação internacional

INF11: [...] *olhe - eu vou-lhe dizer uma coisa - eu acho que não deve é haver imposição da língua portuguesa em Cabo Verde -- enquanto houver espaço para o português ele deve continuar - porque enquanto... é o que eu digo - enquanto houver espaço - porque enquanto for necessário - porque o português também tem aquela função - aquela função de complementaridade que lhe disse - não é? eu preciso de livros - não é? tenho-os em português - mas não os tenho em crioulo - daí dou graças de ter um certo domínio do português porque posso ir buscar as informações que eu tenho... é uma ferramenta útil - acho que deve continuar sempre -- há um acervo bibliográfico - não é? até acerca de Cabo Verde - histórico - que nós até temos interesse e nós temos aquilo... que ainda não traduzimos para coiso -- deve continuar - mas deve continuar naturalmente - não é? as pessoas devem ter opção - não é? devem ter opção de uma coisa e de outra - deve haver democracia na língua - não é? temos uma situação de ditadura linguística - deve haver..., L 496-509*

INF11: *é::: olhe... eu acho que as coisas seriam interessantes se as coisas fossem...se houvesse aquela tal democracia - houvesse igualdade de circunstâncias -- todos pudessem aprender o crioulo - todos pudessem aprender o português - e que fosse exprimido numa língua ou outra de forma livre - sem condicionalismos psicológicos ou normas sociais - não é? podia ser interessante - podia ser um fenómeno interessante - mas sem imposições -- nestas circunstâncias eu acho que português... não sei... acho que não tem muita chance de sobrevivência -- e daí o medo//, L 815-822*

INF13: *eu acho que o crioulo vai continuar a existir e o português vai continuar a existir -- são duas línguas que vão continuar a existir lado a lado//, L 904-905*

INF13: *[...] porque hoje em dia também o mund... o mundo é globalizado -- o mundo é globalizado não significa que há chance para todos e nem para todas as línguas - há línguas que dominam -- assim como o mundo é globalizado - há um monopólio que domina o mundo todo - e o que é pequeno até tende a desaparecer - quer dizer esta é que é a grande verdade da globalização -- e a língua está dentro de... digamos... há mercados culturais - mercados linguísticos - digamos assim... não... eu se escrever uma obra agora em crioulo - esse... isso... essa obra poderá ser lida aqui em Cabo Verde por alguns - poucos - lá fora praticamente não tem mercado - eventualmente nos Estados Unidos onde já existe algum estudo do crioulo entre a diáspora e tal - mas a verdade é essa -- mas isso já não é um problema em si - intrínseco da língua - esse já é um problema do mercado de língua[...], L748-759*

INF21: *o português seria mais para as relações internacionais - porque nós sabemos que o crioulo em si - ninguém vai-se interessar para esforçar para aprender o crioulo para quando vier para Cabo Verde para falar o crioulo -- mas sabe-se que a língua portuguesa é língua internacional - não é? uma pessoa que fala português já a nível internacional - internacionalmente - pode ser compreendido - mas o crioulo... uma pessoa que fala crioulo jamais será compreendido -- então é uma forma de valorizar a nossa língua - porque uma pessoa quando vem - sabe que tem que aprender o crioulo - porque é uma língua oficial assim como o português//, L 517-525*

- **Afirmação da LCV por processo natural**

INF1: *eu acho que sim - que se deve continuar a utilizar o crioulo e o português -- deve-se desenvolver o crioulo de forma que o crioulo ganhe... continue a ganhar o seu espaço - não é? mas isso é um **processo** que eu acho **que deve decorrer naturalmente** - não é? sem... sem que... que não... que... **não ser forçado** - deve ter um percurso normal - a:: e partilhado por todos -- sobretudo isso - partilhado por todos - **partilhado e assumido por todos//, L 732-737***

INF24: *eu penso que a melhor resposta para isto - seria deixar que as pessoas... aliás que o tempo falasse por si -- que dizer - digamos que os falantes agora queriam falar - iriam fazer... estando as duas ao mesmo nível - cada um faria a sua escolha - não é? em função das suas necessidades - e do contexto também//, L 609-612*

- **Valorização da LCV sem desvalorização da LP**

INF25: *[...] daí que eu queria ver o crioulo - portanto a ser valorizado - não é? mas desde que o português não perca - as pessoas... eu acho que as pessoas temem que o crioulo venha a ser oficializado - e as pessoas esqueçam o português - e prefiram o crioulo porque é mais fácil - porque já sabemos falar -- mas é preciso trabalhar nesse sentido - de modo que seja uma disciplina digamos assim - mas não uma língua que venha substituir o português//, L 507-512*

- **Papel proeminente da LCV na escrita**

INF1: *na escrita - o português passava a ocupar o mesmo espaço que ocupa na oralidade - neste momento -- portanto normalmente fala-se em crioulo - não é? e raramente utiliza-se o português - não é? eu acho que esse quadro poderia ser transferido para a escrita//, L 569 - 572*

ii) Manutenção da LCV apenas para a oralidade

INF6: *eu acho que o crioulo é assim como está//, L 620*

INF6: *fala-se - mas não se escreve -- mas como se pretende - com o ALUPEC - que o crioulo tenha a sua escrita -- daqui a uns anos não sei como será//, L 621-622*

INF6: eu disse -- para se escrever [a LCV na administração pública] vai dar origem a chacota//, L 618

INF26: por acaso nas aulas que eu tive e:: portanto - durante a formação - tivemos a oportunidade de falar o crioulo -- até acho muito piada - num ambiente onde se fala normalmente - normalmente - o português - a gente começar a falar o crioulo - acho isso com muita piada - com muita piada -- e aprendi - aprendi algo de novo no crioulo - tanto a escrever - a ler - mas eu prefiro - fazer tudo isso em português do que em crioulo//, L 507-512

(iv) Face à situação prevalecente em algumas áreas: comunicação social, literatura e imprensa escrita, política e palestras/conferências

i) Comunicação social

INF5: quando vem um jornalista fazer uma entrevista e me diz que prefere crioulo - eu fico sempre com uma dúvida -- esse jornalista está a preferir crioulo porquê? [...] mas se o jornalista está a preferir crioulo é porque ele deve ter uma fragilidade no uso da ferramenta que é o português [...], L 360-361, 344-365

INF11: na comunicação social -- gostaria de poder ver por exemplo legenda - é outra coisa - construir legendas em crioulo -- mas gostaria de ver nas situações oficiais - comunicações do presidente - do primeiro-ministro - nas reuniões ou no noticiário -- eu gostaria de ver também... digamos - ver nestas circunstâncias também... também em crioulo//, L 212-217

INF11: ele [o jornalista, ao abordar umas pessoas em LP e outras em LCV numa reportagem desportiva, por exemplo] dá a ideia de que crioulo está reservado às pessoas que não sabem falar português - que a opção no fim é falar o português - não é? a ideia era falar português - fala crioulo quem não sabe - não é? ou é abordado em crioulo - quem não sabe ou quem não domina o português//, L 479-482

INF13: na comunicação social - há qualquer coisa que é interessante - na comunicação social aí é que se nota... de facto há coisas que parecem mesmo derivar de complexos -- quer dizer - em determinadas circunstâncias - nós ouvimos discursos perfeitamente ridículos na comunicação social - em que com a mesma pessoa - falando com a mesma pessoa - o comunicador - a pessoa que está... o jornalista - fala crioulo - de repente passa para o português - para entonar uma determinada situação - aí é a mesma pessoa - o mesmo contexto [...] L 30067-3074

INF14: eu penso que a comunicação social até deve criar condições de maior utilização do crioulo - utiliza pouco//, L 764-65

INF18: na televisão também -- na comunicação social - sobretudo na televisão e na rádio -- há certos programas por exemplo - que dão em português - que eu muitas vezes pergunto - 'mas porquê que não falam em crioulo - se o povo entende?', L 295-297

INF27: eu acho que sim - para estas duas situações - no trabalho - na comunicação social -- e a pessoa ficaria com liberdade de escolher - não é? usar a língua que se calhar tem mais à vontade de utilizar//, L 512 - 514

ii) Literatura e imprensa escrita

INF2: as duas línguas coabitam -- coexistirão - com o mesmo estatuto -- e que o uso de uma ou de outra seja opcional -- eu sabendo que se quiser redigir uma nota em português ou **fazer um artigo para o jornal** em... redigir uma nota em crioulo ou mandar um artigo para o jornal em crioulo ou expressar-me nos ambientes académicos de comunicação - que o possa fazer em pé de igualdade com a língua portuguesa - num verdadeiro exercício de bilinguismo//, L 700 - 705

INF4: sim -- não que - digamos - tenha esta necessidade [escrever em LCV] -- porque como... como eu lhe disse... acho que se fizesse um esforço maior talvez provavelmente conseguiria encarar isso com a maior das naturalidades -- mas não tenho... , L 536-538

INF14: *bom... podemos ter jornais -- aí há tempos... não me lembro do nome do jornal - distribuíam na rua - ou acho que vendiam - pelo menos eu vi um número ou dois - em crioulo -- podemos ter jornais - há livros - portanto escritores que podiam escrever em crioulo também - mas aí limitaria também um pouco - teria de fazer tradução para pessoas que não entendessem o crioulo [...], 650-654*

INF25: *aí pronto - aí se calhar - a pessoa vai adoptando -- o português continua a ser utilizado nas situações formais - e pode haver colunas - digamos mesmo nos jornais - colunas - uma parte para o crioulo - e as notícias - portanto - podem ser divulgadas em português - não é? por uma questão de... de fazer com que a língua não perca - portanto - a sua identidade - o crioulo também - pode haver partes - momentos - ou mesmo uma notícia dita em português pode ser traduzida para o crioulo - não é? , L 441-446*

iii) Actividade política

INF8: *[...] não faria sentido eu ir fazer um comício... está a ver - eu a fazer um comício - fosse aqui na Várzea - fosse lá no Monte Sossego ou em Chã de Tanque ou quê em português - para os meus... para o auditório -- quer dizer - **aquilo não traduz o meu âmagô... nem está a condizer com o âmagô daqueles...** porque são... repare -- são momentos importantes de intimidade - são momentos importantes de intimidade das duas partes - dos ouvintes e do falante - do pregador L 431-39*

INF8: *[...] eu sei o que a pessoa quer falar - sente-se melhor... não porque está mais à vontade a falar - mas sente-se melhor e mais valorizado em falar o português - eu falo português indiferentemente -- porque eu tenho que perceber qual é a lógica das pessoas -- as pessoas... portanto - se eu for falar crioulo com ele - por causa deste complexo que existe e desta mentalidade - muitas vezes pode pensar que estou a desvalorizá-lo -- então - falo português//, L 120-126*

INF10: *por exemplo... por... sobretudo na actividade política isso é interessante -- por exemplo na comunicação normal com os eleitores - em campanha ou fora da campanha - com o cidadão comum - é evidente que o crioulo é mais fácil - é mais fácil - é mais comunicativo[a LCV]//, L 94-97*

INF10: *penso que para os dois - para os dois - eu consigo exprimir melhor aquilo que eu quero - o que eu quero ter como o objectivo da comunicação - e a pessoa me entende melhor - penso que entende melhor -- mas há momentos onde o português é mais a::: é mais... quase que eu diria que sai naturalmente - por exemplo **no debate parlamentar** -- sempre... no meu caso concreto - isso em termos de honestidade intelectual - sempre que eu falei em crioulo no parlamento - fi-lo intencionalmente -- portanto tinha uma carga política - é uma **opção política** -- não é partidária - política [...], L 99 - 105*

INF10: *[...] também já utilizei o crioulo em mensagens relativamente a::: quando se trata quando se trata de (?) reuniões no meu círculo eleitoral - por questão mesmo de **afectividade** - não é um calculismo político -- senti que dizendo em crioulo estaria dizendo melhor - com mais afectividade - - é nestes casos//, L 120-123*

INF14: *sim - eu penso que sim - que se pode ter... dependendo da escolha pessoal [...]*ja::: eu... esta parte institucional - se calhar vejo muito a língua portuguesa nessas situações institucionais - então em algumas dessas situações - se calhar ainda seria a língua portuguesa//, L 546, 553-555**

INF14: *não teria muitas... [circunstâncias em que falou uma das línguas, querendo falar a outra] mas por exemplo - a::: às vezes - em termos de falar num comício - ou numa reunião com muitas pessoas - às vezes até poderia preferir falar em português em vez do crioulo porque o crioulo geralmente... pronto - num comício a gente não vai utilizar o português - é difícil - ou numa reunião com grande número de pessoas - reunião que não fosse - vá lá - uma coisa institucional - que saia do âmbito político - uma reunião de âmbito político utilizaria o crioulo - mas em algumas situações - se calhar eu até preferi falar em português do que em crioulo -- mas são situações em que..., L 418-425*

iv) Palestras/conferências

INF2: *as duas línguas coabitam - coexistirão - com o mesmo estatuto -- e que o uso de uma ou de outra seja opcional -- eu sabendo que se quiser redigir uma nota em português ou fazer um artigo para o jornal em... redigir uma nota em crioulo ou mandar um artigo para o jornal em crioulo **ou expressar-me nos ambientes acadêmicos de comunicação** - que o possa fazer em pé de igualdade com a língua portuguesa - num verdadeiro exercício de bilinguismo//, L 700 – 705*

INF3: *porque usar a LCV] não inibia a participação -- porque nós queríamos era fazer a comunicação e depois ter as perguntas - perguntas de vários jovens -- até porque a maior parte do público... eu penso que toda a gente que estava na sala falava português - mas estava mais à vontade para pôr as questões em crioulo - por isso falámos em crioulo// L 57-61*

INF3: *em função da melhor capacidade de raciocínio e comunicação - quando vives em Cabo Verde - vês que geralmente nós em Cabo Verde pensamos em crioulo -- porque se fazemos uma conferência em português - as pessoas têm medo do vocábulo - acham o vocábulo em termos - rebuscado - em termos de linguagem técnico para poder fazer uma intervenção -- olha - são temas específicos - por exemplo sobre o ordenamento do território - mas se eu falar em crioulo - as pessoas têm mais facilidade em utilizar termos do crioulo para discutir a problemática do ordenamento do território//, L 63-70*

INF9: *ah! quando são coisas minhas - poemas - ou comunicação por exemplo - para apresentar em fórum dos cabo-verdianos - normalmente eu faço sempre em crioulo [...], L 309-310*

INF9: *[...] mas já... eu já cheguei a barafustar com alguém que queria que eu fizesse a comunicação em português e neguei-me -- neguei-me terminantemente -- e acabou por me convencer a escrever [...]mas na altura da escrita não consegui - acabei escrevendo em crioulo -- mas como já tinha compromisso com ele - tive que me dar ao trabalho - depois de estar tudo escrito traduzi para português -- quando lá fui - "olha - aqui está o seu texto em português - mas o texto que vou apresentar é em crioulo", L 328-330, 339-342*

INF10: *[...] e é por isso que eu lembro-me de ter terminado a apresentação do livro da ¹²F2 dizendo que eu tinha cometido alguns erros mas que estava mais feliz por terem sido erros de crioulo [...], L 359-60*

INF12: *[...] não consigo e não concebo fazer uma palestra para estudantes - onde há professores também - fazer isso em crioulo[...], 219-220*

INF13: *[...] mas se eu vou... agora... falar sobre o código penal - numa conferência com magistrados e com advogados etc. - vai haver uma conferência já no próximo mês sobre o código penal e sobre uma série de coisas - de certeza que as pessoas vão exigir e preferiam que eu falasse português - esta que é a grande verdade -- porquê? porque vão considerar aí que vou ter de usar determinadas expressões técnicas em determinadas circunstâncias - e usar essas expressões num contexto de crioulo fica um bocadinho... como que um pé no mar outro na terra - não fica um discurso coerente - coeso - é essa a questão..., L 427-430*

INF14: *[...] se fossemos para uma palestra - alguns temas mais específicos - vamos supor - em áreas científicas - provavelmente -- mas também podem ser feitas em crioulo - nada exclui - mas até chegamos a uma situação em que o próprio crioulo é um crioulo que tem muitos termos da língua portuguesa - é nessas situações - mas não... não excluo essa utilização//, L 678-682*

¹² Linguista cabo-verdiana